



Ministério da Educação

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO SUPERIOR DE
LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

Guarulhos – São Paulo

Dezembro/ 2017

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Michel Miguel Elias Temer Lulia

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

José Mendonça Bezerra Filho

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA - SETEC

Marcos Antônio Viegas Filho

**REITOR DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE SÃO PAULO**

Eduardo Antonio Modena

PRÓ-REITOR DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Whisner Fraga Mamede

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Paulo Fernandes Júnior

PRÓ-REITOR DE ENSINO

Reginaldo Vitor Pereira

PRÓ-REITOR DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Elaine Inácio Bueno

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO

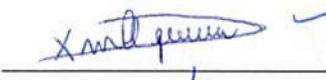
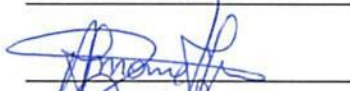
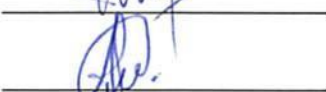
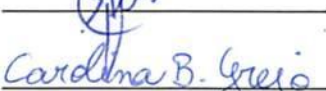
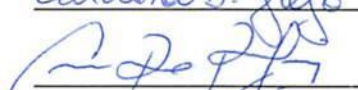
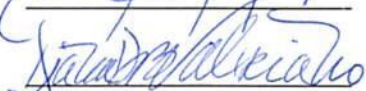
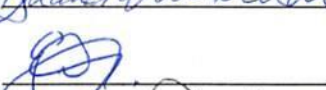
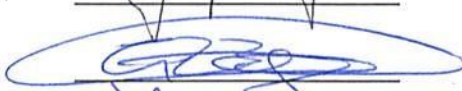
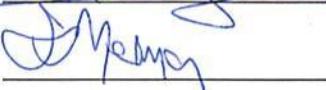
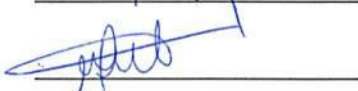
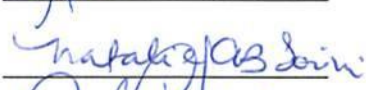
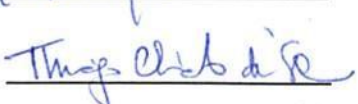
Wilson de Andrade Matos

DIRETOR GERAL DO CÂMPUS

Ricardo Agostinho de Rezende Junior

RESPONSÁVEIS PELA ELABORAÇÃO DESTE PPC

Núcleo Docente Estruturante (NDE), Pedagogo e Colaboradores:

Alexandre de Paula Franco	Colaborador	
Ana Paula Ximenes Flores	NDE	
Antonio Luis Mometti	NDE	
Armando Handaya	NDE	
Ataide Ribeiro da Silva Juinor	Colaborador	
Carolina Bueno Grejo	Colaboradora	
Cesar Ricardo Peon Martins	NDE	
Diana Damasceno Barreto Valeriano	Colaboradora	
Emanoel Fabiano Menezes Pereira	Colaborador	
Felipe Rodrigues da Silva	Colaborador	
Gema Galgani Rodrigues Bezerra	NDE	
Leonardo Silvestre Neman	Colaborador	
Maly Magalhães Freitas	NDE	
Natalie Archas Bezerra Torini	Pedagoga	
Rogério Marques Ribeiro	NDE	
Thiago Clarindo da Silva	Colaborador	

Outros Colaboradores

Ana Elisa Cronéis Zambon

Hamilton Piva Dominguez

Mary Grace Pereira Andrioli

Roberto Seidi Imafuku

SUMÁRIO

1. IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	11
1.1. IDENTIFICAÇÃO DO CÂMPUS	12
1.2. MISSÃO	13
1.3. CARACTERIZAÇÃO EDUCACIONAL	13
1.4. HISTÓRICO INSTITUCIONAL	13
1.5. HISTÓRICO DO CÂMPUS E SUA CARACTERIZAÇÃO	15
2. JUSTIFICATIVA E DEMANDA DE MERCADO	17
2.1 O MERCADO DE TRABALHO PARA O LICENCIADO EM MATEMÁTICA	24
2.2 CONCEPÇÃO E PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS DO CURSO	24
3. OBJETIVOS DO CURSO	30
3.1 OBJETIVO GERAL	30
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	30
4. PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO.....	31
5. FORMAS DE ACESSO AO CURSO	32
6. LEGISLAÇÃO DE REFERÊNCIA	32
6.1. PARA OS CURSOS DE LICENCIATURA	34
7. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	34
7.1. IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	42
7.2. ESTRUTURA CURRICULAR.....	43
7.3. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PERFIL DE FORMAÇÃO.....	45
7.4. PRÉ-REQUISITOS.....	50
7.5. EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA	51
7.6. EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	52
7.7. DISCIPLINA DE LIBRAS	53
7.8. DISCIPLINAS ELETIVAS E OPTATIVAS.....	53
7.9. PLANOS DE ENSINO	54
8. METODOLOGIA.....	173
9. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	174
10. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)	176
11. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO.....	178
12. ATIVIDADES TEÓRICO-PRÁTICAS DE APROFUNDAMENTO	185
13. ATIVIDADES DE PESQUISA	191
14. ATIVIDADES DE EXTENSÃO	192
15. CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE ESTUDOS.....	193
16. APOIO AO DISCENTE.....	194
17. AÇÕES INCLUSIVAS	195
18. AVALIAÇÃO DO CURSO.....	196
19. EQUIPE DE TRABALHO	200

19.1. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE	200
19.2. COORDENADOR DO CURSO	201
19.3. COLEGIADO DE CURSO	202
19.4. CORPO DOCENTE	203
19.5. CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO / PEDAGÓGICO	204
20.BIBLIOTECA	206
21. INFRAESTRUTURA	210
21.1. INFRAESTRUTURA FÍSICA.....	210
21.2. ACESSIBILIDADE.....	211
21.3. LABORATÓRIOS DE INFORMÁTICA.....	212
21.4. LABORATÓRIOS ESPECÍFICOS.....	213
22. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	215
23. MODELOS DE CERTIFICADOS E DIPLOMAS.....	216

TABELAS

Tabela 1. Demanda versus Licenciados	19
Tabela 2. Distribuição de Carga Horária por Atividades.....	41
Tabela 3. Distribuição de Carga Horária por Semestre	41
Tabela 4. Identificação do Curso	42
Tabela 5. Estrutura Curricular	43
Tabela 6. Pré-Requisitos Recomendados.....	50
Tabela 7. Estágio Supervisionado	179
Tabela 8. Grupos de Atividades e documentação comprobatória.....	186
Tabela 9. Colegiado	199
Tabela 10. Núcleo Docente Estruturante	200
Tabela 11. Corpo Docente.....	203
Tabela 12. Corpo Técnico-Administrativo/Pedagógico.....	204
Tabela 13. Acervo da Biblioteca do IFSP Gru	209
Tabela 14. Infraestrutura Física	210
Tabela 15. Laboratório de Informática.....	212
Tabela 16. Laboratório de Ensino da Matemática.....	213
Tabela 17. Laboratório de Física Experimental	214

FIGURAS

Figura 1. Saesp 2015.....	20
Figura 2. Representação Gráfica do Perfil de Formação	47
Figura 3. O Homem Vitruviano.....	49

PLANOS DE ENSINO

PLANO DE ENSINO 1.	Elementos da Profissão Docente	55
PLANO DE ENSINO 2.	Fundamentos de Matemática 1	57
PLANO DE ENSINO 3.	Geometria Plana 1	60
PLANO DE ENSINO 4.	Introdução à Lógica Matemática	64
PLANO DE ENSINO 5.	Leitura e Produção de Textos.....	67
PLANO DE ENSINO 6.	Filosofia da Educação	70
PLANO DE ENSINO 7.	Fundamentos de Geometria Analítica	73
PLANO DE ENSINO 8.	Fundamentos de Matemática 2	76
PLANO DE ENSINO 9.	Geometria Plana 2	79
PLANO DE ENSINO 10.	História da Educação.....	82
PLANO DE ENSINO 11.	Álgebra Linear 1	84
PLANO DE ENSINO 12.	Geometria Espacial.....	87
PLANO DE ENSINO 13.	Matemática Financeira	90
PLANO DE ENSINO 14.	Psicologia da Educação	93
PLANO DE ENSINO 15.	Sociologia da Educação	95
PLANO DE ENSINO 16.	Vetores e Geometria Analítica.....	97
PLANO DE ENSINO 17.	Álgebra Linear 2	99
PLANO DE ENSINO 18.	Cálculo Diferencial e Integral 1.....	101
PLANO DE ENSINO 19.	Didática	103
PLANO DE ENSINO 20.	Metodologia do Trabalho Científico.....	105
PLANO DE ENSINO 21.	Prática de Ensino de Matemática: Tecnologias e Educação Matemática.....	108
PLANO DE ENSINO 22.	Teoria dos Números.	110
PLANO DE ENSINO 23.	Álgebra 1.....	112
PLANO DE ENSINO 24.	Cálculo Diferencial e Integral 2.....	114
PLANO DE ENSINO 25.	Educação Inclusiva e Diversidade.	116
PLANO DE ENSINO 26.	História da Matemática.....	118
PLANO DE ENSINO 27.	Legislação da Educação Básica.....	120
PLANO DE ENSINO 28.	Prática de Ensino de Matemática: Laboratório de Ensino de Matemática.....	122
PLANO DE ENSINO 29.	Álgebra 2.....	124
PLANO DE ENSINO 30.	Cálculo Diferencial e Integral 3.....	126
PLANO DE ENSINO 31.	Estatística Descritiva	128
PLANO DE ENSINO 32.	Física 1.....	130
PLANO DE ENSINO 33.	Prática de Ensino de Matemática: Modelagem Matemática	132
PLANO DE ENSINO 34.	Políticas Públicas e Gestão da Educação Básica	135
PLANO DE ENSINO 35.	Cálculo Diferencial e Integral 4.....	138
PLANO DE ENSINO 36.	Língua Brasileira de Sinais 1	140
PLANO DE ENSINO 37.	Prática de Ensino de Matemática: Didática para o Ensino de Matemática.....	142
PLANO DE ENSINO 38.	Probabilidade e Inferência Estatística.....	145
PLANO DE ENSINO 39.	Cálculo Numérico.....	148
PLANO DE ENSINO 40.	Educação em Direitos Humanos	150
PLANO DE ENSINO 41.	Geometrias Não-Euclidianas	153
PLANO DE ENSINO 42.	Introdução à Análise Real	157

PLANO DE ENSINO 43. Prática de Ensino de Matemática: Resolução de Problemas	160
PLANO DE ENSINO 44. Física 2.....	163
PLANO DE ENSINO 45. Equações Diferenciais Ordinárias	165
PLANO DE ENSINO 46. Física 3.....	167
PLANO DE ENSINO 47. Introdução à Lógica de Programação.....	169
PLANO DE ENSINO 48. Língua Brasileira de Sinais 2	171

ANEXOS

ANEXO 1. Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso	218
ANEXO 2. Termo de Compromisso de orientação de TCC	221
ANEXO 3. Ata de Qualificação de TCC	222
ANEXO 4. Ata de Defesa de TCC	223
ANEXO 5. Regulamento das Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento	224
ANEXO 6. Folha de Rosto de Portfólio de Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento	229
ANEXO 7. Ficha de Registro das Atividades Realizadas.....	230
ANEXO 8. Relatório Final	231
ANEXO 9. Comprovante de Visita a Instituição	232
ANEXO 10. Resenha ou Relatório.....	233

1. IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

NOME: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

SIGLA: IFSP

CNPJ: 10882594/0001-65

NATUREZA JURÍDICA: Autarquia Federal

VINCULAÇÃO: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC)

ENDEREÇO: Rua Pedro Vicente, 625 – Canindé – São Paulo/Capital

CEP: 01109-010

TELEFONE: (11) 3775-4502 (Gabinete do Reitor)

FACSIMILE: (11) 3775-4501

PÁGINA INSTITUCIONAL NA INTERNET: <http://www.ifsp.edu.br>

ENDEREÇO ELETRÔNICO: gab@ifsp.edu.br

DADOS SIAFI: UG:158154

GESTÃO: 26439

NORMA DE CRIAÇÃO: Lei nº 11.892 de 29/12/2008

NORMAS QUE ESTABELECEM A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL ADOTADA NO PERÍODO: Lei Nº 11.892 de 29/12/2008

FUNÇÃO DE GOVERNO PREDOMINANTE: Educação

1.1. Identificação do Câmpus

NOME: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Câmpus: Guarulhos

SIGLA: IFSP - GRU

CNPJ: 10.882.594/0009-12

ENDEREÇO: Av. Salgado Filho, 3501, Centro, Guarulhos

CEP: 07115-000

TELEFONES: (11)2304-4259; (11) 2304-4260

FACÍMILE: (11) 2763-7650 (Reitoria)

PÁGINA INSTITUCIONAL NA INTERNET: <http://portal.ifspguarulhos.edu.br/>

ENDEREÇO ELETRÔNICO: proensino@ifsp.edu.br

DADOS SIAFI: UG: 158348

GESTÃO: 26439

AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO: Portaria Ministerial nº. 2.113, de
06/06/2006

1.2. Missão

Consolidar práxis educativa que contribua para a inserção social, a formação integradora e a produção do conhecimento.

1.3. Caracterização Educacional

A Educação Científica e Tecnológica ministrada pelo IFSP é entendida como um conjunto de ações que buscam articular os princípios e aplicações científicas dos conhecimentos tecnológicos à ciência, à técnica, à cultura e às atividades produtivas. Esse tipo de formação é imprescindível para o desenvolvimento social da nação, sem perder de vista os interesses das comunidades locais e suas inserções no mundo cada vez mais definido pelos conhecimentos tecnológicos, integrando o saber e o fazer por meio de uma reflexão crítica acerca das atividades da sociedade atual, em que novos valores reestruturam o ser humano. Assim, a educação exercida no IFSP não está restrita a uma formação meramente profissional, mas contribui para a iniciação na ciência, nas tecnologias, nas artes e na promoção de instrumentos que levem à reflexão sobre o mundo, como consta no PDI institucional.

1.4. Histórico Institucional

O primeiro nome recebido pelo Instituto foi o de Escola de Aprendizes e Artífices de São Paulo. Criado em 1910, inseriu-se nas atividades do governo federal no estabelecimento da oferta do ensino primário, profissional e gratuito. Os primeiros cursos oferecidos foram os de tornearia, mecânica e eletricidade, além das oficinas de carpintaria e artes decorativas.

O ensino no Brasil passou por uma nova estruturação administrativa e funcional no ano de 1937 e o nome da Instituição foi alterado para Liceu Industrial de São Paulo, denominação que perdurou até 1942. Nesse ano, através de um Decreto-Lei, introduziu-se a Lei Orgânica do Ensino Industrial, refletindo a decisão governamental de realizar profundas alterações na organização do ensino técnico.

A partir dessa reforma, o ensino técnico industrial passou a ser organizado como um sistema, passando a fazer parte dos cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação. Com um Decreto posterior, o de nº 4.127, também de 1942, deu-se a

criação da Escola Técnica de São Paulo, visando à oferta de cursos técnicos e de cursos pedagógicos.

Esse decreto, porém, condicionava o início do funcionamento da Escola Técnica de São Paulo à construção de novas instalações próprias, mantendo-a na situação de Escola Industrial de São Paulo enquanto não se concretizassem tais condições. Posteriormente, em 1946, a escola paulista recebeu autorização para implantar o Curso de Construção de Máquinas e Motores e o de Pontes e Estradas.

Por sua vez, a denominação Escola Técnica Federal surgiu logo no segundo ano do governo militar, em ação do Estado que abrangeu todas as escolas técnicas e instituições de nível superior do sistema federal. Os cursos técnicos de Eletrotécnica, de Eletrônica e Telecomunicações e de Processamento de Dados foram, então, implantados no período de 1965 a 1978, os quais se somaram aos de Edificações e Mecânica, já oferecidos.

Durante a primeira gestão eleita da instituição, após 23 anos de intervenção militar, houve o início da expansão das unidades descentralizadas – UNEDs, sendo as primeiras implantadas nos municípios de Cubatão e Sertãozinho.

Já no segundo mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso, a instituição tornou-se um Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), o que possibilitou o oferecimento de cursos de graduação. Assim, no período de 2000 a 2008, na Unidade de São Paulo, foi ofertada a formação de tecnólogos na área da Indústria e de Serviços, além de Licenciaturas e Engenharias.

O CEFET-SP transformou-se no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) em 29 de dezembro de 2008, através da Lei nº 11.892, sendo caracterizado como instituição de educação superior, básica e profissional.

Nesse percurso histórico, percebe-se que o IFSP, nas suas várias caracterizações (Escolas de Artífices, Liceu Industrial, Escola Industrial, Escola Técnica, Escola Técnica Federal e CEFET), assegurou a oferta de trabalhadores qualificados para o mercado, bem como se transformou numa escola integrada no nível técnico, valorizando o ensino superior e, ao mesmo tempo, oferecendo oportunidades para aqueles que não conseguiram acompanhar a escolaridade regular.

Além da oferta de cursos técnicos e superiores, o IFSP – que atualmente conta com 37 câmpus – contribui para o enriquecimento da cultura, do empreendedorismo e cooperativismo e para o desenvolvimento socioeconômico da região de influência de cada câmpus. Atua também na pesquisa aplicada destinada à elevação do potencial das atividades produtivas locais e na democratização do conhecimento à comunidade em todas as suas representações.

1.5. Histórico do Câmpus e sua caracterização

A Unidade Descentralizada de Guarulhos foi idealizada no âmbito do PROTEC, Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico, lançado no Governo José Sarney. Ele foi instituído em 1986 visando à criação de 100 escolas técnicas, número logo ampliado para 200, através da criação de Unidades de Ensino Descentralizadas (UNED). Vinculadas aos CEFETs e ETFs, tais UNEDs foram concebidas preferencialmente em áreas ainda não atendidas pelas escolas da rede federal. No ano de 1991, foi celebrado um Convênio de Cooperação Técnica entre o Ministério da Educação, a Escola Técnica Federal de São Paulo e a Prefeitura do Município de Guarulhos, que tratou do repasse de recursos para a construção da Escola.

Em face aos problemas na execução do convênio e constantes adaptações no espaço físico existente, o processo de construção da UNED de Guarulhos sofreu um período de paralisação.

Em 2002 ocorreu a assinatura de um novo convênio, agora junto ao PROEP (Programa de Expansão da Educação Profissional) – MEC e a AGENDE, Agência de Desenvolvimento e Inovação de Guarulhos, para a adaptação do prédio escolar e aquisição de equipamentos. Essa condição de financiamento indicava o ingresso da escola no segmento comunitário da expansão das Escolas de Educação Profissional.

Embora o novo convênio estivesse direcionado para o início do funcionamento de alguns cursos, o repasse financeiro não contemplou a finalização de todos os prédios escolares previstos no projeto original.

Nesse quadro, durante o período de 2002 a 2006, coube à AGENDE a administração do espaço físico, prédios e equipamentos para o funcionamento do Centro Profissionalizante de Guarulhos.

Entre os anos de 2004 e 2005, a Prefeitura do Município de Guarulhos inicia as discussões junto ao CEFET-SP buscando a refederalização da escola. Fruto dessa articulação foi o encaminhamento dessa demanda junto ao Governo Federal, por intermédio do Ministério da Educação, que culminou com a assinatura, pelo Ministro da Educação Tarso Genro, da Portaria Ministerial nº. 2.113 de 16/06/2005 autorizando o CEFET-SP a implantar o funcionamento da UNED Guarulhos.

Embora com a autorização de funcionamento já definida, a Unidade Guarulhos ainda não dispunha de condições ideais de funcionamento, no que diz respeito à existência de pessoal concursado e recursos financeiros necessários às despesas de custeio.

Dessa forma, novamente, foi fundamental o apoio do governo municipal consubstanciado na assinatura de um convênio de cooperação técnica que previa o repasse de recursos financeiros da ordem de aproximadamente R\$ 300.000,00 no período compreendido entre 2006 e 2007. Esses recursos, administrados pela AGENDE, seriam destinados à contratação de pessoal e manutenção da escola, sem que, no entanto, houvesse a possibilidade de aplicação em investimentos em equipamentos.

Considerando a crescente carência de mão-de-obra especializada nas diversas áreas do saber, o Governo Federal autorizou o funcionamento desta Unidade com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da região e promover educação profissional e tecnológica de qualidade nos seus diversos níveis. Por intermédio da Unidade de Guarulhos, o CEFET-SP busca a verticalização de sua atuação, objetivando uma ação educadora consistente e adequada à realidade do mundo do trabalho em consonância aos interesses e necessidades da sociedade.

Após essas definições, o início efetivo de funcionamento da escola ocorreu em janeiro de 2006 com a oferta das primeiras oitenta vagas do Curso Técnico de Programação e Desenvolvimento de Sistemas, distribuídas nos períodos vespertino e noturno (oferta que vem se mantendo estável, semestralmente, a partir de então).

No início do ano de 2007, a Unidade Guarulhos iniciou a oferta de seu segundo Curso Técnico de nível médio na área de Automação, também, com a oferta de oitenta vagas semestrais.

Ainda no primeiro semestre de 2007 a Unidade iniciou seu trabalho oferecendo o curso de Qualificação Básica, exclusivamente aos alunos da rede pública de ensino, na tentativa de atender à população mais carente com instrumentos voltados à sua inclusão social.

No 2º semestre de 2008, tiveram início dois cursos superiores na Unidade Descentralizada de Guarulhos: Licenciatura em Matemática (40 vagas matutino) e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (40 vagas no período noturno).

No 1º semestre de 2017, foram iniciados dois cursos técnicos integrados ao Ensino Médio – Curso Integrado de Mecatrônica e Curso Integrado de Informática –, que receberam, cada um, 40 alunos que estudam em período integral (manhã e tarde). Também se deu a oferta do curso de Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação, com a oferta de 40 vagas em período integral.

Os cursos do CEFET de Guarulhos, hoje IFSP, além de estarem sintonizados com as necessidades do município, têm por meta dar condições a seus alunos de conquistarem seu espaço no mercado de trabalho e progredir com sucesso. E a qualidade do ensino contribui para que o profissional qualificado tenha inúmeras oportunidades de emprego.

2. JUSTIFICATIVA E DEMANDA DE MERCADO

No final do ano 2000, a imprensa divulgou o resultado da participação brasileira no “Project for International Student Assessment” (Pisa) – prova elaborada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) –, que avaliou o desempenho de estudantes na faixa de 15 anos, em 32 países.

O Pisa testou o desempenho dos alunos em Matemática, Ciências e Leitura e o Brasil obteve o pior resultado em todas essas provas. Enquanto a média internacional foi de 500 pontos, os estudantes brasileiros alcançaram 396 em Leitura, 375 em Ciências e 334 em Matemática, o que nos deixou em último lugar.

De acordo com os avaliadores do Pisa, estudantes com resultados de até 400 pontos conseguem elaborar apenas uma etapa simples do raciocínio matemático, associando fatores básicos. Esta é a situação de aproximadamente 75% de nossos estudantes por não atingirem 400 pontos. Além disso, 95% do conjunto deles ficaram

abaixo de 500 pontos. Acima de 600 pontos estariam os jovens capazes de algum raciocínio mais elaborado. Todos os países participantes tiveram algum percentual nessa faixa, com exceção do Brasil.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais INEP/ MEC e o Sistema Nacional de Avaliação Básica -SAEB, são poucos os alunos concluintes do Ensino Fundamental que chegam a ultrapassar o nível de proficiência¹ 325 (apenas 10%). De acordo com Alves (2002), os baixos percentuais de alunos que apresentam o desempenho mínimo esperado em Matemática, na etapa de escolarização em que se encontram, podem ser consequência das defasagens adquiridas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A publicação "Estatísticas dos Professores no Brasil"², do INEP, em outubro de 2003, mostra um diagnóstico sobre a situação da educação brasileira, reunindo as principais estatísticas sobre a situação dos professores no país, desde a Creche até o Ensino Superior.

É interessante observar que, na apresentação da publicação citada, os autores dos textos alertam para o fato de que não bastam inúmeras leis, resoluções, decretos e pareceres que regulem a formação e a profissão docente, uma vez que esta ampla produção normativa ainda não foi capaz de transformar, de modo efetivo e sustentável, a realidade desses profissionais, e, em particular, do(a) professor(a) que atua na Educação Básica.

Embora ainda tenhamos desafios imensos no que se refere à melhoria das condições e dos resultados de avaliação na educação básica, especialmente quando se trata de matemática, existem algumas evidências que apontam avanços em aspectos da educação básica. Podemos citar, por exemplo, os resultados do PISA 2012³, que demonstram que o Brasil é o país que mais avançou no resultado de matemática entre todos os avaliados. Neste cenário o desempenho dos estudantes

¹ As escalas de proficiência: teoria estatística utilizada no SAEB que permite a construção de uma escala para cada disciplina, que engloba as três séries avaliadas e ordena o desempenho dos alunos em um *continuum* (do mais baixo para o mais alto). Isto é possibilitado pela aplicação de itens comuns entre séries e a transformação Equalização das escalas de cada disciplina entre séries para obtenção de uma escala comum a todas as séries. (ALVES, 2002, p. 96).

² <http://www.sbfisica.org.br/arquivos/estatisticas_professores_INEP_2003.pdf>. Acesso em 03 jul. 2017.

³ <<http://www.ebc.com.br/educacao/2013/12/ranking-do-pisa-2012>>. Acesso em 17 jun. 2017.

brasileiros na faixa etária de 15 anos passou de 356 para 391 pontos no período entre 2003 e 2012.

Entretanto, passados três anos a nota média dos jovens brasileiros em matemática, no Pisa 2015, foi de 377 pontos, significativamente inferior à dos estudantes dos países da OCDE (490), sendo que os 10% dos estudantes brasileiros com pior desempenho em matemática no PISA 2015 obtiveram nota média igual a 267, e os 10% de melhor desempenho, 496. A Costa Rica é o país que apresenta menor diferença entre esses grupos de alunos (174 pontos).

Complementarmente, quando analisamos os dados de desempenho dos estudantes brasileiros em Matemática nas diferentes regiões do país, constatamos que o ensino e a aprendizagem desta área se mostram como um problema endêmico, pois resultados se repetem em muitas unidades da federação, o que demonstra a importância dos intercâmbios de experiências entre os Institutos Federais que mantêm tal licenciatura. Apenas cinco estados da federação apresentam desempenho acima da média nacional, enquanto que outros oito estados estão abaixo de tal média.

Os dados na Tabela 1 sobre o número estimado de professores necessários em 2002, o número de licenciados no período de 1990 a 2001 e a previsão para o número de professores necessários até 2010, segundo sua área de formação, mostram que, para cobrir a demanda de 106.634 professores de Matemática em 2002, seria necessário quase o dobro do número de formandos.

Tabela 1. Demanda *versus* Licenciados

Disciplinas	Demanda Estimada			Número de Licenciados	
	Ensino Médio	Ensino Fund.	<u>Total</u>	1990-2001	2002-2010
Língua Portuguesa	47.027	95.152	142.17	52.829	221.981
Matemática	35.270	71.364	106.63	52.829	162.741
Biologia	23.514	95.152	55.231	52.829	126.488
Física	23.514		55.231	7.216	14.247
Química	23.514	(Ciências)	55.231	13.559	25.397
Língua Estrangeira	11.757	47.576	59.333	13.559	219.617
Educação Física	11.757	47.576	59.333	76.666	84.916
Educação Artística	11.757	23.788	35.545	31.464	2.400
História	23.514	47.576	71.089	74.666	102.602
Geografia	23.514	47.576	71.089	53.509	89.121
Total	234.138	475.760	710.89	429.126	1.049.510

Fonte: MEC/Inep.

As secretarias estaduais de educação de diversos estados brasileiros, incluindo São Paulo, revelam uma deficiência crônica de docentes qualificados para lecionar Física, Química e Matemática⁴. Os dados do Provão de 2000, o primeiro que inclui os profissionais formados nos quatro cursos da área de Ciências da Natureza, revelam o baixo número de formandos.

Os dados apresentados pelo SARESP – Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (2015) também demonstram que menos de 1% dos alunos que concluem o ensino médio possuem desempenho acadêmico considerado avançado em Matemática, nas escolas estaduais de Guarulhos. Os dados também são alarmantes quando considerados os alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, pois menos de 5% dos alunos se encontram no nível de proficiência avançado.

Por outro lado, se nos detivermos aos alunos que, segundo os dados da mesma avaliação em Matemática, concentram-se em nível de proficiência abaixo do básico, verificaremos que mais de 25% dos alunos que concluem o ensino fundamental não possuem os conhecimentos fundamentais nesta área do saber, e tal situação é ainda mais agravante quando lidamos com os dados dos concluintes do ensino médio, no qual se concentram mais de 43% dos alunos com proficiência abaixo do básico, conforme os dados a seguir:

Figura 1. Saresp 2015

7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL					
CLASSIFICAÇÃO	NÍVEL		REDE ESTADUAL	RMSP	DIRETORIA DE ENSINO
Insuficiente	Abaixo do Básico	< 175	15,7	17,2	16,4
	Básico	175 a < 225	37,1	37,9	41,4
Suficiente	Adequado	225 a < 275	35,6	34,7	31,8
	Básico + Adequado		72,6	72,6	73,0
Avançado	Avançado	≥ 275	11,7	10,2	10,6
9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL					
CLASSIFICAÇÃO	NÍVEL		REDE ESTADUAL	RMSP	DIRETORIA DE ENSINO
Insuficiente	Abaixo do Básico	< 200	21,7	24,8	25,5
	Básico	200 a < 275	56,2	56,1	56,2
Suficiente	Adequado	275 a < 325	19,3	16,9	16,5
	Básico + Adequado		75,5	73,0	72,6
Avançado	Avançado	≥ 325	2,8	2,2	1,9
3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO					
CLASSIFICAÇÃO	NÍVEL		REDE ESTADUAL	RMSP	DIRETORIA DE ENSINO
Insuficiente	Abaixo do Básico	< 250	34,4	38,6	43,2
	Básico	250 a < 300	38,0	37,1	35,9
Suficiente	Adequado	300 a < 375	27,0	23,9	20,4
	Básico + Adequado		65,0	61,1	56,3
Avançado	Avançado	≥ 375	0,5	0,4	0,4

Fonte: SEE 2016

⁴ Conforme reportagem da Revista Nova Escola. Edição de Dezembro de 1999. As informações podem ser obtidas na página da Internet: <www.uol.com.br/novaescola/ed/128_dez99> acesso 14 jun. 2007.

Tomando apenas tais dados de 2015 como referência, e ainda considerando que eles remetem a uma realidade que tem se repetido na última década quando se trata de análise de desempenho de alunos de ensino fundamental e médio em matemática, é possível inferir que a formação de professores nessa área de conhecimento precisa ser tratada como prioridade educativa, acadêmica e institucional, sobretudo nas instituições públicas de ensino superior, que têm assumido grande parte na manutenção de egressos das licenciaturas, de vez que a maioria das instituições privadas tem limitado, ou abandonado tal oferecimento.

No município de Guarulhos, não havia uma instituição pública que oferecesse o curso de Licenciatura em Matemática, somente existiam três IES particulares com uma oferta de 120 vagas, mas elas não eram preenchidas, devido aos alunos não possuírem condições financeiras e às IES não oferecerem PROUNI. Com o Curso de Licenciatura em Matemática na unidade descentralizada de Guarulhos do CEFET-SP, a população passou a ter uma opção de ensino superior público e gratuito e, principalmente, de qualidade.

O documento publicado pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), regional São Paulo, originado no “Fórum Paulista de Formação do Professor: Projetos e Perspectivas”, realizado em abril de 2007 na cidade de Itatiba-SP, demonstra um perfil da situação dos cursos de Licenciatura em Matemática e da formação que está sendo oferecida no estado. De acordo com ele, a formação dos cursos das IES, proposta pela maioria dos cursos de licenciatura do estado de São Paulo em instituições particulares, não atende às necessidades de profissionalização docente, principalmente ao se considerar o perfil do aluno que ingressa nesses cursos, tal como apontado no relatório do Enade/2005. Esse aluno vem de escola pública, período noturno e chega ao Ensino Superior com uma séria defasagem de conteúdo, exigindo um trabalho mais profícuo para que se aproprie do conhecimento necessário ao exercício da profissão docente. Sem formação adequada, ele assume aulas na rede pública e inicia seu trabalho.

Ao detectar essa deficiência, as Secretarias de Educação investem em grandes programas de formação continuada. Apesar de haver algumas experiências bem sucedidas, o referido documento afirma que os resultados, em geral, não são compatíveis com o alto investimento nesses projetos, pois o professor se dirige às universidades, aos sábados, para participar de cursos, muitas vezes ministrados por

profissionais sem formação adequada e também com inúmeras falhas. Em seguida, ele volta ao seu trabalho solitário em sala de aula, sem condições de promover mudanças significativas em sua prática.

Exemplo de tal investimento foi a realização, por exemplo, do curso MGME – Melhor Gestão, Melhor Ensino, para os docentes de Língua Portuguesa e Matemática, especificamente os que atuavam em anos iniciais do ensino fundamental e ensino médio. Em Guarulhos, foram inscritos cerca de 148 professores no curso, cuja carga horária relacionada ao currículo, procedimentos didáticos e avaliação em Matemática foi desenvolvida a distância. Todavia, apenas cerca de 60% dos cursistas chegaram até o final do curso, o que demonstra a importância de IES também se dedicarem à organização de propostas de formação continuada para professores de Matemática.

Na avaliação da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), uma experiência que tem se mostrado eficiente para uma modificação qualitativa no trabalho docente é a bolsa de mestrado oferecida pelo governo estadual de São Paulo, assim como a existência de grupos de estudo e pesquisa sobre a prática docente. Os professores têm assumido posições mais reflexivas ao atuarem também como pesquisadores, uma vez que os estudos e pesquisas estão diretamente relacionados aos problemas que enfrentam no seu cotidiano de trabalho e, desse modo, rompem a cultura do individualismo e da solidão docente.

No entanto, essas iniciativas são pouco significativas se considerarmos a grande quantidade de professores da rede pública que necessita dessa formação e a deseja. Neste sentido, também se coloca como premissa a valorização da profissão docente durante a formação dos professores de matemática, uma vez que é uma das áreas que mais expressam a evasão de professores da educação básica, por exemplo, na rede estadual. Pode-se citar a realização do último concurso para ingresso no magistério estadual paulista, em 2013, que em Guarulhos teve aprovados cerca de 240 professores para alçarem à condição de titulares de cargo; entretanto, logo na segunda chamada, em 2015, já não haviam mais candidatos a serem convocados, o que demonstra a existência de campo de atuação e carência de profissionais com formação para tal aprovação, inclusive. Atualmente, em Guarulhos, na rede estadual de São Paulo, cerca de 85% dos docentes de Matemática são titulares de cargo.

A sugestão da SBEM é que as instituições que têm experiências promissoras com a formação de professores proponham modelos às políticas públicas e, para isso, recebam apoio governamental para executá-los. Há que se criar mecanismos de incentivo ao professor para participar de projetos de formação continuada em modelos mais reflexivos e de investigação.

A reportagem publicada no jornal “O Estado de S. Paulo”, que reafirma a necessidade de professores de Matemática, descreve a proposta do governo em que um dos eixos é dedicado ao Ensino de Ciências e informa resumidamente o que foi regulamentado no Decreto nº 6095, de 24 de abril de 2007.

[...] A ideia é que os atuais Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets) possam se transformar em Institutos Federais de Ciência e Tecnologia. Eles terão de concentrar metade do orçamento em Educação Básica Profissionalizante e a outra metade no Ensino Superior Tecnológico. Nesse caso, 20% terá de ser para cursos de licenciatura em ciências, física, química e matemática. Além disso, terão a obrigação de apoiar a rede pública de ensino na formação de professores. Hoje o país tem um déficit de 200 mil professores nessas áreas (Estado de S. Paulo, 14 de mar de 2007).

No panorama atual da educação brasileira, não basta formar mais professores, mas formá-los com qualidade, conscientes da responsabilidade social e da dimensão política de seu trabalho. Os graves problemas da Educação Básica brasileira, tanto na esfera pública quanto na privada, justificam a necessidade de um curso de qualidade, integralmente voltado para a formação de professores que tenham capacidade de enfrentá-los, analisá-los, propor e implementar inovações que busquem a melhoria da qualidade da Educação para todos, em consonância com a Meta 15 do Plano Nacional de Educação, aprovada pela Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014 que visa assegurar que “todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam.”

O IFSP-GRU conta com um quadro de professores na área de Matemática, Automação e Informática, além de professores para cada uma das áreas do Ensino Médio, de larga experiência acadêmica e profissional. O quadro foi completado com professores formados na área específica de Educação Matemática, Letras (para as aulas de leitura e produção de textos), Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e de Pedagogia (para trabalharem as disciplinas pedagógicas e colaborarem na prática de ensino). Além da experiência, seu corpo docente possui um bom nível de qualificação acadêmica, com especialistas, mestres e doutores em várias áreas do conhecimento,

em que são atuantes, participando do debate atual sobre as principais questões colocadas para a Educação, no Brasil e internacionalmente. Esses profissionais dão uma contribuição relevante pelo seu compromisso com o avanço nos processos de ensino-aprendizagem, pesquisa e extensão.

Esse Projeto Pedagógico é apresentado como reformulação do curso de Licenciatura em Matemática já existente, para atender à resolução nº 2 de 1º de julho de 2015, bem como às demandas identificadas por diferentes sujeitos, tais como docentes e discentes.

2.1 O Mercado de Trabalho para o Licenciado em Matemática

O Licenciado em Matemática tem como atuação central a docência na Educação Básica. Especificamente, o curso visa prepará-lo para atuar como professor em instituições de ensino que oferecem cursos de ensino fundamental II e ensino médio.

As habilidades e competências adquiridas ao longo da formação do licenciado em matemática, tais como o raciocínio lógico, a postura crítica e a capacidade de resolver problemas, possibilitam que esse profissional seja capaz de exercer outras funções no mercado de trabalho, para além de sua atuação central e, portanto, fora da sala de aula.

Entre essas outras funções, destacamos a possibilidade de atuação em áreas, como por exemplo: (i) editoras ou em órgãos privados e públicos, por meio da elaboração e análise de materiais didáticos, como livros didáticos e paradidáticos, programas computacionais, ambientes virtuais de aprendizagem, entre outros; (ii) espaços de educação não-formal, como museus, organizações não governamentais na área de Educação e feiras de divulgação científica; (iii) consultorias, de forma autônoma; (iv) instituições que procurem pela formação específica do Licenciado em Matemática; (v) instituições que desenvolvem pesquisas educacionais; entre outras.

2.2 Concepção e Princípios Pedagógicos do Curso

Não se pode conhecer as partes sem conhecer o todo, nem conhecer o todo sem conhecer as partes. (PASCAL, séc. XVII)

O curso de Licenciatura em Matemática está alicerçado nos quatro pilares da Educação de Jacques Delors ⁵ e respeita “*Os sete saberes necessários à educação do futuro*”, de Edgar Morin⁶.

Na esteira desta perspectiva pedagógica com referencial teórico no aprender e aprender, como defende Delors (2001), assenta-se o conceito de aprendizagem significativa, já discutido em Ausubel, Bruner, Merieu, Pozo, dentre outros. Tido como elemento central na perspectiva construtivista, esse conceito implica, necessariamente, o trabalho simbólico de “significar” a parcela da realidade que se conhece. Logo, as aprendizagens que os alunos realizam na escola serão significativas à medida que conseguirem estabelecer relações substantivas e não arbitrárias entre os conteúdos escolares e os conhecimentos previamente construídos por eles, num processo de articulação de novos significados.

Seu projeto foi concebido com base num conjunto de competências profissionais em consonância com as propostas dos documentos “Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior”, homologado pela resolução CNE/CP nº 2, de 01/07/2015, e “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada de profissionais do Magistério da Educação Básica” - Parecer CNE/CP nº 2/2015, homologado em 24/06/2015, ambos elaborados pelo Conselho Nacional de Educação e observando os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Básico.

Assim, para que o trabalho educativo no ensino da matemática tenha significado, é imprescindível que o egresso do curso de licenciatura, a partir de uma postura investigativa sobre sua formação e sua prática, compreenda e desvende os desafios da própria docência.

Compreender a dinâmica de exigências profissionais para o professor, sobretudo proveniente dos muitos desafios impostos à educação, requer que

⁵ EDUCAÇÃO um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos (aprender a viver com os outros); aprender a ser.

⁶ Enunciados por Edgar Morin: As Cegueiras do Conhecimento; O Erro e a Ilusão; Os Princípios do Conhecimento Pertinente; Ensinar a Condição Humana; Ensinar a Identidade Terrena; Enfrentar as Incertezas; Ensinar a Compreensão; a Ética do Gênero Humano.

superemos a cegueira de uma formação apenas propedêutica, mas que também esteja atenta à condição humana, à construção de nossa própria identidade, à existência de um contexto de permanentes incertezas, para as quais o conhecimento deve estar a serviço da compreensão e aprendizagem, como sugere Morin (2002).

As competências selecionadas para representar todas aquelas que se quer potencializar no curso e que se fundamentam em princípios éticos, humanísticos, políticos e pedagógicos são:

- A) Expressar-se com clareza;
- B) Contextualizar aplicações da Matemática em situações do cotidiano (transversalidade) e inter-relacionar conceitos e propriedades matemáticas para utilizá-los também em outras áreas do conhecimento (interdisciplinaridade), percebendo a sua relevância no mundo contemporâneo;
- C) Compreender, criticar e utilizar diferentes metodologias e tecnologias para a resolução de problemas;
- D) Buscar a formação continuada, vendo sua prática profissional também como fonte de produção de conhecimento;
- E) Perceber a Matemática como uma ciência, construída por processos históricos e sociais;
- F) Identificar, formular e resolver problemas aplicando linguagem lógico-dedutiva na análise da situação-problema;
- G) Pautar-se por princípios da sociedade democrática na difusão e aprimoramento de valores éticos e morais, no respeito e estímulo à diversidade cultural, bem como despertar o senso crítico no aluno;
- H) Dominar em profundidade e extensão os conteúdos disciplinares específicos de Matemática;
- I) Elaborar propostas de ensino-aprendizagem de Matemática para a Educação Básica;
- J) Analisar, selecionar e produzir materiais didáticos;
- K) Desenvolver e estimular pesquisas na área de Educação Matemática com o propósito de melhorar a qualidade de ensino e motivar os alunos;
- L) Analisar criticamente propostas curriculares de Matemática para a Educação Básica;

- M) Desenvolver estratégias de ensino que favoreçam a criatividade, a autonomia e a flexibilidade do pensamento matemático dos alunos, buscando trabalhar com mais ênfase nos conceitos do que nas técnicas, fórmulas e algoritmos;
- N) Perceber a prática docente de Matemática como um processo dinâmico, carregado de incertezas e conflitos, um espaço de criação e reflexão, em que novos conhecimentos são gerados e modificados continuamente;
- O) Contribuir para a realização de projetos coletivos dentro da Escola Básica.

A organização curricular do curso, fundamentada nesses princípios e valores, objetiva garantir o desenvolvimento de competências referentes às dimensões cultural, social e política da Educação. Tais competências favorecem as atividades de pesquisa, o conhecimento pedagógico, as interações com outras áreas, o aprofundamento da compreensão dos significados dos conceitos matemáticos na Educação Básica e de outros conteúdos, além daqueles que o futuro professor vai ensinar, porém articulados com estes. Cria-se, assim, um campo de aplicação e o aprofundamento na área para uma melhor compreensão do processo de ensino e aprendizagem, com uma transposição didática adequada.

A proposta pedagógica deste curso de licenciatura em Matemática propõe que estabeleçamos um processo contínuo de aprendizagem no qual há permanente interação entre o nível real e o nível potencial de desenvolvimento cognitivo e construção de conhecimentos pelos alunos, tanto na sua formação inicial, como posteriormente aos seus alunos, o que nos permite indicar que um dos pressupostos pedagógicos do curso também será de valorização dos conhecimentos anteriores e experiências acumuladas dos estudantes, num processo cumulativo e colaborativo de construção de saberes da ciência e da profissão, na perspectiva vigotskyana.

É esta premissa de permanente articulação que também orientará a definição do itinerário formativo dos alunos no curso de licenciatura em tendo como diretriz a sintonia entre os componentes curriculares mais fundamentalmente da própria matemática, os componentes com foco na formação didático-pedagógica, além das propostas a serem desenvolvidas tanto nas práticas pedagógicas como no estágio supervisionado, ou seja, os conteúdos “de” e “para” a formação de professores de matemática serão transversais nos diferentes eixos de formação do currículo do curso, sempre destacando a importância do fomento à atitude investigativa como base da

atuação de um professor pesquisador, num permanente movimento de envolvimento com o objeto principal do curso: a aprendizagem matemática e seu ensino.

O professor que ministrar aulas no curso formará professores e, portanto, fornecerá exemplos do que é ser professor. Ele deverá manter coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro professor, visto que o licenciando aprende a profissão em um lugar análogo àquele em que vai atuar, ainda que em uma situação invertida, em experiências coletivas, e preferencialmente colaborativas e colegiadas, desde o curso de formação inicial.

Ao expressar a concepção de construção de conhecimentos numa perspectiva articulada e investigativa, o que se propõe no curso é também a ressignificação dos modos de aprendizagem, valorizando as possibilidades colegiadas de construção do conhecimento nos diferentes eixos do currículo do curso, inclusive com a prática de atividades de investigação no interior de cada atividade formativa, sejam disciplinas, práticas, ou atividades complementares, pois, como sugere Nóvoa (2011), na colegialidade os professores podem encontrar maneiras compartilhadas de enfrentarem os novos desafios da profissão:

A colegialidade, a partilha e as culturas colaborativas não se impõem por via administrativa ou por decisão superior. A formação de professores é essencial para consolidar parcerias no interior e no exterior do mundo profissional e para reforçar o trabalho cooperativo dos professores. O exemplo de outras profissões, como os médicos, os engenheiros ou os arquitetos, pode inspirar os professores. A forma como construíram parcerias entre o mundo profissional e o mundo universitário, como criaram processos de integração dos mais jovens, como concederam uma grande centralidade aos profissionais mais prestigiados ou como se dispuseram a prestar contas públicas do seu trabalho são realidades para as quais vale a pena olhar com atenção. (NÓVOA, 2011)

Nesse processo de interação com o objeto a ser conhecido, e com os demais atores do processo, o sujeito constrói representações, que funcionam como verdadeiras explicações e que se orientam por uma lógica interna que, por mais que possa parecer incoerente aos olhos de outro, faz sentido para o sujeito. Esta é uma das maneiras por meio das quais o curso pretende enfatizar a possibilidade de a formação de professores ocorrer a partir de situações nas quais os profissionais sejam acompanhantes no processo de aprendizagem, superando a ideia de transmissão do conhecimento, para aquele que ajuda os alunos na construção, elaboração, problematização e organização dos conhecimentos (DELORS, 2001).

Assim, de acordo com o princípio da simetria invertida, a construção dessas competências profissionais é compromisso de todo o corpo docente e, logo, cada professor deverá estar comprometido com os valores definidos para o curso.

Considerando este cenário complexo e desafiador para a formação inicial de professores de Matemática, é determinante que superemos um currículo departamentalizado e uma formação superior restritiva, a fim de que o percurso formativo esteja voltado para ensinar a pensar com independência e liberdade, refletir, estabelecer diálogo global, assumir compromisso, agir operacionalizando para transformar o homem e a realidade. Isso significa que o profissional deve ser qualitativamente formado, em condições de atuar, atendendo também às exigências do mercado de trabalho e do mundo contemporâneo, sendo capaz de lidar com a teoria na prática, e a prática na elaboração de novas teorias.

Dessa maneira, é fundamental que saibamos mudar. Entretanto, mudar não pode representar apenas a substituição ou sobreposição de ideias de modo temporalmente provisório, superficial ou impositivo. Mudar não pode significar apenas aderir a modismos pedagógicos ou de campos específicos do conhecimento, sem a devida clareza sobre onde se quer chegar, e o que se deseja formar (DEMO, 2000).

Mudar significa evoluir com base no saber, conscientizar-se, o que não significa que a educação por si mesma leve a sociedade a se libertar dos laços do passado e criar situações de equidade, pois educar é algo que extrapola a sala de aula e não basta o educador estar consciente para operar mudanças, sobretudo por haver condições materiais de exercício do trabalho. Mudar a forma de ensinar matemática, assim, está diretamente ligado a como são formados os professores de matemática. Mudar é saber lidar com a inovação no campo dos conhecimentos ligados à área de Matemática, lidar com os desafios da docência, lidar com as complexidades e novas exigências dos demais campos de atuação dos graduados em Matemática, considerando sobretudo os cenários da educação básica.

A formação de professores de Matemática proposta no presente curso também considera a relevância de dar novo enfoque ao que consideramos de competência docente (RIOS, 2001), ao sugerir que um dos maiores desafios é justamente superar a preponderância apenas de uma formação técnica, em detrimento de aspectos éticos, políticos e estéticos da identidade do sujeito e que terão igual importância na

construção de sua identidade e em sua atuação como professor de matemática. Dito isto, é expressar que não se trata de formar para várias competências, mas formar um profissional docente que se valha de muitas competências profissionais para o exercício de seu trabalho.

3. OBJETIVOS DO CURSO

3.1 Objetivo Geral

Em consonância com os Referenciais Curriculares Nacionais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010), o curso de Licenciatura em Matemática do IFSP/Câmpus Guarulhos tem como objetivo formar um profissional cuja atribuição central seja a docência na Educação Básica. Em busca de formar um profissional que reconheça a importância de um ensino exploratório da Matemática, destaca-se a relevância de que esse profissional seja constituído como um professor-pesquisador para atuação na Educação Básica, contribuindo para que ele desenvolva habilidades e competências, corroborando o campo das concepções de Perrenoud (2009, 2013, 2015), para: (i) realizar as articulações necessárias com outras áreas de conhecimento; (ii) encontrar estratégias para a transposição do conhecimento matemático em conhecimento escolar; e (iii) realizar pesquisas na área de Educação Matemática, entre outras. Espera-se, assim, que o profissional formado pelo curso de Licenciatura em Matemática compreenda a importância da pesquisa e da formação continuada, da ética e da sua participação na definição da política educacional, contribuindo para revalorizar o trabalho docente.

3.2 Objetivos Específicos

1. Desenvolver os conhecimentos e competências necessários para articular as dimensões matemática e pedagógica de cada saber disciplinar;
2. Promover o exercício do pensamento crítico-reflexivo por meio da leitura, da escrita e de outras linguagens, contribuindo para a formação do professor-pesquisador;

3. Conceber a pesquisa como elemento essencial na formação inicial e continuada, em suas diferentes acepções, desde a pesquisa como recurso para a aprendizagem até a pesquisa científica;
4. Oferecer espaço para o graduando envolver-se no trio indissociável de Ensino, Pesquisa e Extensão, visando ao desenvolvimento acadêmico e profissional dos futuros professores;
5. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade;
6. Promover a utilização de diferentes recursos tecnológicos como ferramentas de aprendizagem e como instrumentos para a resolução de problemas;
7. Possibilitar tanto a vivência crítica da realidade do Ensino Fundamental e Médio, como também a experimentação de propostas que considerem os estudos em Educação Matemática;
8. Incentivar e mediar a elaboração de projetos para a educação básica, em suas diversas etapas e modalidades, em consonância com as orientações curriculares vigentes e com a práxis educativa, consolidando a articulação entre teoria e prática;
9. Formar um educador consciente da sua responsabilidade social, pautando suas atitudes profissionais em princípios éticos e no respeito à questão ambiental, às especificidades e às potencialidades de cada indivíduo, consideradas em todos os seus aspectos (linguístico, motor, cognitivo, sensorial, étnico-racial, social, emocional, entre outros), buscando caminhos para uma prática educacional inclusiva.

4. PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO

O licenciado em Matemática é apto para atuar na Educação Básica, compreendendo o ensino e a aprendizagem da Matemática no âmbito da realidade educacional brasileira, em seus contextos social, ambiental, cultural, econômico e político, por meio da articulação dos conteúdos matemáticos com diversas áreas do conhecimento, (re)conhecendo suas aplicações em circunstâncias inter e

transdisciplinares e intervindo através de metodologias de ensino e recursos diversificados. A realização de pesquisas ao longo do curso confere ao professor a capacidade de produzir conhecimento e utilizar resultados para aprimorar sua prática, analisando criticamente a contribuição do conhecimento matemático na formação de indivíduos, no exercício da cidadania e tornando-o acessível a todos. Consciente de seu papel na superação de preconceitos e sensível para interpretar as ações dos educandos, o licenciado em matemática é capaz de atender à diversidade dos perfis de aprendizagem em um contexto de inclusão.

5. FORMAS DE ACESSO AO CURSO

Para acesso ao curso superior de Licenciatura em Matemática, o estudante deverá ter concluído o Ensino Médio ou equivalente.

O ingresso no curso será por meio do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), de responsabilidade do MEC, e processos simplificados para vagas remanescentes, por meio de edital específico, a ser publicado pelo IFSP Câmpus Guarulhos no endereço eletrônico www.ifspguarulhos.edu.br.

6. LEGISLAÇÃO DE REFERÊNCIA

Fundamentação Legal: comum a todos os cursos superiores

- LDB: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

- Acessibilidade: Decreto nº. 5.296 de 2 de dezembro de 2004- Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

- Estágio: Lei nº. 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes. Portaria nº. 1204/IFSP, de 11 de maio de 2011, que aprova o Regulamento de Estágio do IFSP.

- Educação das Relações Étnico-raciais e História e Cultura Afro-brasileira e indígena: Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004.

- Educação ambiental: Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002 - Regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

- Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 - Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

- Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências.

- Portaria MEC nº 40, de 12 de dezembro de 2007, reeditada em 29 de dezembro de 2010. Institui o e-MEC, processos de regulação, avaliação e supervisão da educação superior no sistema federal de educação, entre outras disposições.

- Resolução CNE/CES nº 3, de 2 de julho de 2007 - Dispõe sobre procedimentos a serem adotados quanto ao conceito de hora aula, e dá outras providências.

Legislação Institucional

- Regimento Geral: Resolução nº 871, de 04 de junho de 2013.
- Estatuto do IFSP: Resolução nº 872, de 04 de junho de 2013.
- Projeto Pedagógico Institucional: Resolução nº 866, de 04 de junho de 2013.
- Organização Didática: [Resolução nº 147, de 06 de dezembro de 2016.](#)
- Resolução nº 125, de 08 de dezembro de 2015 – Define os parâmetros de carga horária para os cursos Técnicos, cursos desenvolvidos no âmbito do PROEJA e cursos de graduação do IFSP.

- Resolução nº 143, de 01 de novembro de 2016 – Dispõe sobre a tramitação das propostas de Implantação, Atualização, Reformulação, Interrupção Temporária de Oferta de Vagas e Extinção de Cursos.

6.1. Para os Cursos de Licenciatura

- Parecer CNE/CP nº 28, de 2 de outubro de 2001
Dá nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.
- Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015
Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.
- Parecer CNE/CP nº 2/2015, homologado em 24/06/2015.

▪ Licenciatura em Matemática:

Parecer CNE/CES nº 1.302, de 6 de novembro de 2001 - Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Matemática, Bacharelado e Licenciatura.

Resolução CNE/CES nº 3, de 18 de fevereiro de 2003 – Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Matemática.

Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015 – Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.

7. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Em consonância com as recentes Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores para a Educação Básica, editadas pela Resolução CNE CP 2 de 2015, e com os objetivos gerais e específicos do curso, o currículo da Licenciatura em Matemática do Câmpus Guarulhos foi estruturado em núcleos de disciplinas: de Formação Específica; de Formação Pedagógica; de Formação Geral; e de Prática

como Componente Curricular. Esses núcleos articulam-se, ainda, com o Estágio Supervisionado, com as Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento e com o Trabalho de Conclusão do Curso.

A pesquisa constitui a espinha dorsal na organização curricular do curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Guarulhos, projetando atender ao objetivo geral de formar professores-pesquisadores para atuação na Educação Básica.

Corroboramos as afirmações de D'Ambrósio (1996) a respeito da indissociabilidade das figuras do professor e do pesquisador:

Etimologicamente, pesquisa está ligada a investigação, a busca (=quest), a *research* (*search*=procura), e a ideia, sempre a mesma, é a de mergulhar na busca de explicações, dos porquês e dos comos, com foco em uma prática. Claro que o professor está permanentemente num processo de busca de aquisição de novos conhecimentos e de atender e conhecer os alunos. Portanto, as figuras do professor e do pesquisador são indissociáveis. (D'AMBRÓSIO, 1996, p. 94)

Na perspectiva de formar um professor que busque constantemente a construção de conhecimentos novos, quer por seus alunos, quer por si próprio em oposição à figura do mero transmissor de informações e de único detentor dos saberes, a pesquisa ganha papel de relevância, permitindo que essa busca possa ocorrer de forma autônoma. A escolha do termo professor-pesquisador justifica-se por essa indissociabilidade defendida, com a pesquisa sendo o elo articulador entre teoria e prática, o aporte para o educar e para a ciência, conforme aponta Demo (2003):

Educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana [...]. Não se busca um profissional de pesquisa, mas um profissional da educação pela pesquisa. (DEMO, 2003, p. 2)

Defende-se, ainda, que a pesquisa e a reflexão sobre a prática profissional permitem alimentar e fomentar novas reflexões teóricas, entendendo que os professores são sujeitos do conhecimento e sua prática não é somente um lugar de aplicação de saberes produzidos por outros, mas, também, um espaço de produção, de transformação e de mobilização de saberes que lhes são próprios (TARDIF, 2002).

Neste contexto, a matriz curricular foi concebida e estruturada, tendo a pesquisa como elemento norteador. Mesmo sendo incentivada em todos os componentes curriculares, a trajetória mestra da pesquisa como aporte para o educar e para o aprender na formação do aluno da graduação ocorrerá em todos os

semestres do curso, especialmente nas disciplinas que contemplam Prática como Componente Curricular. Entendido como lugar privilegiado para a pesquisa, esse bloco de componentes curriculares será responsável pelas discussões e reflexões sobre os problemas de ensino e aprendizagem da matemática, sobre propostas metodológicas para o ensino, reflexões sobre as teorias da aprendizagem, sobre o planejamento e as propostas de intervenção em aula, entre outros. Enfim, esse é o lugar de articulação entre teoria e prática por intermédio da pesquisa em suas diferentes potencialidades.

A partir do quarto semestre, na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico, o discente terá a possibilidade de refinar procedimentos e técnicas, já utilizados em pesquisas anteriores, a partir dos métodos e procedimentos formais da pesquisa científica, bem como de iniciar uma monografia intitulada de Trabalho de Conclusão de Curso.

No Estágio Supervisionado, a partir do ambiente natural da sua futura atuação, o discente poderá, através dos relatórios de observação e/ou intervenção, levantar dados que possam ser discutidos e confrontados com os posicionamentos teóricos e metodológicos apresentados nos diversos componentes curriculares.

Além disso o aluno poderá desenvolver projetos de iniciação científica e de extensão com a orientação dos professores do Instituto Federal, por meio das Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento.

Os Núcleos de disciplinas

Os núcleos de disciplinas indicam apenas uma organização do currículo e não uma dicotomia entre os diferentes conhecimentos e habilidades necessários à formação do professor.

1. Núcleo de Disciplinas de Formação Pedagógica

Considerando tanto os pressupostos legais reafirmados na Resolução CNE CP 2/15, como as experiências realizadas no curso, no Câmpus Guarulhos, optou-se pela sequência curricular a seguir, para o núcleo de formação pedagógica, com a finalidade de fortalecimento do itinerário formativo de professores de matemática e, sempre que possível, aliando-se as disciplinas pedagógicas às demais disciplinas do curso, ao estágio supervisionado e à prática como componente curricular.

Propõe-se, assim, que a formação pedagógica tenha início com a disciplina Elementos da Profissão Docente, que oportunizará a aproximação com a cultura escolar e com os elementos fundantes da identidade dos professores, tanto do ponto de vista de pressupostos teóricos, como de reflexões sobre a prática do trabalho. A partir de então, investe-se no processo de discussão das ideias orientadoras do pensamento dialético e complexo (com foco na Filosofia da Educação), compreendendo sua influência no movimento do pensamento educativo e da própria educação no tempo (História da Educação e Sociologia da Educação).

Segue-se com a abordagem dos elementos próprios da docência, considerando-se a compreensão e discussão sobre a aprendizagem, incluindo as diversas possibilidades de construção do conhecimento, inclusive em contextos, modalidades e situações diferenciadas (Psicologia da Educação, ainda no terceiro semestre, e Didática, no quarto); e, posteriormente, com os elementos constituintes da prática do ensino, propriamente os que estão relacionados à organização do trabalho docente e seu desenvolvimento, à compreensão sobre o currículo escolar e o ensino, como por exemplo, a definição de metodologias de ensino, objetivos para aprendizagem, seleção, elaboração e análise de conteúdos, materiais, recursos e procedimentos didáticos, processos avaliativos de aprendizagem e resultados (Prática de Ensino de Matemática: Tecnologias e Educação Matemática; Prática de Ensino de Matemática: Laboratório de Ensino da Matemática; Prática de Ensino de Matemática: Modelagem Matemática; Prática de Ensino de Matemática: Didática para o Ensino de Matemática e Prática de Ensino de Matemática: Resolução de Problemas), incluindo o tratamento pedagógico de diferentes modalidades, como a educação de jovens e adultos.

Definiu-se, ainda, nesse itinerário formativo, a abordagem da educação como direito de todo cidadão e, portanto, promotora de direitos, de igualdade e de melhor atuação na sociedade contemporânea, numa perspectiva humanística (Educação Inclusiva e Diversidade e, no oitavo semestre do curso, a Educação em Direitos Humanos).

Finalmente, a proposta é que, apropriando-se dos principais fundamentos do trabalho docente e de referenciais teóricos e práticos do trabalho, o futuro professor tenha aproximação com a organização e gestão da escola como instituição aprendente nos sistemas de ensino. Para isso, é necessário ter compreensão

panorâmica dos dispositivos que orientam a educação no Brasil e das principais políticas educacionais que têm orientado e impactado o trabalho dos professores nas escolas (Legislação da Educação Básica; Políticas Públicas e Gestão da Educação Básica), considerando-se que elas repercutem na organização dos currículos escolares, tanto na modalidade regular, como em modalidades específicas – educação especial e educação de jovens e adultos.

2. Núcleo de disciplinas de Prática como Componente Curricular

A Resolução CNE/CP nº 2 de 1º de julho de 2015 orienta que a prática como componente curricular deverá estar presente desde o início do curso e permear toda a formação do professor. Em consonância com essa Resolução, o curso de Licenciatura em Matemática do IFSP-Guarulhos destaca que a Prática como Componente Curricular (PCC) forma um Núcleo de disciplinas que percorre desde o primeiro até o oitavo semestre, objetivando fomentar reflexões e discussões sobre as atuais demandas do ensino e aprendizagem da Matemática e subsidiar a elaboração de propostas de intervenção de ensino condizentes com a realidade dos alunos e com os aportes teórico-metodológicos estudados. Desse modo, tal núcleo deve proporcionar experiências não só de aplicação dos conhecimentos específicos e pedagógicos das diferentes disciplinas, mas também a construção de novos conhecimentos a partir de investigações e observações da realidade escolar, obtidas tanto por meio das visitas orientadas do Estágio Supervisionado como pela utilização de estudos de casos abordados em disciplinas como Geometria Espacial, Geometrias não-Euclidianas e Fundamentos de Geometria Analítica.

Com vistas à formação do professor-pesquisador, a matriz curricular busca a integração, em todos os semestres, entre as bases do conhecimento, promovendo o domínio da teoria, da práxis pedagógica e a reflexão sobre a atividade profissional, tendo a pesquisa como principal elemento integrador, contribuindo, dessa forma, para que a inserção da prática como componente curricular ocorra, conforme destaca Nacarato e Passos (2007, p, 176), em um “movimento dialógico e problematizado” entre os saberes produzidos na academia e nas práticas escolares.

Destaca-se, assim, que esse movimento dialógico pode ser percebido, de forma mais explícita, a partir da articulação entre a prática como componente

curricular e os núcleos de formação específica e de formação pedagógica. Em relação ao primeiro núcleo, essa articulação é contemplada nas disciplinas de: Fundamentos de Matemática I; Fundamentos de Matemática II; Geometria Plana I; Geometria Plana II; Geometria Espacial; Geometrias não Euclidianas; Álgebra Linear I; e Fundamentos de Geometria Analítica. Essas disciplinas representam, em sua maioria, aquelas que tratam de conteúdos da Educação Básica, área essa que será de atuação dos egressos do curso. Objetiva-se, dessa forma, o exercício da reflexão sobre a problemática entre teoria e prática, apresentando alternativas para equacioná-la, por meio de estudo e discussão que envolvam o ensino e aprendizagem de conteúdos da Educação Básica. O curso promoverá, ainda, a ocupação de espaços concomitantes entre as áreas específicas de matemática e a prática, como meio de possibilitar, ao futuro professor, uma visão prática dos conteúdos apreendidos nessas disciplinas e que servirão como referencial em sua atuação.

Quanto ao segundo núcleo, o de formação pedagógica, a articulação é realizada a partir das seguintes disciplinas: Prática de Ensino de Matemática: Tecnologias e Educação Matemática; Prática de Ensino de Matemática: Laboratório de Ensino da Matemática; Prática de Ensino de Matemática: Modelagem Matemática; Prática de Ensino de Matemática: Didática para o Ensino de Matemática; e Prática de Ensino de Matemática: Resolução de Problemas.

Ressalta-se que, por meio das ementas das respectivas disciplinas dos núcleos de formação específica e pedagógica, citadas anteriormente, pode-se observar que as práticas como componente curricular serão fomentadoras das discussões teóricas e práticas que nortearão as análises do futuro professor, permitindo o desenvolvimento de uma postura investigativa e de uma visão crítica.

3. Núcleo de disciplinas de Formação Geral

Esse núcleo é composto por disciplinas essenciais à formação de um professor-pesquisador. A reflexão sobre a linguagem e a comunicação evidencia como o desenvolvimento das competências leitora e escritora são essenciais para o exercício profissional e para a investigação/construção de novos horizontes de conhecimentos das diferentes áreas (Leitura e Produção de Textos). Numa etapa posterior, enfocam-se os pressupostos da pesquisa científica, em especial da pesquisa qualitativa,

subsidiando a elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso, de Projetos de Iniciação Científica e de Extensão (Metodologia do Trabalho Científico). Busca-se, ainda, desenvolver habilidades técnicas para utilizar corretamente as estruturas linguísticas básicas da Língua Brasileira de Sinais, permitindo a reflexão sobre sua importância no processo de escolarização do aluno surdo (Língua Brasileira de Sinais 1). Optamos por inserir nesse núcleo, também, disciplinas de formação que permitam a valorização da interdisciplinaridade, relacionando os conhecimentos matemáticos com outras áreas e ampliando as possibilidades de contextualizações e aplicações no ensino da Matemática, na perspectiva de uma aprendizagem significativa (Física 1, Física 2, Física 3 e Introdução à Linguagem de Programação).

4. Núcleo de disciplinas de formação específica

Atendendo às Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Matemática, Bacharelado e Licenciatura, CNE/CES 1.302/2001, esse núcleo de disciplinas caracteriza-se por abranger diferentes subáreas do conhecimento Matemático, como a Álgebra Linear, o Cálculo Diferencial e Integral, a Geometria, a Álgebra, a Análise Real e a Geometria Analítica. Destina-se, ainda, parte dos componentes específicos às disciplinas de Fundamentos da Matemática, numa perspectiva de suprir as necessidades dos alunos, decorrentes das deficiências de aprendizagem durante a formação na Educação Básica.

Numa concepção de formação de professor-pesquisador, crítico e reflexivo sobre sua futura atuação profissional, os conteúdos das disciplinas específicas serão abordados tanto em sua constituição histórica e formal da Matemática, como também em suas relações e articulações com os conteúdos dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, num estudo da passagem do saber “sábio” (acadêmico/ científico) para o saber a ensinar, chamado por Chevallard (1991) de Transposição Didática, sem deturpar, substituir, mas apenas transformar esses conhecimentos numa versão didática.

Conforme o cumprimento dos semestres, esses conteúdos serão discutidos de forma inter, multi, pluri e transdisciplinar; por exemplo, as operações com números racionais, trabalhadas em Fundamentos de Matemática I, poderão ser o objeto de observação no Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental, sob a lente de

Teorias da Aprendizagem, como o construtivismo, discutidas em Psicologia da Educação e no Laboratório de Ensino de Matemática, as quais fomentarão as discussões sobre a utilização de materiais didáticos para o ensino da Matemática nesta etapa do desenvolvimento cognitivo dos alunos e a elaboração de propostas de intervenção.

Os componentes curriculares foram concebidos de modo a articular os diversos momentos de formação docente, com um total de 3.260h (três mil, duzentas e sessenta horas) de carga horária mínima, distribuídas de acordo com o especificado na Tabela a seguir:

Tabela 2. Distribuição de Carga Horária por Atividades

ATIVIDADES	CARGA HORÁRIA
Conteúdos Curriculares	2248h20
Práticas como Componentes Curriculares	411h40
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento	200h
Estágio Supervisionado Obrigatório	400h
TOTAL	3.260h

No cálculo da carga horária do curso, cada aula tem a duração de 50 minutos, cada dia letivo tem, no máximo, seis aulas distribuídas de segunda-feira a sexta-feira e, excepcionalmente, aos sábados. A quantidade de dias letivos em cada semestre será determinada pela Organização Didática vigente do IFSP. A tabela 3 mostra como a carga horária é distribuída ao longo do curso.

Tabela 3. Distribuição de Carga Horária por Semestre

1ºSem	2ºSem	3ºSem	4ºSem	5ºSem	6ºSem	7ºSem	8ºSem
348h20	348h20	316h40	348h20	332h30	332h30	316h40	316h40

A totalidade das disciplinas de cada núcleo é apresentada na Representação Gráfica do Perfil de Formação.

7.1. Identificação do Curso

Tabela 4. Identificação do Curso

Curso Superior: LICENCIATURA EM MATEMÁTICA	
Câmpus	Guarulhos
Previsão de abertura	1º Semestre/ 2018
Período	Matutino
Vagas semestrais	40 vagas
Vagas Anuais	80 vagas
Nº de semestres	8 semestres
Carga horária mínima obrigatória	3.260 horas
Duração da hora-aula	50 minutos
Duração do semestre	19 semanas

7.2. Estrutura Curricular

Tabela 5. Estrutura Curricular

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO							Carga Horária Mínima do Curso: 3260,0		
 (Criação: Lei nº 11.892 de 29/12/2008) Campus Guarulhos									
ESTRUTURA CURRICULAR DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA									
Base Legal: Resolução CNE/CP nº 2. de 1º/07/2015							Início do Curso: 1º sem. 2018		
Resolução de autorização do curso no IFSP: Resolução No. 334/08, de 18/04/2008									
					19 semanas/semestr e, aulas de 50 min.		Distribuição da Carga Horária de efetivo trabalho acadêmico		
S E M	COMPONENTE CURRICULAR	Código	Teórica / Prática (T, P, T/P)	nº profs.	aulas por semana	Total Aulas	Conheci- mentos Específico s	Prát. como Comp. Curricular	Total horas
1	Elementos da Profissão Docente	EPDM1	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Fundamentos de Matemática 1	FD1M1	T/P	1	6	114	63,3	31,7	95,0
	Geometria Plana 1	GP1M1	T/P	1	4	76	31,7	31,7	63,3
	Introdução à Lógica Matemática	ILOM1	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Leitura e Produção de Textos	LPTM1	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Subtotal					22	418	285,0	63,3
2	Filosofia da Educação	FLEM2	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Fundamentos de Geometria Analítica	GANM2	T/P	1	4	76	31,7	31,7	63,3
	Fundamentos de Matemática 2	FD2M2	T/P	1	6	114	63,3	31,7	95,0
	Geometria Plana 2	GP2M2	T/P	1	4	76	31,7	31,7	63,3
	História da Educação	HIEM2	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Subtotal					22	418	253,3	95,0
3	Álgebra Linear 1	AL1M3	T	1	4	76	31,7	31,7	63,3
	Geometria Espacial	GESM3	T/P	1	4	76	31,7	31,7	63,3
	Matemática Financeira	MFIM3	T	1	2	38	31,7	-	31,7
	Psicologia da Educação	PSEM3	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Sociologia da Educação	SOEM3	T	1	2	38	31,7	-	31,7
	Vetores e Geometria Analítica	VGEM3	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Subtotal					20	380	253,3	63,3
4	Álgebra Linear 2	AL2M4	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Cálculo Diferencial e Integral 1	CA1M4	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Didática	DIAM4	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Metodologia do Trabalho Científico	METM4	T	1	2	38	31,7	-	31,7
	Prática de Ensino de Matemática: Tecnologias e Educação Matemática	TECM4	T/P	1	4	76	31,7	31,7	63,3
	Teoria dos Números	TNUM4	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Subtotal					22	418	316,7	31,7

5	Álgebra 1	AB1M5	T	1	3	57	47,5	-	47,5
	Cálculo Diferencial e Integral 2	CA2M5	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Educação Inclusiva e Diversidade	DIVM5	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	História da Matemática	HISM5	T	1	4	76	63,3		63,3
	Legislação da Educação Básica	LEBM5	T	1	2	38	31,7	-	31,7
	Prática de Ensino de Matemática: Laboratório de Ensino da Matemática	LENM5	T/P	1	4	76	31,7	31,7	63,3
	Subtotal				21	399	300,8	31,7	332,5
6	Álgebra 2	AB2M6	T	1	3	57	47,5	-	47,5
	Cálculo Diferencial e Integral 3	CA3M6	T/P	1	4	76	63,3	-	63,3
	Estatística Descritiva	ESDM6	T/P	1	2	38	31,7	-	31,7
	Física 1	FS1M6	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Prática de Ensino de Matemática: Modelagem Matemática	MODM6	T	1	4	76	31,7	31,7	63,3
	Políticas Públicas e Gestão da Educação Básica	PPGM6	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Subtotal				21	399	300,8	31,7	332,5
7	Cálculo Diferencial e Integral 4	CA4M7	T/P	1	4	76	63,3	-	63,3
	Língua Brasileira de Sinais 1	LB1M7	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Prática de Ensino de Matemática: Didática para o Ensino de Matemática	DEMM7	T	1	4	76	31,7	31,7	63,3
	Probabilidade e Inferência Estatística	PINM7	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Subtotal				16	304	221,7	31,7	253,3
8	Cálculo Numérico	CANM8	T/P	1	2	38	31,7	-	31,7
	Educação em Direitos Humanos	EDHM8	T	1	2	38	31,7	-	31,7
	Geometrias não Euclidianas	GENM8	T/P	1	4	76	31,7	31,7	63,3
	Introdução à Análise Real	IANM8	T	1	4	76	63,3	-	63,3
	Prática de Ensino de Matemática: Resolução de Problemas	RPM8	T/P	1	4	76	31,7	31,7	63,3
	Subtotal				16	304	190,0	63,3	253,3
Disciplinas eletivas (o estudante deverá cursar no mínimo duas das disciplinas abaixo, somando 126,7 horas)									
7	Física 2	FS2M7	T	1	4	76	63,3	0,0	63,3
	Equações Diferenciais Ordinárias	EDOM7	T	1	4	76	63,3	0,0	63,3
8	Física 3	FS3M8	T/P	1	4	76	63,3	0,0	63,3
	Introdução à Lógica de Programação	LPRM8	T/P	1	4	76	63,3	0,0	63,3
TOTAL ACUMULADO						3192			
TOTAL ACUMULADO DE HORAS							2248,3	411,7	2660,0
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento (ATPA) - Obrigatório									200,0
Estágio Curricular Supervisionado - Obrigatório									400,0
CARGA HORÁRIA TOTAL MÍNIMA									3260,0
Disciplina optativa (o estudante poderá cursar a disciplina abaixo)									
8	Língua Brasileira de Sinais 2	LB2M8	T	1	4	76	63,3	0,0	63,3
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Optativo.									80,0
CARGA HORÁRIA TOTAL MÁXIMA									3530,0

7.3. Representação Gráfica do Perfil de Formação

A partir da concepção pedagógica de aprender a aprender, a formação dos alunos do curso de licenciatura em Matemática precisa ter como pressupostos didático-metodológicos a compreensão, reflexão e significação dos currículos com os quais trabalharão, incluindo-se as situações de problematização e prática que lhes ajudem na significação social dos conteúdos. É esse o papel que associamos à identidade de professor pesquisador, não restrito ao sentido científico da investigação, mas àquele assumido pelo professor que se reveste de permanente inquietação sobre seu modo de fazer o trabalho docente.

Tomar a pesquisa como fio condutor do curso é uma maneira de entrelaçar todas as disciplinas e atividades formativas numa abordagem pedagógica que sugere a indagação sobre o caráter de cada um dos conteúdos, seu papel na construção da identidade profissional, assim como seu sentido na estrutura da própria ciência matemática.

Consequentemente, é tornar os objetos, os conteúdos de formação e o trabalho elementos de investigação e observação, com a possibilidade de se apurar o olhar sobre como se manifestam na realidade de trabalho e no cotidiano educacional. Trata-se de uma formação embasada não apenas em pesquisas práticas, mas na investigação sobre a própria prática, implicando a organização do itinerário formativo proposto para o perfil do egresso neste curso de licenciatura em Matemática.

A representação gráfica do perfil de formação do Licenciando em Matemática do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Guarulhos objetiva ilustrar as articulações existentes entre os eixos de Formação Específica da Matemática, de Formação Pedagógica, de Formação Geral e de Prática como Componente Curricular, inter-relacionadas, ainda, com o Estágio Supervisionado, o Trabalho de Conclusão de Curso e as Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento. Essas articulações nortearam a estruturação da matriz curricular do curso, almejando formar um profissional qualificado para a docência de Matemática nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Desse modo, a finalidade da pesquisa não se restringe, na formação do aluno, ao seu sentido estrito de prática acadêmica ou científica, em que pese sua importância. A pesquisa emerge como instrumento de trabalho para a compreensão de sua própria identidade acadêmica e, posteriormente,

docente, na medida em que permite investigar situações reais com as quais terá contato durante toda sua formação e atuação profissional, a partir de diferentes situações formativas no curso, expressas na simbologia do Pentagrama.

A escolha do Pentagrama como símbolo para representar o perfil de formação planejado para o curso teve razões motivadoras. A primeira, e mais imediata, por ser um curso de Licenciatura em Matemática, sendo o Pentagrama uma figura geométrica formada por segmentos de reta que unem os cinco vértices de um pentágono regular, símbolo da Escola Pitagórica carregado de significados míticos, religiosos, artísticos e científicos. Nas cinco pontas do Pentagrama representamos os grandes blocos ou eixos de formação do curso.

A segunda motivação foi pela possibilidade de relacionar os eixos sem uma disposição hierárquica ou de relação de implicação, enfatizando a importância de todos. A disposição da estrela de cinco pontas permitiu, também, as ligações com setas de duplo sentido, não só entre os blocos das cinco pontas, mas também entre todos os eixos, sendo articulados pelas disciplinas do eixo “Prática como Componente Curricular”, destacadas no pentágono amarelo interior ao Pentagrama, motivo pelo qual todas as setas o perpassam.

A categorização em eixos não significa que esses conhecimentos serão tratados de forma isolada e independente. Todos são essenciais e se complementam na formação dos conhecimentos e habilidades necessárias para a atuação profissional do egresso, como forma de tornar mais eficazes as situações de aprendizagem, ensino e formação numa perspectiva mais integradora e interacionista, com a finalidade de se superar a lógica simplista da sobreposição de conteúdos.

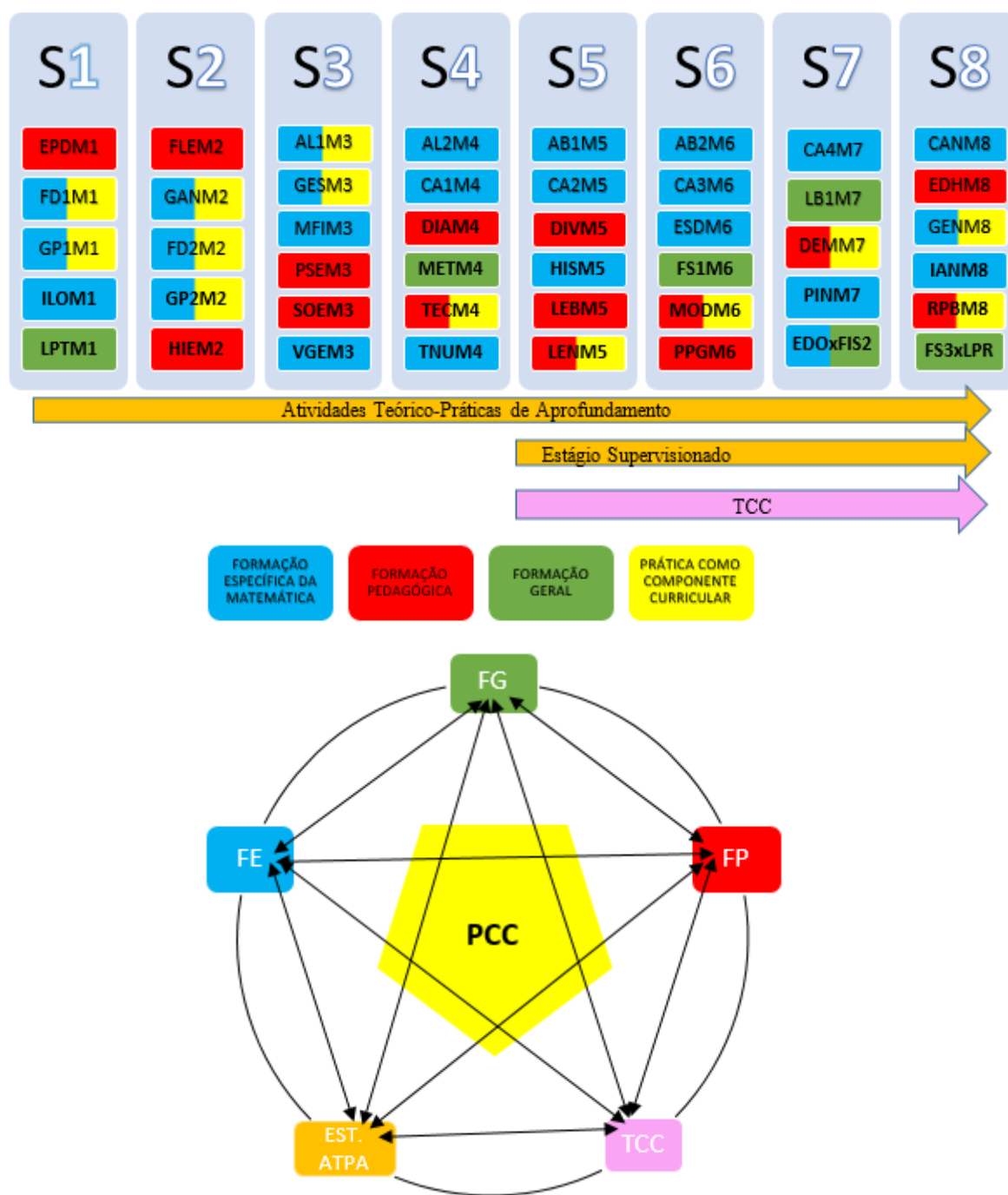


Figura 2. Representação Gráfica do Perfil de Formação

A teoria e a prática também são concebidas como polos complementares e imbricados, desvinculando a ideia de prática da noção simplista de lócus de aplicação de uma teoria, mas entendendo-a também como espaço de produção de conhecimento e de retroalimentação das perspectivas teóricas; o elo das discussões

e reflexões teórico-práticas será objeto das disciplinas de Prática como Componente Curricular.

Cabe ao licenciando, e posteriormente ao licenciado, através da intervenção pedagógica, promover a realização de aprendizagens com o maior grau de significado possível, uma vez que esta nunca é absoluta e definitiva - sempre é possível estabelecer alguma relação entre o que se pretende conhecer e as possibilidades de observação, reflexão e informação que o sujeito já possui, assim como compreender os fenômenos da aprendizagem que devem acontecer durante a atividade pedagógica e, portanto, não há como se realizar tais atribuições sem a prática investigativa acerca do próprio ofício.

O enfoque curricular formativo com ênfase na perspectiva de professor-pesquisador desde os anos iniciais de sua formação na licenciatura tomará por base três premissas apresentadas por Pereira (2002): a importância de seu caráter participativo, o impulso democrático na construção dos próprios saberes e, finalmente, a contribuição da investigação e da própria formação para a transformação social. Como dito e expresso no Pentagrama, trata-se da articulação permanente entre os elementos da teoria e da prática na formação e atuação do professor.

Conforme já delimitado na fundamentação pedagógica da concepção do curso, a pesquisa será a espinha dorsal na articulação dos componentes curriculares e das relações entre teoria e prática.

Tendo como base Zeichner (2002), Geraldi (1998) e Tardif (2002), pode-se considerar que a atividade profissional docente precisa estar estritamente vinculada à pesquisa, uma vez que esta harmonia inquietante é um recurso imprescindível para a exploração do reservatório cultural produzido pelos professores através de suas práticas e das diferentes maneiras que constroem sua forma de atuar, ainda que não necessariamente de modo tão intelectual. Com diferentes enfoques e destaques de abordagens, os pesquisadores apontam ainda que a pesquisa docente é caracterizada por ser um olhar desafiador e de problematização sobre o modo como pensam o seu fazer, como enxergam o seu trabalho, e o que vislumbram em relação a outras possíveis maneiras de atuar, enfim: ferramenta fundamental para superação do caos.

A última motivação para a escolha do Pentagrama é a possibilidade de relacionar metaforicamente o professor-pesquisador que se pretende formar com todas as articulações planejadas na famosa obra de Leonardo da Vinci, “O Homem Vitruviano” – pensando o licenciando como figura central no processo de formação – e que a construção dos conhecimentos necessários para a docência possa ser realizada de forma inter, trans e multidisciplinar, considerando as diversidades e complexidades inerentes à constituição da sociedade contemporânea, ou seja, como dito por Delors (2001), um homem inserido num contexto complexo e marcado por incertezas sobre a própria condição humana.

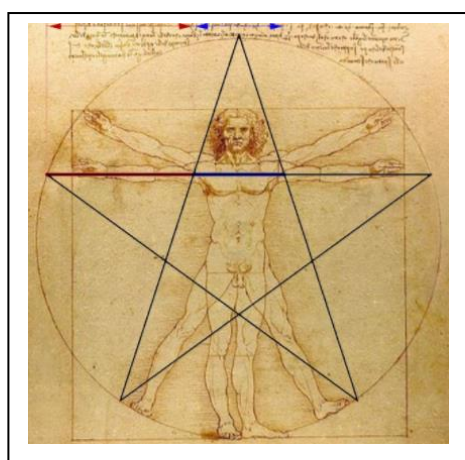


Figura 3. O Homem Vitruviano

Tal perspectiva de trabalho com base na concepção de professor-pesquisador, e neste caso também de formação inicial docente, implica a superação da ideia de trabalho pedagógico (também no ensino superior) focado apenas no professor, e tampouco apenas no ensino. Deve-se reconhecer a condição necessária de pertencimento do aluno, cuja aprendizagem ocorre como processo de apropriação, transformação e produção de conhecimentos dos diversos campos da matemática.

Ao se defender uma formação pautada na concepção de professor-pesquisador, não se deseja indicar que todos os docentes sejam responsáveis pela produção científica. A todo momento, em seu trabalho, deve-se lançar luz sobre a possibilidade de rompimento com uma racionalidade técnica excessiva de compreensão da atividade docente, que pouco contribui para o valor da inquietação como fator determinante na superação do entendimento de que a docência é uma

atividade essencialmente prática, ou seja, é uma maneira intelectual e problematizadora de se investigar os conteúdos da própria prática, reconhecendo-a também como produto da teoria, como sugere Esteban (2002).

Este horizonte de trabalho complexo nos remete ao reconhecimento de que a formação dos professores de matemática, no âmbito desta licenciatura, pressupõe a compreensão da própria complexidade do trabalho, da vida, e assim dos saberes fundamentais para se lidar com a educação do futuro.

7.4. Pré-requisitos

Na tabela abaixo, pode-se ver uma relação de Pré-Requisitos Recomendados. A não aprovação na disciplina recomendada como pré-requisito não impede a matrícula no componente curricular.

Tabela 6. Pré-Requisitos Recomendados

Recomendação	Componente Curricular
FD1M1	CA1M4
GP1M1	GP2M2
FD2M2	CA1M4
GANM2	VGEM3
GP2M2	GESM3 GENM8
VGEM3	CA3M6
CA1M4	CA2M5 CA3M6 IANM8
TNUM4	AB1M5
CA2M5	PINM7 CA4M7
CA3M6	CA4M7
ESDM6	PINM7
AB1M5	AB2M6
LB1M7	LB2M8

7.5. Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena

Conforme determinado pela Resolução CNE/CP Nº 01/2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, as instituições de Ensino Superior incluirão, nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes e indígenas, objetivando promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes, no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção da nação democrática, e o fortalecimento de valores como o respeito, a valorização da diversidade cultural e a presença do multiculturalismo como marca da identidade do povo brasileiro.

Visando atender a essas diretrizes, os conteúdos relacionados à história e cultura afro-brasileiras serão ministrados nos diversos componentes curriculares do curso de Licenciatura em Matemática, embora a prioridade seja a do tratamento transversal, visto que a temática deve permear todo o percurso formativo dos alunos, sobretudo por terem como finalidade formá-los para a atuação como professores, ou seja, responsáveis pela formação de outras pessoas também nesta perspectiva de valorização da diversidade racial no país.

Assim, a disciplina Leitura e Produção de Textos promoverá, dentre outras, a compreensão da diversidade cultural por meio da leitura e interpretação de textos, bem como a promoção de debates acerca da diversidade étnica e linguística brasileira. A disciplina de Educação em Direitos Humanos, assim como a disciplina Educação Inclusiva e Diversidade, aborda, entre outros, a educação para as relações étnico-raciais e história e cultura afro-brasileira e indígena. As disciplinas Legislação da Educação Básica e Políticas Públicas e Gestão da Educação Básica também incluem uma abordagem que leva em conta a necessidade de tratar dessa questão étnico-racial no ofício do professor, sobretudo a partir do estudo da legislação como referência para a abordagem curricular do tema na educação básica, e a existência de políticas afirmativas em educação. Além disso, essa abordagem também será feita de acordo com as especificidades de cada área de conhecimento e de modo a

relacionar tais especificidades com a temática de maneira crítica e que promova o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional.

Além de a temática perpassar as discussões em sala de aula de forma transversal, a coordenadoria de Extensão e a coordenadoria Sociopedagógica do Câmpus organizam em conjunto eventos em que os estudantes são convidados a participar de palestras, cinedebates, exposições e atividades culturais, em que se busca discutir as problemáticas das relações étnico raciais. Tais discussões são favorecidas pela criação do NEABI (Núcleo de Estudos Afro brasileiros e Indígenas), no IFSP, intensificando a reflexão e o debate sobre a temática.

7.6. Educação Ambiental

Considerando a Lei nº 9.795/1999, que indica que “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”, determina-se que a educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa permanente, integrada, contínua também no ensino superior, abordada numa perspectiva transversal. Corrobora-se, assim, a ideia de que a questão ambiental não deve ser uma preocupação restrita a profissionais envolvidos com problemas dessa área, e que se faz necessária a urgência dessa discussão na formação inicial de professores, como forma de contribuir para o reconhecimento dos problemas ambientais existentes e da importância de os espaços educacionais buscarem soluções para esses problemas.

Com isso, prevê-se neste curso a integração da educação ambiental às disciplinas de modo transversal, contínuo e permanente (Decreto Nº 4.281/2002), por meio da realização de atividades curriculares e extracurriculares. Para além do tratamento transversal, estabelece-se que a referida temática será discutida em atividades durante as aulas de Leitura e Produção de Texto, assim como em Educação em Direitos Humanos, uma vez que a sustentabilidade é condição para a garantia da vida, assim como em Educação Inclusiva e Diversidade, pois a relação com o ambiente é condição para a manutenção da diversidade e a preservação da

cultura, culminando em Legislação da Educação Básica e Políticas Públicas e Gestão da Educação Básica, como referenciais para a organização curricular do trabalho educativo que deve levar em conta a importância da sustentabilidade e preservação do planeta como causa comum.

Destaca-se também a interlocução da Modelagem Matemática com a Educação Ambiental. Pretende-se, por meio dessa interlocução, promover uma reflexão sobre questões básicas a respeito das relações da educação matemática, da matemática e da educação ambiental, conforme preconiza Caldeira (1988) e respeitando os pressupostos da Educação Ambiental como interdisciplinaridade, visão holística, contextualização e conceito pluridimensional do meio ambiente. Espera-se, ainda, promover uma melhor qualidade de vida e contribuir para o (re)pensar sobre a relação entre a sociedade e a natureza.

7.7. Disciplina de LIBRAS

De acordo com o Decreto 5.626/2005, a disciplina “Libras” (Língua Brasileira de Sinais) deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos da Licenciatura, e optativa nos demais cursos de educação superior.

Assim, na estrutura curricular deste curso, visualiza-se a inserção da disciplina obrigatória Língua Brasileira de Sinais 1, conforme determinação legal, e da disciplina optativa Língua Brasileira de Sinais 2.

7.8. Disciplinas Eletivas e Optativas

As Diretrizes Curriculares Nacionais, DCN, são normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação – CNE que asseguram a flexibilidade, a criatividade e a responsabilidade das Instituições de Ensino Superior (IES) na elaboração dos Projetos Pedagógicos de seus cursos. Elas se baseiam na LDB e constituem referenciais para as IES na organização de seus programas de formação. Os currículos dos cursos devem estar em conformidade com as DCNs no que tange à flexibilidade, à interdisciplinaridade e à articulação teoria e prática, entre outros.

Exatamente por isso um dos indicadores do Instrumento de Avaliação dos Cursos de Graduação (INEP-DAES – 2015) é a análise da flexibilidade, interdisciplinaridade, acessibilidade pedagógica e atitudinal da sua Estrutura Curricular.

Também por esse motivo prevemos neste Projeto Pedagógico de Curso algumas disciplinas, classificadas como eletivas ou optativa, as quais foram inseridas para garantir exatamente flexibilidade ao curso, diminuindo assim a rigidez da matriz curricular composta sobretudo pelos componentes obrigatórios.

Definem-se as disciplinas optativas como aquelas de livre escolha do aluno. Elas complementam a formação profissional, mas não são obrigatórias e não fazem parte da matriz curricular. As suas respectivas cargas horárias, frequência e aproveitamento, contudo, são computadas no histórico escolar do aluno. Língua Brasileira de Sinais 2 é uma disciplina optativa.

Definem-se as disciplinas eletivas como aquelas que compõem um conjunto de disciplinas dentre as quais a escolha de pelo menos uma delas é obrigatória por parte do aluno. Elas são parte da matriz curricular. As suas respectivas cargas horárias, frequência e aproveitamento são computadas no histórico escolar do aluno. Serão ofertadas, como eletivas, as disciplinas: Física 2, Equações Diferenciais Ordinárias, Física 3 e Introdução à Lógica de Programação. O aluno deverá cursar no mínimo duas, dentre as quatro disciplinas eletivas, para integralizar os créditos.

7.9. Planos de Ensino

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Elementos da Profissão Docente			
Semestre: 1º		Código: EPDM1	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular discute os elementos fundamentais da identidade da profissão docente, como o que é ser professor, o ambiente escolar de trabalho do professor, a complexidade do ensino, e a aproximação com os elementos orientadores do trabalho do professor, como o currículo, a prática pedagógica e a atividade de ensino. Numa perspectiva de construção da competência docente e aproximação com o espaço escolar, ambiente de atuação do professor de Matemática da Educação Básica, promove a experiência de imersões no contexto da escola e realiza atividades de prática de trabalho docente durante as próprias aulas da disciplina. Instiga a reflexão e discussão sobre a prática do ensino de Matemática, auxiliando no preparo dos alunos para o estágio supervisionado.			
3 - OBJETIVOS: Analisar os elementos constituintes da profissão docente como forma de ambientar os alunos a ingressarem no espaço da escola como locus principal do desenvolvimento do seu trabalho e, portanto, discutindo as finalidades da educação, o papel da educação na mudança social, e a identidade docente, iniciando situações práticas de exercício da atividade docente, considerando a existência de elementos como o currículo para o ensino de matemática, a organização da escola, e as atividades dos professores. Preparar os licenciandos para o estágio, por meio da proposição de reflexões e discussões das atividades desenvolvidas na escola de Educação Básica, tais como a importância da caracterização do ambiente escolar e seu entorno: dos recursos físicos e humanos e das relações que envolvam a comunidade escolar.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. As finalidades da educação e o trabalho do professor; II. Educação e mudança: contribuições do professor de matemática; III. A escola como local de trabalho e prática pedagógica do professor; IV. Os elementos da prática pedagógica do professor;			

V. A competência docente e seus diferentes aspectos.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALARCÃO, Isabel. **A escola reflexiva e a nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2000.

ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges (org). **Professor-pesquisador – uma práxis em construção**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

RIOS, Terezinha A. **Compreender e ensinar – para uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática** (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). v. 3. Brasília: MEC, 1997.

LERNER, Délia. **Ler e Escrever na Escola: O Real, o Possível e o Necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PONTE, João Pedro da; BROCARD, Joana; HÉLIA, Oliveira. **Investigações Matemáticas na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RUÉ, Juan; Maria Isabel de Almeida. **Educação e Competências – pontos e contrapontos**. São Paulo, Summus Editora, 2009.

SANTOS, Vinício de Macedo Santos. **Ensino de Matemática na Escola de nove anos: dúvidas, dívidas e desafios**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS Guarulhos	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Fundamentos de Matemática 1			
Semestre: 1º		Código: FD1M1	
Nº aulas semanais: 6		Total de aulas: 114	Total de horas: 95h
Abordagem Metodológica: T () P () (X) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (X) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de Matemática.	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda o estudo das funções elementares: Polinomiais de 1º e 2º grau, Modulares, Exponenciais e Logarítmicas. O conteúdo é essencial para a formação do professor de Matemática, especialmente por ser objeto de estudo no Ensino Médio, além de se constituir como condição para que o aluno prossiga e tenha êxito no curso. Discute aspectos da prática docente em relação ao ensino da Álgebra na Educação Básica, mais especificamente sobre o processo de ensino e aprendizagem de Funções. Analisa, criticamente, os Parâmetros Curriculares Nacionais.			
3 - OBJETIVOS: Desenvolver conhecimentos matemáticos necessários para atuação na educação básica. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade. Conceber a pesquisa como elemento essencial na formação inicial e continuada, em suas diferentes acepções, desde a pesquisa como recurso para a aprendizagem até a pesquisa científica. Contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências que o professor da Educação Básica deve construir ao longo de sua formação docente no que se refere ao ensino de Funções na Educação Básica.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Conjunto dos Números Reais: 1. Subconjuntos: N, Z, Q, R-Q; 2. Operações e propriedades em R; 3. Intervalos na reta. II. Relações: 1. Par ordenado; 2. Representação gráfica; 3. Produto cartesiano;			

4. Relação binária;
5. Domínio e imagem;
6. Relação inversa;
7. Propriedades das relações.

III. Funções:

1. Conceito de funções;
2. Notação;
3. Domínio e imagem;
4. Funções iguais;
5. Função constante;
6. Funções crescentes e decrescentes.

IV. Função afim:

1. Função linear;
2. Função afim;
3. Gráfico da função afim;
4. Coeficientes da função afim;
5. Zero da função afim;
6. Crescimento e decrescimento da função afim;
7. Estudo do sinal;
8. Inequações;
9. Inequações simultâneas;
10. 4.10 Inequações produto e quociente.

V. Função quadrática:

1. Definição;
2. Gráfico;
3. Concavidade;
4. Raízes;
5. Máximo e mínimo;
6. Vértice;
7. Estudo do sinal;
8. Inequações.

VI. Função modular:

1. Função definida por várias sentenças abertas;
2. Módulo;
3. Função modular;
4. Equações;
5. Inequações.

VII. Função composta.

VIII. Função inversa:

1. Função injetora, sobrejetora e bijetora;
2. Função inversa.

IX. Revisão de potências e raízes.

X. Função exponencial:

1. Definição;
2. Propriedades;
3. Gráfico;
4. Equações exponenciais;
5. Inequações exponenciais.

XI. Revisão de logaritmo.

XII. Função logarítmica:

1. Definição;
2. Propriedades;
3. Gráfico;
4. Equações logarítmicas;
5. Inequações logarítmicas.

XIII. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática e as orientações para o Ensino de Álgebra - Funções.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

IEZZI, Gelson; MURAKAMI, Carlos. **Fundamentos de matemática elementar: 1:** conjuntos, funções: 568 exercícios propostos com resposta, 361 questões de vestibulares com resposta. 9. ed. São Paulo: Atual, 2013.

IEZZI, Gelson; DOLCE, Osvaldo; MURAKAMI, Carlos. **Fundamentos de matemática elementar: 2:** logaritmos. 10. ed. São Paulo: Atual, 2013.

LIMA, Elon Lages Lima. **A matemática do ensino médio:** volume 1. 9. ed. Rio de Janeiro: SBM, 2006.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BOULOS, Paulo. **Pré-cálculo.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** matemática. Secretaria de educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

GIOVANNI, José Ruy; BONJORNO, José Roberto; GIOVANNI JR., José Ruy. **Matemática completa:** ensino médio: volume único. São Paulo: FTD, 2002.

IEZZI, Gelson; DOLCE, Osvaldo; DEGENSZAJN, David; PÉRIGO, Roberto. **Matemática:** volume único. 5. ed. São Paulo: Atual, 2011.

IEZZI, Gelson; ALMEIDA, Nilze de; PÉRIGO, Roberto.; DEGENSZAJN, David.; DOLCE, Osvaldo. **Matemática:** ciência e aplicações, 1: ensino médio. 8. ed. São Paulo: Atual, 2014.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco.; DINIZ, Maria Ignez de Souza Vieira. **Matemática:** ensino médio 1. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: LICENCIATURA EM MATEMÁTICA Componente Curricular: Geometria Plana 1			
Semestre: 1º		Código: GP1M1	
Nº aulas semanais: 04		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T () P () (X) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (X) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de Matemática.	
2 - EMENTA: O componente aborda os conteúdos elementares da Geometria Euclidiana Plana por meio tanto do tratamento axiomático como das construções geométricas com régua e compasso, sendo essas construções fundamentadas pela axiomática da Geometria Euclidiana Plana. As atividades de construções geométricas propostas articulam o uso de régua e compasso com os programas de Geometria Dinâmica como ferramentas que contribuem para a descoberta, a verificação e a investigação de resultados, auxiliando a estabelecer e validar conjecturas. Esse componente apresenta os estudos dos obstáculos didáticos e epistemológicos para a aprendizagem da geometria plana e sua contribuição para a prática docente, bem como o estudo dos registros de representação e suas contribuições para o ensino e aprendizagem da matemática.			
3 - OBJETIVOS: Reconstruir os fundamentos básicos que compõem a Geometria Euclidiana Plana. Consolidar e ampliar o conhecimento sobre os conteúdos específicos dessa área da Matemática, compreendendo a Geometria como um sistema dedutivo. Utilizar as construções com régua e compasso como ferramenta para o ensino e a aprendizagem de Geometria. Aprofundar as discussões sobre os conteúdos que são abordados no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Identificar e discutir a relação das construções geométricas para o ensino e a aprendizagem da Geometria Euclidiana Plana. Contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências que o professor da Educação Básica deve construir ao longo de sua formação docente no que se refere ao ensino de Geometria na Educação Básica.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Contexto histórico da Geometria Euclidiana Plana: 1. Motivação histórica; 2. Noções primitivas: Pontos, Retas e Planos. II. Postulados:			

1. Postulado da existência;
 2. Postulado da determinação da reta;
 3. Postulado da determinação do plano;
 4. Postulado da inclusão;
 5. Postulados de incidência;
 6. Postulados de ordem.
- III. A reta, a semirreta e os segmentos de reta:**
1. Segmentos consecutivos; segmentos colineares; segmentos adjacentes;
 2. Operações com segmentos: congruência de segmentos; comparação de segmentos; transporte de segmento; adição de segmentos; subtração de segmentos; multiplicação de segmentos; divisão de segmentos em partes congruentes; ponto médio de um segmento de reta.
- IV. Ângulos:**
1. Região convexa;
 2. Postulado da medida de ângulos;
 3. Postulado da construção do ângulo;
 4. Interior e exterior de um ângulo;
 5. Ângulos consecutivos; ângulos colineares e ângulos adjacentes;
 6. Ângulos opostos pelo vértice;
 7. Ângulos complementares; ângulos suplementares; ângulos replementares;
 8. Classificação de ângulos;
 9. Operações com ângulos: adição de ângulos; subtração de ângulos; multiplicação de ângulo por um número natural; divisão de ângulo por um número natural; transporte de ângulos; bissetriz de um ângulo.
- V. Estudo de Congruência e Semelhança:**
- VI. Semelhança entre figuras planas:**
1. conservação do valor da medida dos ângulos das figuras e a proporcionalidade entre as medidas dos comprimentos dos seus lados;
 2. discussão sobre congruência versus semelhança de polígonos;
 3. Semelhança entre triângulos: estudo dos critérios de semelhança.
- VII. Congruência entre figuras planas:**
1. relações de congruência entre figuras planas: estudo dos movimentos rígidos e de reflexões; estudo sobre a conservação do valor da medida dos ângulos e da medida do comprimento dos seus lados;
 2. Estudo de ângulos: congruência e comparação;
- VIII. Estudo de Triângulos:**
1. Elementos de um triângulo;
 2. Classificação dos triângulos
 - i. classificação dos triângulos quanto aos seus lados;
 - ii. classificação dos triângulos quanto aos seus ângulos;
 3. Congruência entre triângulos: estudo dos critérios de congruência;
 4. Desigualdade Triangular;
 5. Pontos notáveis de um triângulo e suas propriedades:
 - i. incentro e círculo inscrito no triângulo;
 - ii. baricentro e a divisão por ele determinada das medianas;
 - iii. circuncentro e círculo circunscrito no triângulo;
 - iv. ortocentro;
 - v. A reta de Euler;

- vi. Teorema de Ceva e as cevianas particulares;
- IX. Relações métricas em um triângulo:**
 - 1. relações métricas em um triângulo qualquer;
 - 2. relações métricas em um triângulo retângulo;
 - 3. Teorema de Pitágoras.
- X. Posições relativas de retas:**
 - 1. Retas concorrentes; retas paralelas; retas perpendiculares; retas oblíquas;
- XI. Paralelismo:**
 - 1. O Axioma das Paralelas: unicidade da paralela;
 - 2. Condições de paralelismo;
 - 3. Teorema Fundamental da Proporcionalidade e o Teorema de Tales;
 - 4. Teorema da bissetriz interna e Teorema da bissetriz externa.
- XII.** Perpendicularidade;
- XIII.** Relação entre: retas, semirretas e segmentos de reta;
- XIV.** Existência e unicidade da perpendicular a uma reta passando por um ponto determinado;
- XV.** Obstáculos didáticos e epistemológicos:
 - 1. Obstáculos didáticos e epistemológicos e a prática do professor de matemática;
 - 2. Erros e obstáculos: os conteúdos de geometria e o processo de avaliação da aprendizagem;
 - 3. Obstáculos didáticos, epistemológicos e o conhecimento matemático para o professor que ensina matemática.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- DOLCE, O.; POMPEO, J. N. **Fundamentos da Matemática Elementar**. Vol. 9. São Paulo: Atual, 2006.
- LIMA, E. **Medida e Forma em Geometria**. 4. ed. Coleção do Professor de Matemática. Rio de Janeiro: SBM, 2009.
- PAIS, L. C. **Didática da Matemática**: uma influência francesa. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- BARBOSA, J. L. M. **Geometria Euclidiana Plana**. 5. ed. Rio de Janeiro: SBM, 2002.
- BITTENCOURT, J. Obstáculos epistemológicos e a pesquisa em Didática da Matemática. **Revista Educação Matemática**, Ano 5, n. 6, maio de 1998.
- DOUBNOV, I. **Erros nas demonstrações geométricas**. Trad. Robinson Moreira Tenório. São Paulo: Atual, 1996.
- GUSMÃO, T. C. R. S. Do erro construtivista ao erro epistemológico: um espaço para as emoções. **Bolema**, Ano 13, n. 14, 2000. p. 51-65.
- LIMA, E.; CARVALHO, P.C.P.; WAGNER, E.; MORGADO, A.C. **A Matemática do Ensino Médio**. Vol 2. Coleção do Professor de Matemática. Rio de Janeiro: SBM, 1998.

MACHADO, A. S. **Temas e Metas**. Vol.4 Áreas e Volumes. São Paulo: Atual, 2000.

TINOCO, L. **Geometria Euclidiana por meio de resolução de problemas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Matemática / UFRJ, 2004.

WAGNER, E. **Construções Geométricas**. Coleção do Professor de Matemática. Rio de Janeiro, SBM, 1993.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Introdução à Lógica Matemática			
Semestre: 1º		Código: ILOM1	
Nº aulas semanais: 4	Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3	
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda os conceitos básicos de lógica matemática e teoria intuitiva dos conjuntos, fazendo uma relação com os tipos de demonstrações matemáticas sob uma perspectiva de organização do pensamento lógico-dedutivo na resolução de problemas diversos.			
3 - OBJETIVOS: Compreender fundamentos da matemática dedutiva nos fundamentos da lógica formal. Desenvolver o raciocínio lógico e dedutivo dos educandos possibilitando identificar, formular, compreender, criticar e utilizar adequadamente as estruturas da Lógica Matemática para a análise e a resolução de problemas relacionados. Prover o estudante de ferramentas de lógica e das estratégias de prova matemática formal mais usadas. Incentivar a discussão sobre proposições que não podem ser demonstradas a partir de um dado conjunto de axiomas. Analisar paradoxos, sofismas e conjecturas. Desenvolver a capacidade de expressar-se, por escrito e oralmente, com clareza e precisão, e de trabalhar em equipes multidisciplinares, estabelecendo relações entre a Matemática e outras áreas do conhecimento. Discutir o uso da lógica matemática como ferramenta de desenvolvimento da capacidade lógico-dedutiva com alunos do ensino fundamental e médio. Promover a utilização de atividades lúdicas, como enigmas e jogos, relacionando-os com o rigor lógico e resolução de problemas. Conhecer os processos de produção da humanidade e suas relações com o trabalho, a ciência e a tecnologia, relacionando-os com a lógica matemática. Consolidar e ampliar o conhecimento sobre os conteúdos específicos, buscando fazer uma análise crítica, capacitando, assim, o aluno a fazer reelaborações sobre tais conteúdos com autonomia.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Introdução histórica; II. Sistematização da lógica matemática: 1. Lógicas formais e lógica matemática, raciocínio e inferência: i. Princípio da Identidade; ii. Princípio da não contradição;			

- iii. Princípio do terceiro excluído;

III. Cálculo Proposicional:

1. Proposição simples e composta;
2. Conectivos proposicionais:
 - i. Conjunção;
 - ii. Disjunção;
 - iii. Condicional;
 - iv. Bicondicional;
 - v. Negação;
3. Formulação, fórmula bem formada (WFF) e Regras de Formação;
4. Valoração;
5. Tabela da Verdade;
6. Classificação das Proposições: Tautologia, Contradição e Contingência;
7. Diagramas Lógicos;
8. Cálculo proposicional: Tratamento Intuitivo e Formal:
 - i. Relações de equivalência e de implicação lógica;
 - ii. Propriedade das equivalências: reflexiva, simétrica, transitiva;
 - iii. Consequência Lógica ou Dedução Formal;
9. Argumento e Validade de um argumento:
 - i. Sofismas ou falácias;
 - ii. Regras de Inferências;
10. Dedução Direta, Indireta e Condicional;
11. Correspondência entre premissa e conclusão e entre hipótese e tese;

IV. Cálculo dos Predicados:

1. Quantificação:
 - i. Definição e notação de quantificador universal;
 - ii. Definição e notação de quantificador existencial;
 - iii. Definição e notação de quantificador existencial de unicidade;
 - iv. Relações lógicas entre quantificadores;
2. Valor lógico de proposições abertas;
3. Equivalências com quantificadores;

V. Condição Suficiente e Condição Necessária;

VI. Estrutura de textos matemáticos e métodos de demonstrações:

1. Sentenças e seus conectivos;
2. Raciocínios dedutivo e indutivo;
3. Indução finita;

VII. Conjuntos e Operações com conjuntos:

1. Operações entre conjuntos, partes de um conjunto, conjuntos numéricos, produto cartesiano e relações, relação de equivalência e ordem;
2. Relações e funções;
3. Demonstrações das proposições dos fundamentos de conjuntos;

VIII. Lógica e atividades lúdicas:

1. Desafios para o Ensino Médio.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BISPO, Carlos Alberto F.; CASTANHEIRA, Luzia; FILHO, Oswaldo Melo S. **Introdução à Lógica Matemática**. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

FEITOSA, Hercules de Araujo; PAULOVICH, Leonardo. **Um prelúdio à lógica**. São Paulo: UNESP, 2005.

MORTARI, Cesar A. **Introdução à lógica**. São Paulo: UNESP, 2001.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ALENCAR FILHO, Edgard de. **Iniciação à lógica matemática**. São Paulo: Nobel, 2002.

MACHADO, Nilson José. **Lógica: É Lógico!** Coleção Vivendo a Matemática. São Paulo: Scipione, 2002.

MACHADO, Nilson José; CUNHA, Marisa Ortegoza da. **Lógica e linguagem cotidiana**: verdade, coerência, comunicação, argumentação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MENEZES, Paulo Blauth. **Matemática Discreta**: para Computação e Informática. Porto Alegre: Bookman, 2008.

MORAIS FILHO, Daniel Cordeiro de. **Um convite à matemática**. 2. ed. Rio de Janeiro: SBM, 2013. 418 p. (Coleção do Professor de Matemática v.23).

O'CONNOR, Joseph; MCDERMOTT, Ian. **Além da lógica**: utilizando sistemas para a criatividade e a resolução de problemas. São Paulo: Summus, 2007.

OLIVEIRA, Krerley Irraciel Martins Oliveira; FERNÁNDEZ, Adán José Corcho Fernández. **Iniciação à Matemática**. Rio de Janeiro: SBM, 2012.

SCHEINERMAN, Edward R. **Matemática Discreta**: Uma introdução. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

SMULLYAN, Raymond. **Alice no país dos enigmas**: incríveis problemas lógicos no país das maravilhas. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

STANGROOM, Jeremy; LEAL, Marcos Malvezzi. **O enigma de Einstein**: desafios lógicos para exercitar sua mente e testar sua inteligência. São Paulo: Marco Zero, 2010.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Leitura e Produção de Textos			
Semestre: 1º		Código: LPTM1	
Nº aulas semanais: 04		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda temas pertinentes à diversidade cultural e linguística do Brasil e ao aprimoramento da competência textual dos graduandos nas modalidades escrita e oral da língua, com ênfase para o tratamento de gêneros textuais formais que circulam nas esferas acadêmica, científica e profissional, contribuindo para o desenvolvimento discursivo dos alunos no decorrer do curso e no futuro exercício da profissão docente, contemplando as especificidades dos diferentes níveis e modalidades da educação básica.			
3 - OBJETIVOS: Promover a compreensão da diversidade cultural por meio da leitura e interpretação de textos, bem como pela promoção de debates acerca da diversidade étnica e linguística brasileira. Promover o exame crítico dos elementos que constituem o processo comunicativo, visando ao aprimoramento da capacidade expressiva oral e escrita. Desenvolver e/ou aprimorar as habilidades cognitivas e práticas dos alunos para ler diferentes tipos de textos, com ênfase para os que circulam nas esferas acadêmica, científica e profissional. Levar os alunos a se desenvolverem como leitores críticos, trabalhando diferentes níveis de aprofundamento da leitura, em função de sua finalidade, especificidades do gênero textual e da situação comunicativa. Desenvolver e/ou aprimorar as habilidades cognitivas e práticas dos alunos para planejar, produzir, revisar e reescrever textos, tornando-os coesos e coerentes, adequados aos elementos do seu contexto de produção. Ampliar o repertório de recursos linguísticos dos alunos, por meio do trabalho com releitura, revisão e reescrita de textos, para que aprimorem sua competência linguística.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Variação linguística e preconceito linguístico: fatores que determinam a diversidade linguística brasileira; II. Oralidade e escrita: estudo de suas especificidades e impregnações mútuas;			

- III. Concepções, finalidades e procedimentos estratégicos de leitura e escrita;
- IV. Competências necessárias à leitura e à produção de textos;
- V. Leitura e/ou produção de gêneros textuais como resumo, resenha, relatório, esquema, artigo científico, seminário, comunicação oral;
- VI. Formas básicas de citação do discurso alheio: citação direta, citação indireta e citação de citação;
- VII. Produção de paráfrases;
- VIII. Noções básicas de ABNT;
- IX. Coesão e coerência textuais;
- X. Estrutura das sentenças;
- XI. Tópicos de língua-padrão a serem selecionados e trabalhados em função de diagnóstico das necessidades apresentadas pelos alunos: concordância, regência, pontuação, ortografia, paragrafação, uso de articuladores textuais, crase, colocação pronominal, entre outros;
- XII. Qualidades e vícios de linguagem, visando ao aprimoramento estilístico do texto.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- DIDIO, Lucie. **Leitura e produção de textos**. São Paulo: Atlas, 2013.
- FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. **Oficina de texto**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. **Português Instrumental**. Porto Alegre: Atlas, 29. ed., 2010.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BERGAMASCHI, M. A.; GOMES, L. B. A temática indígena na escola: ensaios de educação intercultural. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 53-69, 2012
- BRASILEIRO, Ada Magaly. Matias. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Atlas, 2013.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CERTEAU, M. **A cultura no plural**. São Paulo: Papius, 2014.
- FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto para estudantes universitários**. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GARCIA, Marcus Vinícius Carvalho. A diversidade linguística como patrimônio cultural. **Revista Ipea** – Desafios do desenvolvimento. Ano 10. Edição 80 - 23/06/2014. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=3053&catid=28&Itemid=39. Acesso em: 09 jun. 2017.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 13. ed. São Paulo: Cortês, 2011.

KOLLER, Sílvia H.; COUTO, Maria Clara P. de Paula; HOHENDORFF, Jean Von (orgs.) **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

MEDEIROS, João Bosco. **Português instrumental**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MUNANGA, K. (Org). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/Secad, 2008.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática completa Sacconi**. Teoria e prática. 31. ed. São Paulo: Nova Geração, 2011.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Filosofia da Educação			
Semestre: 2º		Código: FLEM2	
Nº aulas semanais: 4	Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3	
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: A filosofia da educação ocupa lugar central na formação do licenciando na medida em que: estabelece os fundamentos éticos e antropológicos da educação; define o próprio conceito de educação; elucida a relação entre a teoria e a práxis educativas; discute os princípios e os aspectos teleológicos do processo educacional; explicita os liames entre a teoria do conhecimento, faculdades mentais e processos de ensino-aprendizagem; possibilita a distinção nítida entre os domínios da política e da educação; aborda a relação entre educação, cultura e valores.			
3 - OBJETIVOS: Familiarizar os alunos com as peculiaridades do pensamento e escrita filosóficos, buscando, concomitantemente, o aprimoramento das capacidades de leitura, crítica e escrita. Promover a reflexão sobre conceitos e temas fulcrais para a educação, tais como: a definição de educação; emancipação intelectual e política; esclarecimento; liberdade; rigor; cultura; autoridade; poder; fundamentos filosóficos de teorias pedagógicas; as faculdades do espírito (entendimento, razão, vontade, imaginação) e o processo de construção do conhecimento etc. Incentivar e instruir o aluno quanto à estruturação lógica do pensamento e à exposição e defesa de ideias, de forma clara e organizada, por meio da apresentação de seminários e da elaboração de ensaios.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. O conceito de educação; II. Características fundamentais de um processo educacional; III. Instituições educativas (família, escola, universidade); IV. Utilitarismo em educação; V. A crise em educação; VI. Emancipação e educação; VII. A questão da liberdade em educação;			

- VIII. A questão da autoridade em educação;
- IX. A questão do rigor em educação;
- X. A questão da atribuição de sentido em educação;
- XI. Ética e educação;
- XII. Antinomias da educação;
- XIII. Faculdades do espírito e a construção do conhecimento;
- XIV. Aspectos teleológicos da educação;
- XV. Aspectos axiológicos da educação;
- XVI. Paideia;
- XVII. Reprodução cultural;
- XVIII. Sociedade de controle.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

KONINCK, Thomas. **Filosofia da educação**: ensaio sobre o devir humano. São Paulo: Paulus, 2007. 336 p. (Coleção Filosofia).

NISKIER, A. **Filosofia da educação**: uma visão crítica. São Paulo: Loyola, 2010.

REBOUL, Olivier. **A filosofia da educação**. Lisboa: Edições 70, 2000. 94 p. (Nova Biblioteca 70)

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____; HORKHEIMER, M. **A dialética do esclarecimento**. Zahar, 2011.

AGOSTINHO. **O mestre**. São Paulo: Landy, 2006.

_____. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997. (Patrística, 10)

ANDRADE, R. G. **Platão**: o cosmo, o homem e a cidade – um estudo sobre a alma. Petrópolis: Vozes, 1993.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. In: ARISTÓTELES. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural. 1987. p. 9-38.

_____. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Da interpretação**. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. São Paulo: Vozes, 2012.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2009.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. **Democracia e educação**. São Paulo: Nacional, 1979.

FERRATER MORA, J. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAEGGER, W. **Paidéia**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

LEOPOLDO E SILVA, F. **Descartes**: a metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 2005.

_____. **O conhecimento de si**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

MARROU, H-I. **História da educação na antiguidade**. São Paulo: EPU, 1990.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou da educação**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.

SCIACCA, M. F. **O problema da educação**. São Paulo: Herder, 1966.

WHITEHEAD, A. N. **Os fins da educação**. São Paulo: Nacional, 1969.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS Guarulhos	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Fundamentos de Geometria Analítica			
Semestre: 2º		Código: GANM2	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T () P () (X) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (X) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de Matemática	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda temas introdutórios de Geometria Analítica: estudo do plano, da reta, de circunferências e cônicas. O conteúdo é essencial para a formação do professor de Matemática, especialmente por ser objeto de estudo no Ensino Médio. Discute aspectos sobre a prática docente em relação ao ensino e aprendizagem dos conteúdos de geometria analítica. Apresenta o estudo de caso como metodologia para a análise de erros de alunos. Analisa o papel do erro na aprendizagem de matemática e sua contribuição para a prática docente.			
3 - OBJETIVOS: Desenvolver conhecimentos matemáticos necessários para atuação na educação básica. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade. Conceber a pesquisa como elemento essencial na formação inicial e continuada, em suas diferentes acepções, desde a pesquisa como recurso para a aprendizagem até a pesquisa científica. Contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências que o professor da Educação Básica deve construir ao longo de sua formação docente no que se refere ao ensino de Geometria Analítica na Educação Básica.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Coordenadas cartesianas no plano: 1. Noções básicas; 2. Distância entre dois pontos; 3. Razão entre segmentos colineares; 4. Condição para alinhamento de três pontos. II. Equação da reta: 1. Equação geral; 2. Intersecção de duas retas; 3. Posições relativas de duas retas; 4. Feixe de retas concorrentes; 5. Feixe de retas paralelas; 6. Formas da equação da reta.			

III. Teoria angular:

1. Coeficiente angular;
2. Condição de paralelismo;
3. Condição de perpendicularidade;
4. Ângulo entre duas retas.

IV. Distância de ponto a reta.

V. Circunferências:

1. Equação reduzida;
2. Equação normal;
3. Reconhecimento;
4. Ponto e circunferência;
5. Reta e circunferência;
6. Duas circunferências;
7. Problemas sobre circunferências.

VI. Cônicas:

1. Elipse;
2. Hipérbole;
3. Parábola;
4. Reconhecimento de uma cônica;
5. Interseções de cônicas;
6. Tangentes a uma cônica.

VII. Análise de erros:

1. O papel do erro na aprendizagem de matemática;
2. Aprendendo com os erros: uma análise do erro de alunos da educação básica e sua contribuição para a prática docente;
3. A análise de erros como metodologia de investigação.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CURY, Helena Noronha. **Análise de erros**: o que podemos aprender com as respostas dos alunos. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

IEZZI, Gelson. **Fundamentos de matemática elementar**: 7: geometria analítica: 478 exercícios propostos com resposta: 296 questões de vestibulares com resposta. 6. ed. São Paulo: Atual, 2013.

LIMA, Elon Lages Lima. **A matemática do ensino médio**: volume 3. 6. ed. Rio de Janeiro: SBM, 2006.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

DE CAROLI, Alésio. **Matrizes vetores geometria analítica**: teoria e exercícios. 15. ed. São Paulo: Nobel, 1982.

GIOVANNI, José Ruy; BONJORNIO, José Roberto; GIOVANNI JR., José Ruy. **Matemática completa**: ensino médio: volume único. São Paulo: FTD, 2002.

IEZZI, Gelson; DOLCE, Osvaldo; DEGENSZAJN, David; PÉRIGO, Roberto; ALMEIDA, Nilze de. **Matemática**: ciência e aplicações: volume 3. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

IEZZI, Gelson; DOLCE, Osvaldo; DEGENSZAJN, David; PÉRIGO, Roberto. **Matemática**: volume único. 5.ed. São Paulo: Atual, 2011.

MACHADO, Antonio dos Santos. **Matemática:** temas e metas. 5: geometria analítica e polinômios. São Paulo: Atual, 1986.

PINTO, Neuza Bertoni. **O erro como estratégia didática:** Estudo do erro no ensino de matemática elementar. Campinas, SP: Papirus, 2000. (Série Prática Pedagógica).

SMOLE, Kátia Cristina Stocco.; DINIZ, Maria Ignez de Souza Vieira. **Matemática:** ensino médio 3. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS Guarulhos	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Fundamentos de Matemática 2			
Semestre: 2º		Código: FD2M2	
Nº aulas semanais: 6		Total de aulas: 114	Total de horas: 95
Abordagem Metodológica: T () P () T/P (X)		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (X) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de Matemática.	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda os temas de trigonometria, números complexos e polinômios. O conteúdo é essencial para a formação do professor de Matemática, especialmente por ser objeto de estudo no Ensino Médio, além de oferecer condições para que o aluno prossiga e tenha êxito no curso. Discute a prática docente em relação ao ensino da Trigonometria. Analisa livros didáticos em relação aos tópicos abordados nessa disciplina, a partir das propostas apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais.			
3 - OBJETIVOS: Desenvolver conhecimentos matemáticos necessários para atuação na educação básica. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade. Conceber a pesquisa como elemento essencial na formação inicial e continuada, em suas diferentes acepções, desde a pesquisa como recurso para a aprendizagem até a pesquisa científica. Contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências que o professor da Educação Básica deve construir ao longo de sua formação docente no que se refere ao ensino de Funções Trigonométricas e Polinômios na Educação Básica.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Trigonometria no triângulo retângulo: 1. Triângulo retângulo: conceito, elementos, Teorema de Pitágoras; 2. Razões trigonométricas no triângulo retângulo; 3. Relações entre seno, cosseno, tangente e cotangente; 4. Seno, cosseno, tangente e cotangente de ângulos complementares; II. Trigonometria na circunferência: 1. Arcos e ângulos; 2. Ciclo trigonométrico; 3. Razões trigonométricas na circunferência; 4. Relações fundamentais; 5. Redução ao primeiro quadrante; III. Funções trigonométricas: 1. Funções trigonométricas;			

2. Transformações;
3. Identidades;
4. Equações;
5. Inequações;
6. Funções inversas;

IV. Números Complexos:

1. Operações com pares ordenados;
2. Forma algébrica;
3. Forma trigonométrica;
4. Potenciação;
5. Radiciação;
6. Equações binômias e trinômias;

V. Polinômios:

1. Polinômios;
2. Igualdade;
3. Operações: soma e produto;
4. Grau;
5. Divisão;

VI. Equações Polinomiais:

1. Número de raízes;
2. Multiplicidade;
3. Relações de Girard;
4. Raízes complexas;
5. Raízes racionais.

VII. O Programa Nacional do Livro Didático;

VIII. Análise de livros didáticos:

1. Análise de conteúdos de livros didáticos e suas contribuições à prática do professor de matemática;
2. A organização praxeológica e a organização dos tipos de atividades presentes nos livros didáticos.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

IEZZI, Gelson. **Fundamentos de matemática elementar 3**: trigonometria: 506 exercícios propostos com respostas: 167 questões de vestibulares com resposta. 9. ed. São Paulo: Atual, 2013.

IEZZI, Gelson. **Fundamentos de matemática elementar 6**: complexo, polinômios e equações. 8. ed. São Paulo: Atual, 2013.

MACHADO, Antonio dos Santos. **Matemática**: temas e metas, 2: trigonometria e progressões. São Paulo: Atual, 2010.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: matemática**. Secretaria de educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

FREITAG, B. et al. **O livro didático em questão**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GUELLI, Oscar. **Dando corda na trigonometria**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

IEZZI, Gelson; DOLCE, Osvaldo.; DEGENSZAJN, David; PÉRIGO, Roberto; ALMEIDA, Nilze de. **Matemática: ciência e aplicações: volume 2**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

MACHADO, Antonio dos Santos. **Matemática: temas e metas, 5: geometria analítica e polinômios**. São Paulo: Atual, 1986.

MEDEIROS, Valéria Zuma (Coord.). **Pré-cálculo**. 2. ed. São Paulo: Cengage, 2010.

ROCHA, Alexandra; PONTE, João Pedro da. Aprender matemática investigando. In: **Zetetikè**. Cempem – FE-Unicamp. v. 14. n. 26, p. 30-54, 2006.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco.; DINIZ, Maria Ignez de Souza Vieira. **Matemática: ensino médio 2**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: LICENCIATURA EM MATEMÁTICA Componente Curricular: Geometria Plana 2			
Semestre: 2º		Código: GP2M2	
Nº aulas semanais: 04		Total de aulas: 76	
		Total de horas: 63.3	
Abordagem Metodológica: T () P () (X) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (X) SIM () NÃO Uso do laboratório de informática	
2 - EMENTA: A disciplina aborda os conteúdos elementares da Geometria Euclidiana Plana tanto por meio do tratamento axiomático como das construções geométricas com régua e compasso, sendo essas construções fundamentadas pela axiomática da Geometria Euclidiana Plana. Seu estudo está pautado nas discussões envolvendo as noções, definições, propriedades e teoremas próprios dessa geometria, por meio da interlocução com aspectos didáticos e metodológicos que envolvem o ensino da geometria na educação básica. As atividades de construções geométricas propostas articulam o uso de régua e compasso com os programas de Geometria Dinâmica como ferramentas que contribuem para a descoberta, a verificação e a investigação de resultados, auxiliando a estabelecer e validar conjecturas. São propostas ainda atividades que contribuam para a leitura e interpretação de problemas. A disciplina trata, também, da transposição didática para o ensino e aprendizagem da Geometria, e apresenta a importância dos recursos da interdisciplinaridade e da contextualização para instrumentalizar a transposição didática na prática docente.			
3 - OBJETIVOS: Contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências que são inerentes ao docente da Educação Básica, no que concerne ao ensino da Geometria. Articular o ensino e a aprendizagem de conceitos geométricos à resolução de problemas do dia a dia. Oportunizar o envolvimento dos alunos na resolução de problemas por meio da argumentação matemática. Contribuir para o desenvolvimento de um rigor lógico nos pensamentos dedutivo e indutivo.			
II. 4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: III. Quadriláteros:			

1. Estudo dos seus elementos e de suas propriedades;
2. Classificação de quadriláteros;
3. Propriedades dos quadriláteros notáveis;
4. Áreas de quadriláteros.

IV. Polígonos:

1. Propriedades dos polígonos regulares;
2. Polígonos regulares: polígonos inscritos e circunscritos em uma circunferência;
3. Cálculo de lado e apótema de polígonos regulares;
4. Áreas de superfícies poligonais.

V. Circunferência e Círculo:

1. Elementos de circunferência;
2. Arcos e ângulos em uma circunferência: ângulo central e ângulo inscrito relativos a um arco; relação entre ângulo central e ângulo inscrito;
3. Quadriláteros inscritíveis e relação entre seus ângulos;
4. Quadriláteros circunscritíveis e relação entre suas medidas; Estudo do Teorema de Ptolomeu;
5. Relações métricas na circunferência;
6. Posições relativas entre retas e circunferência;
7. Posições relativas entre circunferências;
8. A circunferência de nove pontos;
9. Círculo e suas partes: partes do círculo; área do círculo e de suas partes.

VI. Segmentos construtíveis:

1. Segmentos proporcionais;
2. Raiz quadrada de um número inteiro;
3. Média geométrica;
4. Expressões algébricas: operações algébricas elementares por meio da utilização de régua e compasso.

VII. Seção áurea e aplicações.

VIII. Isometrias:

1. Isometrias e a congruência;
2. Reflexões em retas e suas aplicações;
3. Translação e suas aplicações;
4. Rotação e suas aplicações;

IX. Homotetia:

1. Homotetias e semelhança;
2. Homotetia e tangência.

X. Transposição didática:

1. Conhecimento escolar e conhecimento científico: uma discussão para a prática do professor;
2. Exemplos em educação matemática e os processos de ensino e aprendizagem da matemática;

XI. Interdisciplinaridade e contextualização:

1. Interdisciplinaridade como prática do currículo escolar e sua contribuição para a prática docente;
2. Conhecimento escolar e os contextos sociais: estudo de sua articulação para o ensino e aprendizagem da matemática.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DOLCE, O.; POMPEO, J. N. **Fundamentos da Matemática Elementar**. Vol. 9. São Paulo: Atual, 2006.

PAIS, L. C. **Didática da matemática**: uma análise da influência francesa. Belo Horizonte; Autêntica, 2001.

WAGNER, E. **Construções Geométricas**. Coleção do Professor de Matemática. Rio de Janeiro, SBM, 1993.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BARBOSA, J. L. M. **Geometria Euclidiana Plana**. 5. ed. Rio de Janeiro: SBM, 2002.

DOUBNOV, I. **Erros nas demonstrações geométricas**. Trad. Robinson Moreira Tenório. São Paulo: Atual, 1996.

LIMA, E. **Medida e Forma em Geometria**. 4. ed. Coleção do Professor de Matemática. Rio de Janeiro: SBM, 2009.

LIMA, E.; CARVALHO, P.C.P.; WAGNER, E.; MORGADO, A.C. **A Matemática do Ensino Médio**. Vol 2. Rio de Janeiro: SBM, 1998 (Coleção do Professor de Matemática).

MACHADO, A. S. **Temas e Metas**. Vol.4. Áreas e Volumes. São Paulo: Atual, 2000.

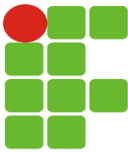
NETTO, S.L. **Construções Geométricas**. Exercícios e Soluções. Rio de Janeiro, SBM, 1993 (Coleção do Professor de Matemática).

PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade**: conceitos e distinções. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: perspectivas sociológicas. Lisboa: Edições Dom Quixote, 1993.

SANTOMÉ, Jurjo. **Globalização e Interdisciplinaridade - O Currículo Integrado**. Porto Alegre: Editora Artes Medicas Sul LTDA, 1998.

TINOCO, L. **Geometria Euclidiana por meio de resolução de problemas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Matemática / UFRJ, 2004.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: História da Educação			
Semestre: 2º		Código: HIEM2	
Nº aulas semanais: 04		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (x) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO	
2 - EMENTA: O componente empreenderá a reconstrução da história da educação e da pedagogia como prática social, analisando os fundamentos da educação em geral. Para tanto, levará em consideração as fases da história da educação, o surgimento de sistemas educacionais, ideias e práticas pedagógicas e a construção do pensamento educacional, da Antiguidade ao século XXI, no Brasil e no mundo. O componente apresenta a História da Educação vinculada à história da humanidade nos aspectos social, político, econômico e filosófico-cultural e discute as diversas imagens de homem construídas nos diferentes momentos da história. Dentre as variadas concepções de Educação e de propostas pedagógicas elaboradas ao longo do tempo, procura aprofundar o conhecimento das que tiveram mais aplicabilidade, em cada momento histórico. Nesse percurso, analisa os diferentes períodos históricos, desde a Antiguidade até os dias atuais, através do estudo do contexto sócio-político-cultural e do trabalho produzido no campo pedagógico e vivenciado nos dias de hoje.			
3 - OBJETIVOS: Analisar os objetivos e significados das instituições educacionais durante a Antiguidade Clássica, Idade Média, Renascimento, Reforma e Contra-Reforma Religiosa e Iluminismo. Relacionar a evolução dos processos educacionais, desde a Antiguidade, analisadas no contexto sociocultural de cada época. Verificar tendências da educação contemporânea. Compreender a evolução dos processos educacionais e o ideário educacional de cada período. Analisar a Educação Brasileira tendo como eixo norteador as seguintes temáticas: (a) organização do ensino no Brasil; (b) política educacional no contexto das políticas públicas; (c) organização e gestão do sistema escolar brasileiro; (d) análise crítica da educação básica na perspectiva da legislação educacional; (e) abordagem dos fundamentos filosófico-educacionais presentes na práxis educacional brasileira.			

4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- I. A educação clássica grega: os ideais pedagógicos de Platão;
- II. A Educação Medieval;
- III. Educação no iluminismo;
- IV. Reforma e Contra-Reforma;
- V. Educação Moderna e Renascimento;
- VI. Educação jesuítica e a Reforma Religiosa;
- VII. Comenius e a *Didática Magna*;
- VIII. O *Emílio*, de Rousseau;
- IX. Educação no século XIX;
- X. A educação contemporânea;
- XI. A Educação Nova: instituições, experiências e métodos;
- XII. As concepções teóricas de educação;
- XIII. Evolução da Educação no Brasil: período Jesuítico, Pombalino, Joanino, Imperial, Primeira República, Era Vargas, República Liberal, Ditadura Militar e Nova República;
- XIV. Educadores brasileiros: Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo;
- XV. Os movimentos de educação popular: Paulo Freire e a educação popular;
- XVI. As reformas educacionais e a expansão do ensino;
- XVII. O “neoliberalismo” e as políticas educacionais.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia Geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.
- HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.
- MANACORDA, M. A. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 1999.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- CUNHA, L. A. **Educação Brasileira: projeto em disputa**. São Paulo: Cortez, 1995.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GHIRALDELLI, Paulo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006.
- RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira**. São Paulo: Moraes, 1977.
- ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- SAVIANI, D. **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas: Autores Associados, 2000.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Álgebra Linear 1			
Semestre: 3º		Código: AL1M3	
Nº aulas semanais: 4	Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3	
Abordagem Metodológica: T () P () (X) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (X) SIM () NÃO Laboratório de Matemática.	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda os conteúdos da Álgebra Linear, em particular, Matrizes, Determinantes e Sistemas Lineares, destacando as aplicações e as relações com os conteúdos da Educação Básica. Discute a prática docente em relação ao ensino da Álgebra. Estuda o contrato didático e suas influências na sala de aula. Promove a investigação das rupturas e efeitos do contrato didático no ensino e aprendizagem da Álgebra.			
3 - OBJETIVOS: Desenvolver a habilidade de identificar, formular e resolver problemas envolvendo matrizes, determinantes e sistemas lineares. Aplicar técnicas de álgebra linear em outras disciplinas do curso. Desenvolver a capacidade de trabalhar com os principais teoremas envolvendo cálculo de determinantes e operações entre matrizes. Compreender as aplicações destes conteúdos em outras áreas do conhecimento.			
4- CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Matrizes: 1. Matrizes: conceito; 2. Álgebra matricial, soma, produto de matrizes, produto de matriz por escalar; 3. Matriz, matriz diagonal, identidade, matriz triangular, matrizes simétricas e ortogonais; 4. Matrizes elementares, implicações da existência da inversa; 5. Operações elementares entre linhas e colunas; 6. Processo para inversão de Matrizes; II. Determinantes: 1. Definição; 2. Cálculo de determinantes; 3. Propriedades;			

4. Determinantes especiais;
5. Regra de Cramer;
6. Teorema de Laplace;
7. Teorema de Cauchy;
8. Teorema de Jacobi;
9. Teorema de Binet;
10. Regra de Chió;

III. Sistemas lineares:

1. Equações Lineares;
2. Sistemas Lineares;
3. Solução e Conjunto-Solução;
4. Sistemas Escalonados;
5. Algoritmo de escalonamento de Gauss-Jordan;
6. Resolução de Sistemas Lineares pelo processo de inversão de matrizes;

IV. Introdução aos Espaços Vetoriais:

1. Espaços vetoriais e subespaços;
2. Espaços no $\mathbb{R}^n$;

V. Contrato didático:

1. O contrato didático e suas influências na sala de aula;
2. Estudo das rupturas e efeitos do contrato didático para a prática docente;
3. Interrelações entre contrato didático e transposição didática no ensino de álgebra linear.

VI. Contrato pedagógico:

1. O contrato pedagógico e a prática do professor que ensina matemática;
2. A mobilização do contrato pedagógico na sala de aula e sua interrelação entre o aluno e o professor.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BOLDRINI, José Luiz. **Álgebra linear**. 3. ed. São Paulo: Harbra, 2014.

CALLIOLI, Carlos A. **Álgebra Linear e Aplicações**. 6. ed. São Paulo: Atual, 2011.

IEZZI, Gelson; HAZZAN, Samuel. **Fundamentos de matemática elementar: 4: sequências, matrizes, determinantes, sistemas: 43 exercícios resolvidos, 407 exercícios propostos com respostas, 303 testes de vestibular com resposta**. 6. ed. Rio de Janeiro: Atual, 1993.

PAIS, L. C. (2009). **Didática da Matemática: uma análise da influência francesa**. Belo Horizonte. Autêntica.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ANTON, Howard. et al. **Álgebra linear com aplicações**. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ARAÚJO, Lúcia. **Rompendo o contrato didático: a utilização de estratégias metacognitivas na resolução de problemas algébricos**. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2009.

BROUSSEAU, G. (1996). Os diferentes papéis do professor. In: PARRA, C.; SAIZ, I. **Didática da Matemática**: reflexões psicopedagógicas. Porto Alegre: Artes Médicas.

PIMENTA, Selma Garrido. A Didática como mediação na construção da identidade do professor – uma experiência de ensino e pesquisa na licenciatura. In: ANDRÉ, Marli. E. D. A.; OLIVEIRA, Maria Rita N. S. (Org.). **Alternativas no Ensino de Didática**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008.

POOLE, David. **Álgebra linear**. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

SHIFRIN, Theodore; ADAMS, Malcolm Ritchie. **Álgebra linear**: uma abordagem geométrica. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

SHOKRANIAN, Salahoddin. **Uma introdução à álgebra linear**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009.

STEINBRUCH, Alfredo; WINTERLE, Paulo. **Álgebra linear**. 2.ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 1987.

TROTTA, Fernando. **Matemática por assunto**: sistemas lineares, matrizes e determinantes. São Paulo: Editora Scipione, 2006.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: LICENCIATURA EM MATEMÁTICA Componente Curricular: Geometria Espacial			
Semestre: 3º		Código: GESM3	
Nº aulas semanais: 04	Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3	
Abordagem Metodológica: T () P () (x) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (X) SIM () NÃO Uso do laboratório de informática	
2 - EMENTA: O componente aborda os conteúdos elementares da Geometria Euclidiana Espacial por meio do tratamento axiomático. Seu estudo contribui para o desenvolvimento do raciocínio matemático, assim como para o uso da linguagem matemática, por meio do exercício de abstração para o trabalho com os objetos matemáticos. O estudo das propriedades das figuras geométricas euclidianas espaciais contribui, ainda, para a prática docente dos conteúdos descritos no Conteúdo Programático, promovendo o exercício do pensamento crítico-reflexivo. Esse componente utiliza-se da observação e da análise de casos e de situações de ensino e aprendizagem da Geometria Euclidiana Espacial, na Educação Básica, como elemento desencadeador das discussões para a compreensão do conteúdo a ser ensinado. Busca-se, ainda, articular essas discussões com a análise de livros didáticos e paradidáticos, bem como de propostas curriculares oficiais em vigor.			
3 - OBJETIVOS: Reconstruir os fundamentos básicos que compõem a Geometria Euclidiana Espacial. Desenvolver a visão espacial das figuras geométricas espaciais. Aplicar os conceitos da Geometria Euclidiana Espacial em situações que envolvam a interdisciplinaridade e a contextualização. Aprofundar as discussões sobre os conteúdos que são abordados no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Desenvolver o raciocínio lógico visando à exploração de situações-problema, procurando identificar regularidades e realizar conjecturas em busca de generalizações. Contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências que o professor da Educação Básica deve construir ao longo de sua formação docente no que se refere ao ensino de Geometria na Educação Básica.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Geometria Espacial de Posição:			

1. Noções primitivas e postulados da Geometria Euclidiana Espacial;
 2. Determinação de planos no espaço;
 3. Posições relativas entre retas no espaço;
 - i. Posições relativas entre retas e planos no espaço;
 - ii. Posições relativas entre planos no espaço;
 4. Paralelismo e Perpendicularidade entre retas e planos: o Teorema Fundamental do Perpendicularismo e seus corolários.
- II. Distância e Ângulos no Espaço:**
1. Projeções ortogonais de pontos, segmentos, retas e figuras sobre um plano;
 2. Distâncias envolvendo pontos, retas e planos no espaço;
 3. Ângulos entre reta e plano;
 4. Diedros, triedros e ângulos poliédricos.
- III. Poliedros:**
1. Poliedros convexos e não-convexos;
 2. Poliedros de Platão e poliedros regulares;
 3. Relação de Euler para poliedros convexos;
 4. Problemas de Aplicação.
- IV. Prismas:**
1. Classificação e elementos;
 2. Paralelepípedos e cubos;
 3. Áreas e volumes;
 4. Princípio de Cavalieri;
 5. Problemas de Aplicação.
- V. Pirâmides:**
1. Classificação e elementos;
 2. Áreas e volumes;
 3. Tetraedro regular;
 4. Problemas de aplicação.
- VI. Cilindros:**
1. Classificação e elementos;
 2. Cilindros de revolução;
 3. Cilindros equiláteros;
 4. Áreas e volumes de cilindros de revolução;
 5. Problemas de aplicação.
- VII. Cones:**
1. Classificação e elementos;
 2. Cones de revolução;
 3. Cones equiláteros;
 4. Relações métricas em cones de revolução;
 5. Áreas e volumes de cones de revolução;
 6. Troncos de cones de revolução;
 7. Problemas de aplicação.
- VIII. Esferas:**
1. Classificação e elementos;
 2. Áreas e volumes;
 3. Inscrição e circunscrição de esferas em poliedros regulares;
 4. Inscrição e circunscrição de esferas em cones de revolução;
 5. Problemas de aplicação.
- IX. O estudo de caso:**
1. O método e a coleta de dados para análise;

2. A escolha de situações de sala de aula e suas articulações com os livros didáticos;
3. As escolhas do professor e o processo de ensino e aprendizagem da geometria euclidiana espacial.

X. Análise de livros didáticos.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DOLCE, O; POMPEO, J.N. **Fundamentos da Matemática Elementar**. Vol.10 (Geometria Espacial). São Paulo: Atual, 2006

LORENZATO, S. Laboratório de ensino de matemática e materiais didáticos manipuláveis. In: LORENZATO, S. (Org.). **O laboratório de ensino de matemática na formação de professores**. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2012, p. 3-37.

MENDES, I. A. **Matemática e investigação em sala de aula: tecendo redes cognitivas na aprendizagem**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

5 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

DOLCE, O; POMPEO, J.N. **Fundamentos da Matemática Elementar**. Vol.9 (Geometria Plana). São Paulo: Atual, 2006

DOUBNOV, I. **Erros nas demonstrações geométricas**. Trad. Robinson Moreira Tenório. São Paulo: Atual, 1996.

GARBI, Gilberto Geraldo. **C.Q.D.: explicações e demonstrações sobre conceitos, teoremas e fórmulas essenciais da geometria**. São Paulo: Livraria da Física, 2010.

GARNICA, A. V. M., & Martins, R. M. (1999). Avaliação de um projecto pedagógico para a formação de professores de Matemática: Um estudo de caso. **Zetetiké**, 7(12), 51-74.

LIMA, E.L; CARVALHO, P.C.P; WAGNER, E; MORGADO, A.C. **A Matemática do Ensino Médio**. Vol.2. Rio de Janeiro: SBM, 1999.

ILIMA, E. **Medida e Forma em Geometria**. 4. ed. Rio de Janeiro: SBM, 2009 (Coleção do Professor de Matemática).

MACHADO, A. S. **Temas e Metas**. Vol.4 Áreas e Volumes. São Paulo: Atual, 2000.

PASSOS, C. L. B. Materiais manipuláveis como recursos didáticos na formação de professores de matemática. In: LORENZATO, S. (Org.). **O laboratório de ensino de matemática na formação de professores**. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2012, p. 77-92.

TINOCO, L. **Geometria Euclidiana por meio de resolução de problemas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Matemática / UFRJ, 2004.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Matemática Financeira			
Semestre: 3º		Código: MFIM3	
Nº aulas semanais: 2		Total de aulas: 38	Total de horas: 31.7
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular apresenta as técnicas de equacionamento e cálculo de valores diferenciados pelo tempo, os chamados valor presente e valor futuro, abordando também os fundamentos matemáticos que são a base de cálculo, das fórmulas e das tabelas financeiras. É a matemática aplicada ao cotidiano de todos, exposta em transações financeiras e comerciais.			
3 - OBJETIVOS: Conscientizar o aluno da base matemática da matemática financeira. Habilitar o aluno a gerir as finanças pessoais e empresariais. Abordar e compreender a relação do dinheiro com o tempo. Apresentar as técnicas de equacionamento e cálculo do valor presente e futuro. Apresentar os diferentes sistemas de capitalização, empréstimos e financiamento. Aprender a equacionar os diferentes tipos de taxas existentes. Introduzir as operações financeiras. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade. Apresentar a Matemática como um corpo de conhecimentos rigoroso, formal e dedutivo, produto da atividade humana, historicamente construída. Articular conteúdos matemáticos com diversas áreas do conhecimento e conhecer suas aplicações em contextos inter e transdisciplinares.			

4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

I. NOMENCLATURA E CONCEITOS INICIAIS:

1. O valor do dinheiro no tempo;
2. Capital, Juros e Taxas;
3. Diagrama do Fluxo de Caixa;

II. JUROS SIMPLES:

1. Regime de Juros Simples;
2. Taxas proporcionais;
3. Taxas equivalentes;
4. Juro comercial e juro exato;
5. Determinação do número de dias entre duas datas;

III. DESCONTO SIMPLES:

1. Títulos de Crédito;
2. Desconto Comercial;
3. Equivalência de capitais;
4. Desconto Racional;

IV. JUROS COMPOSTOS:

1. Regime de Capitalização Composta;
2. Cálculo do Montante;
3. Cálculo do Capital;
4. Taxas proporcionais e taxas equivalentes;
5. Taxa nominal e taxa efetiva;
6. Montante para períodos não inteiros;

V. DESCONTO COMPOSTO:

1. Cálculo do valor presente;
2. Equivalência de capitais diferidos;

VI. ANUIDADES OU SÉRIES:

VII. EMPRÉSTIMOS E FINANCIAMENTOS:

1. Amortização e Capitalização compostas;
2. Séries antecipadas e postecipadas;
3. Montante de série periódico uniforme
4. Sistema Francês e Price;
5. Sistema de Amortização Constante (SAC);
6. Sistema de Amortização Americano;

VIII. ANÁLISE DE INVESTIMENTO:

1. Processo de Avaliação de Investimento;
2. Valor Presente Líquido;
3. Taxa Interna de Retorno

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

IEZZI, Gelson; HAZZAN, Samuel; DEGENSZAJN, David. **Fundamentos de Matemática Elementar**. Vol 11: matemática comercial, matemática financeira, estatística descritiva. São Paulo: Atual, 2004.

MATHIAS, Washington Franco; GOMES, José Maria. **Matemática Financeira**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SAMANEZ, Carlos Patricio. **Matemática Financeira: aplicações à análise de investimento**. 4. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ASSAF NETO, Alexandre. **Matemática Financeira e suas Aplicações**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

BRUNI, Adriano Leal; FAMÁ, Rubens. **Matemática Financeira com HP12C e Excel**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

CRESPO, Antônio Arnot. **Matemática Financeira Fácil**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

DAL ZOT, Wili; CASTRO, Manuela Longoni de. **Matemática financeira: fundamentos e aplicações**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

GIMENES, Cristiano Marchi. **Matemática Financeira com HP12C e Excel: uma abordagem descomplicada**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Psicologia da Educação			
Semestre: 3º		Código: PSEM3	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (x) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente visa abordar a natureza dos processos psicológicos enfatizando questões cruciais como aprendizagem e desenvolvimento cognitivo, formação de conceitos cotidianos e científicos e a formação da consciência. O aluno deverá ser capaz de conhecer diferentes abordagens teóricas sobre o processo de aprendizagem, perceber as relações da Psicologia da Aprendizagem com áreas de conhecimentos afins e reconhecer as aplicações da Psicologia da Aprendizagem à vida cotidiana e ao processo de ensino escolar. Propõe a análise e reflexão da Psicologia da Educação como área de estudo sobre o comportamento social humano e a importância desta ciência para o desenvolvimento do trabalho didático-pedagógico do professor. Abarca ainda discussões sobre o processo psicossocial de formação dos grupos e os diferentes conceitos de inteligência, além de aspectos do comportamento humano, identificando as principais contribuições desta área de conhecimento para a formação e atuação dos professores.			
3 - OBJETIVOS: Discutir as complexas relações existentes no desenvolvimento psíquico, analisando as abordagens, especialmente de Skinner, Freud, Piaget, Vygotsky, Wallon. Instrumentalizar os alunos para a compreensão dos processos de constituição da singularidade psicológica de cada sujeito humano e a relação do processo de estruturação psíquica e a questão da aprendizagem. Apropriar-se dos principais referenciais da psicologia para a organização do trabalho pedagógico nas atividades de ensino.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Os princípios e os pressupostos que fundamentam as abordagens dos processos de aprendizagem e desenvolvimento nas principais teorias da psicologia aplicadas à educação; II. Fundamentos da Psicologia, Educação e Trabalho Docente;			

- III. **Psicanálise e Educação – Sigmund Freud;**
- IV. **Psicologia Comportamental e Educação – Frederic Skinner;**
- V. **Psicologia Cognitiva e Educação – Jean Piaget;**
- VI. **Psicologia Histórico-Cultural e Educação – Lev. S. Vygotsky;**
- VII. **Psicologia da pessoa completa – Henri Wallon;**
- VIII. **Construção de conhecimento e psicologia;**
- IX. **Aspectos psicológicos implicadores nas situações de aprendizagem.**

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- COLL, Cesar. **Psicologia e Currículo:** uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. São Paulo: Ática, 1996.
- FONTANA Roseli A. C.; CRUZ, Maria N. **Psicologia e Trabalho Pedagógico.** São Paulo: Atual, 1997.
- LA TAILLE Y., OLIVEIRA, Marta K., DANTAS, H. **Piaget, Vigotsky, Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. 14. ed. São Paulo: Summus, 1992.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- ALENCAR, Eunice M.L.S. **Novas Contribuições da Psicologia aos Processos de Ensino e Aprendizagem.** São Paulo: Cortez, 1992.
- AQUINO, Julio Groppa. **Do cotidiano escolar** - ensaios sobre a ética e seus avessos. São Paulo: Summus Editorial, 2000.
- BAUM, Willian. M. **Compreender o Behaviorismo:** comportamento, cultura e evolução. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- LARROCA, Priscila. **Psicologia na Formação Docente.** Campinas: Alínea, 1999.
- KUPFER, Maria Cristina M. **Freud e a Educação:** o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky: **Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico.** São Paulo: Editora Scipione, 1997.
- RAPPAPORT, Clara Regina. **Psicologia do Desenvolvimento.** São Paulo: EPU, v. 1 a 4, 1981.
- PIAGET, Jean. **A Epistemologia genética.** Trad. Nathanael C. Caixeiro São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1975 (Os Pensadores).
- VYGOTSKY, Lev. S. **A formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Edições 70, 1981.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Sociologia da Educação			
Semestre: 3º		Código: SOEM3	
Nº aulas semanais: 2		Total de aulas: 38	Total de horas: 31.7
Abordagem Metodológica: T (x) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente apresenta as concepções sociológicas acerca das interações sociais provenientes da formação escolar, das instituições de ensino e do processo de socialização dos estudantes, docentes e profissionais da educação. A sociologia surge enquanto ciência a compreender fenômenos que derivam da vida em sociedade. Nesse sentido, a educação, suas diretrizes e seus objetivos devem se voltar às necessidades da sociedade da qual fazem parte, sendo atividade decisiva para o desenvolvimento desta. Assim, o papel da educação na formação humana, econômica e social dos indivíduos depende de análises e intervenções críticas para o bem estar social.			
3 - OBJETIVOS: Identificar e analisar as diferentes relações entre indivíduo, sociedade e sistemas escolares, de modo a compreender os resultados de tais relações aplicados às instituições escolares e à vida do aluno. Observar fenômenos que ocorrem no ambiente escolar e/ou relacionados a ele enquanto fenômenos de natureza social, avaliando as possibilidades de intervenção para melhorias na vida escolar.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Apresentação do curso: 1. Por uma sociologia da educação – educação que integre indivíduo e sociedade; 2. Polêmica: problemas sociais na escola; II. Educação e Sociologia – pressupostos teóricos e metodológicos: Durkheim: 1. A educação enquanto processo de socialização – Durkheim; 2. Educação e escola enquanto fato social; 3. Educação para a divisão social do trabalho; III. Educação e Sociologia – pressupostos teóricos e metodológicos: Weber: 1. Os fundamentos das ações sociais na educação;			

	2. Educação e as relações com formas específicas de dominação, por Weber; 3. A educação e o desencantamento do mundo; IV. Educação e Sociologia – pressupostos teóricos e metodológicos: Marx: 1. Homem, trabalho e cultura em Marx; 2. Educação e ideologia por Marx; 3. Educação para o Capital; V. A educação no Brasil sob a(s) perspectiva(s) sociológica(s): as matrizes explicativas: 1. A sociologia da educação: pressupostos teóricos do seu desenvolvimento histórico; 2. Escola e desigualdade social: concepções Saviani e a crítica aos modelos de escolas tradicionais e crítico-reprodutivistas; 3. O pensamento social no ensino escolar; VI. As questões ambientais na sociedade contemporânea: 1. O que é ecologia; 2. O meio ambiente na sociedade de risco.
	5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA: DURKHEIM, Émile. Educação e sociologia. Petrópolis: Vozes, 2011. FERNANDES, Florestan. O dilema educacional. Em: FORACCHI, M. e PEREIRA, L. Educação e Sociedade: leituras de sociologia da educação. São Paulo, Ed. Nacional, 1979. SAVIANI, D. Escola e Democracia. 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2012 (Coleção Polêmicas do nosso tempo; 5).
	6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR: BOBBIO, Norberto e BOVERO, M. Sociedade e Estado na filosofia política moderna. São Paulo: Brasiliense, 1986. CANDIDO, Antonio. Tendências no desenvolvimento da sociologia da educação. In: PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice M. Educação e sociedade - leituras de sociologia da educação. 11. ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1983. p. 7-18. DURKHEIM, E. A educação como processo socializador: função homogeneizadora e função diferenciadora. Em: FORACCHI, M. e PEREIRA, L. Educação e Sociedade: leituras de sociologia da educação. São Paulo, Ed. Nacional, 1979. GIANOTTI, José Artur. Origens da dialética do trabalho. São Paulo: Difel, 1966. GUATTARI, Felix. As três ecologias. São Paulo: Papirus, 1999. MARX, K. ENGELS, F. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007. MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: 1975. ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da educação. São Paulo: Edipro, 2017. VARELA, Julia y ALVAREZ-URÍA, Fernando. Arqueologia de la Escuela. Madrid, La Piqueta, s/d.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Vetores e Geometria Analítica			
Semestre: 3º		Código: VGEM3	
Nº aulas semanais: 04		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (X) P () T/P ()		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular está estruturado sob a égide de dois assuntos intimamente relacionados, que são a Geometria Analítica Espacial e os Vetores. Estes têm papel de precípua importância, não apenas no ensino da Matemática, mas também na aplicação em outras áreas, como a Física, por exemplo. Ademais, o componente curricular é de vital importância na compreensão de disciplinas tais como Cálculo Diferencial e Integral 3 e 4, Álgebra Linear e Equações Diferenciais.			
3 - OBJETIVOS: Relacionar as representações algébricas com entes geométricos. Desenvolver habilidades como raciocínio geométrico e visão espacial. Estimular a capacidade crítica para a análise e resolução de problemas.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. VETORES: 1. Tratamento Geométrico: segmento orientado com direção, sentido e módulo; 2. Nomenclatura: vetor oposto, vetor nulo, vetor unitário, vetores paralelos, vetores coplanares, igualdade de vetores; 3. Operações com vetores: adição e multiplicação por escalar; 4. Propriedades das operações com vetores; 5. Tratamento Algébrico: base e coordenadas de vetores; 6. Notação de Grasmann; 7. Operações e Propriedades de vetores em coordenadas; II. PRODUTOS: 1. Produto Escalar: Definição e Propriedades; 2. Ângulo entre dois vetores; 3. Projeção Ortogonal; 4. Produto Vetorial: Definição e Propriedades; 5. Cálculo de Áreas;			

6. Produto Misto: Definição e Propriedades; 7. Cálculo de Volumes; III. ESTUDO DAS RETAS: 1. Equações: vetorial, paramétricas, simétricas e reduzidas; 2. Ângulo entre duas retas; 3. Interseção de duas retas; 4. Posições Relativas: coincidentes, paralelas, concorrentes e reversas; 5. Ortogonalidade; IV. ESTUDO DOS PLANOS: 1. Equação Vetorial e paramétricas; 2. Ângulo entre dois planos; 3. Interseções: de reta e plano, e de dois planos; 4. Posições Relativas: coincidentes, paralelos e concorrentes; 5. Planos perpendiculares; V. DISTÂNCIAS: 1. De ponto a ponto; 2. De ponto a reta; 3. De ponto a plano; 4. De reta a reta; VI. CÔNICAS: 1. Parábola; 2. Elipse; 3. Hipérbole.	
5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:	BOULOS, Paulo; CAMARGO, Ivan de. Geometria analítica: um tratamento vetorial. 3. ed. São Paulo: Pearson Education, 2005. STEINBRUCH, Alfredo. Geometria Analítica. São Paulo: Makron Books, 2000. WINTERLE, Paulo. Vetores e Geometria Analítica. São Paulo: Makrin Books, 2000.
6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:	CAROLLI, Alésio de; CALIOLLI, Carlos Alberto; FEITOSA, Miguel Oliva. Matrizes, vetores e geometria analítica. 13. ed. São Paulo: Nobel, 1990. LEITE, Olímpio Rudinin Vissoto. Geometria analítica espacial. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2005. LORETO, Ana Celia da Costa; LORETO JUNIOR; Armando Pereira. Vetores e geometria analítica: teoria e exercícios. 3. ed. São Paulo: LCTE, 2010. MELLO, Dorival de; WATANABE, Renate. Vetores e uma iniciação à Geometria Analítica. 2. ed. São Paulo: LF, 2011. SANTOS, Nathan Moreira dos. Vetores e Matrizes: Uma introdução à Álgebra Linear. 4. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Álgebra Linear 2			
Semestre: 4º		Código: AL2M4	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO Qual(is)	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda os conteúdos da Álgebra Linear, em particular, espaços vetoriais, transformações lineares e autovalores e autovetores, destacando as aplicações e as relações com os conteúdos da Educação Básica.			
3 - OBJETIVOS: Desenvolver habilidade de identificar, formular e resolver problemas de espaços vetoriais, das transformações lineares e de autovalores e autovetores. Aplicar técnicas de Álgebra Linear em outras disciplinas do curso. Desenvolver a capacidade de pensar algebricamente e de compreender as aplicações em outras áreas.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Espaços Vetoriais: 1. Definição e exemplos; 2. Subespaços Vetoriais; 3. Combinação Linear e Subespaços Gerados; 4. Dependência e Independência Linear; 5. Base e dimensão de um espaço vetorial; 6. Coordenadas de um vetor; II. Transformações Lineares: 1. Definição e exemplos; 2. Transformações de $\mathbb{R}^n$ para $\mathbb{R}^m$; 3. Núcleo e imagem de uma transformação linear; 4. Matriz de uma transformação linear; 5. Interpretação Geométrica no plano; III. Autovalores e autovetores: 1. Operadores Lineares; 2. Autovalores e autovetores; 3. Diagonalização de operadores.			

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ANTON, Howard. et al. **Álgebra linear com aplicações**. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

BOLDRINI, José Luiz. **Álgebra linear**. 3. ed. São Paulo: Harbra, 2014.

CALLIOLI, Carlos A. **Álgebra Linear e Aplicações**. 6. ed. São Paulo: Atual, 2011.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

NICHOLSON, W. Keith. **Álgebra linear**. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

POOLE, David. **Álgebra linear**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SHIFRIN, Theodore; ADAMS, Malcolm Ritchie. **Álgebra linear: uma abordagem geométrica**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

SHOKRANIAN, Salahoddin. **Uma introdução à álgebra linear**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009.

STEINBRUCH, Alfredo; WINTERLE, Paulo. **Álgebra linear**. 2. ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 1987.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS Guarulhos	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Cálculo Diferencial e Integral 1			
Semestre: 4º		Código: CA1M4	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (x) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular contempla os conceitos, propriedades e aplicações de limites e derivadas, levando à reflexão sobre a importância desse conteúdo no desenvolvimento da Matemática e de outras ciências exatas aplicadas.			
3 - OBJETIVOS: Compreender aspectos de gráficos de funções a partir do estudo de limites e derivadas. Promover a articulação dos conteúdos matemáticos com diversas áreas do conhecimento e conhecer suas aplicações em contextos inter e transdisciplinares. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade. Conceber a pesquisa como elemento essencial na formação inicial e continuada, em suas diferentes acepções, desde a pesquisa como recurso para a aprendizagem até a pesquisa científica.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Limites: 1. O Limite de uma função; 2. Cálculo de limites usando suas leis; 3. Definição de limite; 4. Continuidade; 5. Limites no infinito; 6. Assíntotas; II. Derivadas: 1. Derivada pela definição; 2. Derivadas de funções polinomiais e exponenciais; 3. Regras de derivação; 4. Derivadas de funções trigonométricas; 5. Regra da cadeia; 6. Diferenciação implícita; 7. Derivadas de funções logarítmicas e trigonométricas inversas; 8. Derivadas superiores; 9. Funções hiperbólicas;			

III. Aplicações de Derivada:

1. Taxas relacionadas;
2. Máximo e mínimo;
3. Teorema do valor médio;
4. Gráficos de funções;
5. Regra de L'Hôpital;

IV. Antiderivadas:

1. Introdução às antiderivadas elementares.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GUIDORIZZI, Hamilton Luiz. **Um curso de cálculo**. v. 1. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2001.

LEITHOLD, Louis. **O cálculo com geometria analítica**. 3. ed. São Paulo: Harbra, 1994.

STEWART, James. **Cálculo**: volume 1. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BOULOS, Paulo. **Cálculo diferencial e integral**: volume 1. São Paulo: Pearson Education, 2006.

BOULOS, Paulo. **Pré-cálculo**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

FLEMMING, Diva Marília; GONÇALVES, Mirian Buss. **Cálculo A**: funções, limite, derivação e integração. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

IEZZI, Gelson; MURAKAMI, Carlos; MACHADO, Nilson José. **Fundamentos de matemática elementar**: 8: limites, derivadas, noções de integral. 7. ed. São Paulo: Atual, 2013.

SIMMONS, George F. **Cálculo com geometria analítica**: volume 2. São Paulo: Makron Books, 1988.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Didática			
Semestre: 4º		Código: DIAM4	
Nº aulas semanais: 4	Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3	
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular visa contribuir para a formação do professor mediante o exame das especificidades do trabalho docente na instituição escolar. Trata-se, portanto, de analisar a situação especificamente didática, que é a aula, buscando compreender a relação professor-aluno-conhecimento de maneira a dotar o futuro professor de condições para criar alternativas de atuação. Estuda os conceitos e estabelece a diferenciação entre plano e planejamento, e entre planejamento curricular e planejamento de ensino. Com vistas à docência, enfatiza o estudo dos diversos tipos de plano de ensino, aprofundando sua conceituação e caracterização. Acerca dos objetivos, trata da importância dos objetivos educacionais, diferenciando os gerais dos específicos no processo ensino-aprendizagem. Discute os critérios que norteiam a seleção dos conteúdos, bem como a escolha dos métodos, dos procedimentos e recursos de ensino para o seu desenvolvimento. Apresenta e discute a sala de aula como um espaço de construção de conhecimento, evidenciando as características gerais e a estruturação didática da aula, aproximando-se de possibilidades de desenvolvimento da didática da matemática.			
3 - OBJETIVOS: Contribuir para a formação do professor, enquanto agente de ensino na educação institucional, através da: análise da natureza das produções sobre ensino e sua relação com a orientação da prática pedagógica; apresentação de diferentes perspectivas de análise da relação entre ensino e aprendizagem e da relação professor-aluno; discussão de questões da prática pedagógica no cotidiano escolar; definição de objetivos e conteúdos de ensino; estudo de diferentes critérios para a seleção de materiais didáticos e organização social da classe; apropriação de diferentes abordagens de organização da atividade de ensino; investigação de alternativas didáticas para o ensino e aprendizagem na área de matemática.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. A Didática, o Ensino e seu caráter na escola contemporânea; II. História e teorizações sobre o ensino;			

- III. Organização do trabalho pedagógico/didático na escola;
- IV. Projeto pedagógico e planejamento de ensino;
- V. A natureza do trabalho docente e suas relações com o sistema de ensino e a sociedade;
- VI. O trabalho docente no contexto escolar. Situações de ensino: a aula;
- VII. A relação pedagógica e a dinâmica professor-aluno-conhecimento;
- VIII. Definição de objetivos de aprendizagem e seleção de conteúdos;
- IX. Os recursos materiais e as diferentes possibilidades didáticas;
- X. Organização das atividades do professor e do aluno;
- XI. O projeto didático como alternativa integradora de ensino e aprendizagem;
- XII. Questões críticas da didática: disciplina e avaliação.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma nova didática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. (5)
- CORDEIRO, Jaime. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2013. (1)
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa – como ensinar**. Porto Alegre. Artmed Editora, 1998. (2)

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- BACQUET, M. **Matemática sem dificuldades**: ou como evitar que ela seja odiada por seu aluno. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2010.
- MAIA, Christiane M.; SHEIBEL, Maria F.; URBAN, Ana Claudia. **Didática**: organização do trabalho pedagógico. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009. Disponível em: www.iesde.com.br. Acesso em: 20 jul. 2016.
- PAIS, Luiz Carlos. **Didática da Matemática**: uma Análise da influência francesa. São Paulo: Autêntica Editora, 2000.
- PARRA, Cecília; SAIZ, Irma (Org.). **Didática da Matemática**: reflexões psicopedagógicas. Tradução de Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PERRENOUD, Phillippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. (3)
- PIRES, Célia Maria Carolino. **Currículos de Matemática**: da organização linear à ideia de rede. São Paulo: FTD, 2000.
- POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres – a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. (4)
- RIOS, Terezinha Azeredo. **Compreender e ensinar – por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- UNESP. Pró-reitoria de graduação. **Caderno de Formação**: formação de professores. Bloco 02: didática dos conteúdos. Vol. 1. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. Disponível em: www.acervodigital.unesp.br. Acesso em 20 jul. 2016.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Metodologia do Trabalho Científico			
Semestre: 4º		Código: METM4	
Nº aulas semanais: 2	Total de aulas: 38	Total de horas: 31.7	
Abordagem Metodológica: T (☒) P (☐) (☐) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (☐) SIM (☒) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular introduz os alunos no universo da pesquisa científica, abordando a especificidade do conhecimento científico, os métodos e técnicas ou procedimentos reconhecidos para sua produção e veiculação. Com o propósito de preparar os alunos para a produção de textos científicos, a disciplina também aborda gêneros textuais como projeto de pesquisa, relatório científico e monografia (trabalho de conclusão de curso), subsidiando o registro, em linguagem acadêmica, das pesquisas desenvolvidas pelos alunos, sejam como iniciação científica, estágio e demais trabalhos monográficos realizados nas diversas disciplinas do curso, sejam como produções a serem elaboradas no exercício da pesquisa como atividade de todo professor comprometido com a produção de conhecimento.			
3 - OBJETIVOS: Fornecer os pressupostos básicos de iniciação à pesquisa e ao trabalho científico, instrumentalizando o estudante no desenvolvimento e aprimoramento da linguagem de cunho acadêmico, bem como aumentando o seu nível de aproveitamento nos estudos e, conseqüentemente, no curso como um todo. Orientar e estimular o processo de pesquisa, na busca, produção e expressão do conhecimento, despertando no estudante interesse pela ciência e pela pesquisa, em sua vida acadêmica e profissional. Conscientizar o estudante da importância da formação de hábitos de estudos científicos que lhes possibilitem o desenvolvimento de uma vida intelectual produtiva e sistematizada. Desenvolver espírito crítico, capacidade de abordar problemas sob a ótica científica e de formalizar o conhecimento adquirido em textos produzidos no âmbito das normas vigentes de redação científica. Orientar o processo de elaboração de um projeto de pesquisa acadêmica. Estudar a estrutura e a linguagem de um trabalho de conclusão de curso.			
4- CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Concepções e tipos de conhecimento: do senso comum, artístico, filosófico, teológico e científico; II. Ciência, método científico e aspectos envolvidos no planejamento e no desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica;			

- III. Formulação de propósitos de pesquisa: problemas, questões, intenções e objetivos;
- IV. Etapas do trabalho científico e fases da pesquisa;
- V. Abordagens gerais para a pesquisa: investigação baseada em documentos, investigação quantitativa, investigação qualitativa, pesquisa de metodologia mista;
- VI. Classificação geral de pesquisas científicas;
- VII. Metodologia científica aplicada à educação;
- VIII. Fontes de informação científica;
- IX. Leitura analítica e crítica e produção de textos científicos: publicações e trabalhos científicos; qualidade e relato da pesquisa; resumo, resenha e paráfrase;
- X. Bases do raciocínio científico: teoria, hipótese, dedução, indução, análise e síntese;
- XI. A redação do projeto de pesquisa (conteúdo, linguagem e estrutura composicional);
- XII. A redação da monografia (conteúdo, linguagem e estrutura composicional);
- XIII. Normas ABNT para apresentação do projeto e da monografia (Trabalho de Conclusão de Curso): formatação, estrutura, citações e referências bibliográficas;
- XIV. Considerações sobre eventos de natureza científica e a submissão de trabalhos para socialização do conhecimento produzido: resumos, artigos, comunicações orais, pôsteres.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BRASILEIRO, Ada Magaly. Matias. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Atlas, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista (orgs.) **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BIAGI, Marta Cristina. **Pesquisa científica**. Curitiba: Juruá, 2012.

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. Trad. Henrique A. Rego Monteiro. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTRO, Cláudio de Moura. **A prática da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COSTA, Marco Antonio F. da; COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Projeto de pesquisa**: entenda e faça. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

FIORENTINI, Dario & LORENZATO, Sérgio. **Investigação em Educação Matemática** – Percursos teóricos e metodológicos. Editora Autores Associados, 2006.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**. Teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

KOLLER, Sílvia H.; COUTO, Maria Clara P. de Paula; HOHENDORFF, Jean Von (orgs.) **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **Pesquisa pedagógica**: do projeto à implementação. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 3. ed. rev. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OTANI, Nilo; FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **TCC**: métodos e técnicas. 2. ed. Florianópolis: Visual Books, 2011.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Prática de Ensino de Matemática: Tecnologias e Educação Matemática			
Semestre: 4º		Código: TECM4	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T () P () (x) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (x) SIM () NÃO Qual(is)? Uso do laboratório de Informática	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda a trajetória histórica e as diferentes concepções sobre o uso das tecnologias na educação. Propõe reflexões e análise de Softwares Educacionais que possibilitam a construção e o desenvolvimento de conceitos matemáticos, contribuindo para que o aluno reflita sobre o uso das ferramentas tecnológicas em sua futura prática docente. Estuda também as diferentes modalidades de Ensino (presencial, semipresencial e a distância) atuais e suas particularidades.			
3 - OBJETIVOS: Reconhecer as possibilidades de aplicação e construção de conceitos matemáticos em softwares educacionais livres. Refletir sobre o uso das tecnologias digitais (TD) de educação na prática docente. Construir um repertório de possibilidade para o desenvolvimento de atividades com o uso das TD na educação básica. Analisar criticamente as diferentes modalidades de ensino: presencial, semipresencial e a distância. Preparar os licenciandos para o estágio, por meio da proposição de reflexões e discussões acerca do uso de tecnologias na escola de Educação Básica.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. - Discussão teórica e prática sobre o uso de mídias na Educação; II. - Análise e uso de Softwares Educacionais voltados para o ensino e aprendizagem de Matemática; III. - Exploração e aprofundamento de conteúdos matemáticos a partir de Softwares Livres; IV. - Elaboração de sequências de atividades matemáticas com o uso das novas tecnologias digitais;			

V. - As diferentes modalidades de Educação no Brasil – presencial, semipresencial e a distância: processos históricos e concepções.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BORBA, Marcelo de Carvalho; SILVA, Ricardo Scucuglia R; GADANIDIS, George. **Fases das Tecnologias digitais em Educação Matemática**: sala de aula e internet em movimento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014 (Coleção Tendências em Educação Matemática).

BORBA, Marcelo de Carvalho. **Informática e Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 (Coleção Tendências em Educação Matemática).

MORAES, Maria Cândida. **Educação a Distância**: Fundamentos e Práticas. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BORBA, Marcelo de Carvalho (Org). **Tendências Internacionais em Formação de Professores de Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

BORBA, Marcelo de Carvalho; MALHEIROS, Ana Paula dos Santos; AMARAL, Rúbia Barcelos. **Educação a Distância online**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014 (Coleção Tendências em Educação Matemática).

LITWIN, Edith. **Tecnologia educacional**: política, histórias e propostas. Porto Alegre: Artmed, 1997.

MASETTO, Marcos Tarciso; MORAN, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida. GOMEZ, Margarita Victoria. **Educação em rede uma visão emancipadora**. São Paulo: Cortez, 2004.

VALENTE, José Armando. **Formação de Educadores para o uso da Informática na escola**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Teoria dos Números			
Semestre: 4º		Código: TNUM4	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (☒) P (☐) (☐) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (☐) SIM (☒) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular contempla a Teoria Elementar dos Números no que diz respeito à fundamentação axiomática do conjunto dos inteiros e aos conceitos, propriedades e aplicações de divisibilidade nesse conjunto, conteúdos essenciais para a formação do professor de Matemática que atuará nos anos finais do Ensino Fundamental.			
3 - OBJETIVOS: Desenvolver a capacidade de dedução e raciocínio lógico, formalização de conceitos e de demonstrações de fatos matemáticos no que diz respeito ao algoritmo da divisão, critérios de divisibilidade e sistemas de numeração. Desenvolver os conhecimentos e competências necessários para articular as dimensões matemática e pedagógica desse componente, possibilitando a vivência crítica da realidade do Ensino Fundamental e Médio. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade. Promover a utilização de diferentes recursos como ferramentas de aprendizagem e como instrumentos que desenvolvam a capacidade para a análise crítica e resolução de problemas.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Fundamentação Axiomática e Princípio da Indução Completa; II. Algoritmo da Divisão; III. MDC e o Algoritmo de Euclides, MMC; IV. Teorema Fundamental da Aritmética e a Distribuição dos Números Primos; V. Equações diofantinas lineares; VI. Congruências lineares; VII. Resolução de Congruências Lineares; VIII. Sistemas de Congruências Lineares e Teorema Chinês do Resto; IX. Teoremas de Fermat, Euler e Wilson; X. Inteiros módulo m.			

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

HEFEZ, A. **Curso de Álgebra**. Vol. 1. 3. ed. Rio de Janeiro: SBM, 2002 (Coleção Matemática Universitária).

MILIES, C.P.; COELHO, S.P. **Números**. Uma Introdução à Matemática. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

SANTOS, J.P.O. **Introdução à Teoria dos Números**. Rio de Janeiro: SBM, 2009 (Coleção Matemática Universitária).

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

DOMINGUES, H. e outros. **Álgebra Moderna**. São Paulo: Saraiva, 2000.

DOMINGUES, H. **Fundamentos de Aritmética**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

FERREIRA, J. A. **Construção dos Números**. Rio de Janeiro: SBM, 2011 (Coleção Textos Universitários).

MONTEIRO, L.H.J. **Elementos de álgebra**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1974.

SAMPAIO, J.C.V. & CAETANO, P.A.S. **Introdução à Teoria dos Números**– Um curso Breve. São Carlos: Edufscar, 2009.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Álgebra 1			
Semestre: 5º		Código: AB1M5	
Nº aulas semanais: 3		Total de aulas: 57	Total de horas: 47.5
Abordagem Metodológica: T (x) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular contempla a Estrutura Algébrica de Grupo, sua fundamentação axiomática, conceitos, propriedades e aplicações, levando à reflexão sobre a importância desse conteúdo no desenvolvimento da Matemática e de outras ciências exatas aplicadas.			
3 - OBJETIVOS: Desenvolver a capacidade de formalização de conceitos e de demonstrações de teoremas relacionados à ementa. Desenvolver os conhecimentos e competências necessários para articular as dimensões matemática e pedagógica desse componente, possibilitando a vivência crítica da realidade do Ensino Fundamental e Médio. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade. Promover a utilização de diferentes recursos como ferramentas de aprendizagem e como instrumentos que desenvolvam a capacidade para a análise crítica e resolução de problemas.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Noções sobre Conjuntos, Relações e Aplicações; II. Operações e Leis de Composição Internas; III. Grupos e Subgrupos; IV. Homomorfismo e Isomorfismo de Grupos; V. Grupos Cíclicos; VI. Classes Laterais e Teorema de Lagrange; VII. Subgrupos Normais e Grupos Quocientes.			
5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA: DOMINGUES, Hygino e outros. Álgebra Moderna . São Paulo: Saraiva, 2000. GONÇALVES, A. Introdução à Álgebra . 5. ed. Projeto Euclides. Rio de Janeiro: SBM, 2001.			

ZAHN, Maurício. **Introdução à álgebra**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2013.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

GERSTING, Judith L. **Fundamentos matemáticos para a ciência da computação**: um tratamento moderno de matemática discreta. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004

MAIO, Waldemar de. **Álgebra**: estruturas algébricas e matemática discreta. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MONTEIRO, Luiz Henrique Jacy. **Elementos de álgebra**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1974.

MENEZES, Paulo Blauth. **Matemática discreta para computação e informática**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

SCHEINERMAN, Edward R. **Matemática discreta**: uma introdução. São Paulo: Cengage Learning, 2011

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Cálculo Diferencial e Integral 2			
Semestre: 5º		Código: CA2M5	
Nº aulas semanais: 04		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular visa à continuação do estudo do Cálculo Diferencial e Integral. Para tal, lança mão de uma ferramenta chamada integral, bem como de suas aplicações e técnicas de cálculo. A integral é um limite especial que possui íntima relação (inversa) com a derivada. Ademais, conceitos como o de área e volume também são explorados agora sob o ponto de vista do Cálculo.			
3 - OBJETIVOS: Compreender a ciência como atividade humana contextualizada. Entender a relação entre o desenvolvimento da Matemática e o desenvolvimento tecnológico. Associar as diferentes tecnologias à solução de problemas. Desenvolver o raciocínio lógico-matemático. Aplicar integrais em diferentes situações-problema.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Áreas e Distâncias; II. Integral Definida; III. Teorema Fundamental do Cálculo; IV. Integral Indefinida e o Teorema da Variação Total; V. Regra de Substituição; VI. Aplicações de integração: 1. Área entre curvas; 2. Volumes; 3. Cálculo de Volumes por Cascas Cilíndricas; 4. Trabalho; 5. Valor Médio de uma Função; VII. Técnicas de integração: 1. Integração por Partes; 2. Integrais Trigonométricas; 3. Substituição Trigonométrica; 4. Integração de Funções Racionais por Frações Parciais; 5. Integrais Impróprias; VIII. O Logaritmo Definido como uma Integral.			

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GUIDORIZZI, Hamilton L. **Um Curso de Cálculo**, volume 1. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

LEITHOLD, Louis. **O Cálculo com Geometria Analítica**, volume 1. 3. ed. São Paulo: Harbra, 1994.

STEWART, James. **Cálculo**, volume 1. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BOULOS, Paulo; ABUD, Zara. **Cálculo Diferencial e Integral**, volume 1. São Paulo: Makron, 2002.

FLEMMING, Diva Marília; GONÇALVES, Mirian Buss. **Cálculo A: funções, limite, derivação e integração**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

MORETTIN, Pedro A.; HAZZAN, Samuel; BUSSAB, Wilton de Oliveira. **Cálculo: Funções de uma e várias variáveis**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

SIMMONS, George F. **Cálculo com Geometria Analítica**, volume 1. São Paulo: Makron, 1987.

THOMAS, George. **Cálculo**, volume 1. 11. ed. São Paulo: Pearson, 2009.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Educação Inclusiva e Diversidade			
Semestre: 5º		Código: DIVM5	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (☒) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular de Educação Inclusiva e Diversidade propõe-se a analisar aspectos legais, teóricos e metodológicos da inclusão, bem como alguns dos elementos que circunscrevem o desenvolvimento de uma Educação Inclusiva com qualidade aos alunos da Educação Básica, como a dinâmica da inclusão e o papel do professor no cotidiano da sala de aula. Neste sentido, a disciplina abordará a inclusão tanto em relação aos que têm necessidades educacionais especiais, como práticas que favoreçam a inclusão de grupos marginalizados historicamente na educação, e os segmentos culturais que expressam nossa pluralidade e complexidade populacional. As mudanças e as adaptações das práticas educativas existentes são fundamentais para um bom desenvolvimento da prática docente, pois o primeiro passo a ser desenvolvido é conhecer e tentar entender o mundo no qual o aluno está inserido.			
3 - OBJETIVOS: Discutir a Legislação sobre inclusão. Analisar os aspectos teóricos e metodológicos da Educação Especial e Inclusão no sistema educacional brasileiro. Promover a compreensão das bases teórico-práticas da educação inclusiva no sistema escolar e a dinâmica da inclusão. Aprofundar a abordagem da inclusão, envolvendo aspectos da diversidade, tais como necessidades educacionais especiais. Construir reflexões que ressignifiquem o tratamento com as diferenças. Desenvolver um olhar e uma postura para responder às necessidades do trabalho com a Educação Inclusiva em sala de aula. Aproximar-se da compreensão da educação de jovens e adultos também como uma perspectiva de inclusão de segmento social desfavorecido, em muitas situações.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Contato, sensibilização com a diferença e levantamento das principais demandas locais na área da Educação Inclusiva; II. Educação e inclusão no Brasil – aspectos históricos e legais; III. Aspectos da educação da pessoa com necessidades especiais: 1. Educação e cegueira ou baixa visão;			

2. Educação e deficiência intelectual;
3. Educação e deficiência física;
4. Educação e surdez;
5. Educação e sofrimento psíquico;
6. Educação a Altas Habilidades/superdotação;
7. Educação e Transtorno do espectro autista;

IV. A educação de jovens e adultos como condição educativa de inclusão de todos numa educação com qualidade social.

V. Educação ambiental e projeto pedagógico na escola – desafios para a sustentabilidade.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GADOTTI, Moacir; ROMAO José E. (org). **Educação de Jovens e Adultos**. Teoria, prática e proposta. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Égler; PRIETO, Rosangela Gavioli. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus Editorial, 2015.

MAZZOTA, Marcos J. S. **A educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2011.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Brasília: CNE/CP 2, 2012.

CISESKI, Ângela Antunes et. al. **Educação de jovens e adultos: planejamento e avaliação**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1999.

FREITAS, Marcos Cezar de. **O aluno incluído na educação básica: avaliação e permanência**. São Paulo: Cortez, 2014.

MORALES, Angelica Gois et. al. (orgs.). **Educação ambiental e multiculturalismo**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

MOREIRA, Antonio Flavio & CADAU, VERA Maria (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis/RJ. Ed Vozes, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **A Pedagogia na Escola das Diferenças** - Fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre. Artmed, 2001.

RAMOS, Rossana. **Inclusão na prática: estratégias eficazes para a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2010.

STAINBACK, Susan B.; STAINBACK, Willian C. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VIGINHESKI, Lucia Virginia M. et. Al. O sistema braile e o ensino de matemática para pessoas cegas. **Revista Ciência e Educação**. Bauru, v.20, n.4, p.903-916, 2014.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: História da Matemática			
Semestre: 5º		Código: HISM5	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (x) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda a matemática empregada nas civilizações antigas: egípcia, babilônica, grega, chinesa, indu e árabe, bem como aquela da Europa Medieval, Renascentista e Moderna, do século X até o século XIX, com a discussão sobre as potencialidades da História da matemática como recurso didático pedagógico na prática docente do professor de matemática da educação básica.			
3 - OBJETIVOS: Desenvolver os conhecimentos e competências necessários para articular as dimensões matemática e pedagógica desse componente, possibilitando a vivência crítica da realidade do Ensino Fundamental e Médio. Promover o exercício do pensamento crítico-reflexivo por meio da leitura, da escrita e de outras linguagens, contribuindo para a formação do professor pesquisador. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade. Promover a utilização de diferentes recursos como ferramentas de aprendizagem e como instrumentos que desenvolvam capacidade para a análise crítica e resolução de problemas. Incentivar e mediar a elaboração de projetos para a educação básica, em suas diversas etapas e modalidades, em consonância com as orientações curriculares vigentes e com a práxis educativa, consolidando a articulação entre teoria e prática.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. A Matemática das Civilizações Egípcia, Babilônica, Chinesa e Indu: Empirismo e Praticidade, Sistemas Decimal e Sexagesimal. II. A Matemática da Grécia: As Triplas Pitagóricas e o Teorema de Pitágoras, Os Três Problemas Clássicos, Os Elementos de Euclides, Os Trabalhos de Arquimedes, As Cônicas de Apolônio, A Trigonometria de Hiparco, Ptolomeu, As Equações de Diofanto.			

- III. **A Matemática do Islã: O Sistema Decimal posicional Indu-arábico e sua Aritmética, As Equações de 1º e 2º Graus aL-Khowarizmi, Aryabhata, Brahmagupta, Báskara, Abu Kamil.**
- IV. **A Europa Medieval: o Século das Traduções, as aritméticas de Fibonacci, Paccioli e Chuquet. O Estudo do Movimento e suas representações gráficas e em série de potências nas primeiras universidades.**
- V. **O Renascimento: As Descobertas das Soluções das Equações do 3º e 4º graus por Tartáglio, Cardano, Ferrari, o Simbolismo Algébrico de Viète, os Logaritmos de Napier, os Indivisíveis de Galileu Galilei.**
- VI. **O Século XVII: A Geometria Projetiva de Desargues e Pascal, A Invenção da Geometria Analítica por Descartes e Fermat, Teoria dos Números com Fermat. O Período Pré-Cálculo: Os Indivisíveis em Cavalieri, As Quadraturas de Parábolas e Hipérboles de Fermat, A Cicloide com Roberval e Torricelli, Os Infinitesimais de John Wallis. A Invenção do Cálculo por Newton e Leibniz. As Equações Diferenciais com Johann Bernoulli.**
- VII. **O Século XVIII: As Obras de Euler e Lagrange em Análise e Álgebra.**
- VIII. **A Álgebra, Análise e Geometria do Século XIX: Gauss, Cauchy, Abel, Galois nas Equações Algébricas; Hamilton, Boole, Cayley, Kronecker, Dedekind, Cantor nos Fundamentos da Matemática; Jordan, Weber nas Estruturas Algébricas; Weierstrass, Riemann na Análise; Lobachevsky, Poincarè, Hilbert na Geometria.**

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

EVES, Howard. **Introdução à história da matemática.** Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MIGUEL, Antonio; MIORIM, Maria Ângela. **História na Educação Matemática: propostas e desafios.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004 (Coleção Tendências em Educação Matemática).

ROQUE, Tatiana; CARVALHO, João Bosco Pitombeira. **Tópicos de História da Matemática.** Rio de Janeiro: SBM, 2012.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

AABOE, Asger. **Episódios da história antiga da Matemática.** Trad. João Bosco Pitombeira de Carvalho. SBM, 2000.

BOYER, Carl B.; MERZBACH, Uta C. **História da matemática.** 2. ed. Trad. Elza F. Gomide. São Paulo: Edgard Blücher, 2002.

GUELLI, Oscar. **Contando a história da matemática.** Vols. 1 a 6. São Paulo: Ática, 2007.

LINTZ, Rubens Gouvêa. **História da matemática.** Vols. 45, 46. Campinas: CLE, 2007 (Coleção CLE).

ROQUE, Tatiana. **História da Matemática.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Legislação da Educação Básica			
Semestre: 5º		Código: LEBM5	
Nº aulas semanais: 2		Total de aulas: 38	
		Total de horas: 31.7	
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente trata da legislação em vigor que baliza a organização da educação básica no país. Aborda as diretrizes legais não apenas como conhecimento imprescindível para a apropriação do entendimento da estrutura e da regulação das instituições nas redes de ensino, mas, principalmente, para oportunizar uma reflexão sobre o impacto dos referenciais legais nesta dinâmica. Tendo em vista a realidade em constante transformação, serão discutidas as lógicas que norteiam a legislação no contexto histórico, através de um diálogo crítico, que permita o vislumbrar das necessidades e possibilidades de atualização permanente dos textos legais, tanto no que se refere aos referenciais para a prática docente, como os elementos que constituem os processos de gestão na educação.			
3 - OBJETIVOS: Garantir a apropriação da Legislação da Educação Básica como referência reguladora dos sistemas educacionais e referenciais norteadores das diretrizes educacionais e das práticas escolares, possibilitando a mediação dos sujeitos escolares e órgãos intermediários, enfatizando a formação integral do docente. Discutir o impacto dos textos legais na dinâmica dos sistemas de ensino, escola e seus profissionais. Refletir sobre as lógicas que norteiam a legislação com vistas às necessidades de constante atualização dos textos legais.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Fundamentos legais da base da educação brasileira; II. Constituição Federal do Brasil – capítulo da Educação; III. Estatuto da Criança e do Adolescente; IV. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; V. Plano Nacional da Educação Brasileira; VI. Diretrizes Gerais da Educação Básica Nacional e Currículo Escolar.			

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** - 1988 (Artigos 5º, 6º; 205 a 214).

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8069/90. Brasília, Ministério da Justiça. 1990.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Brasília. Ministério da Educação. 2014.

PILLETI, N; ROSSATO, G. **Educação Básica**: da organização legal ao cotidiano escolar. São Paulo: Ática, 2010.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRZEZINSKI, I (org). **LDB interpretada**: diversos olhares se entrecruzam. São Paulo, Cortez, 2003.

DEMO, Pedro. **A nova LDB**: ranços e avanços. 23. ed. Campinas: Papirus, 2013.

OLIVEIRA, D.; DUARTE, M.R.T.(orgs.) **Política e trabalho na escola**: administração dos sistemas públicos de educação básica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PARO, V.H. Gestão da escola pública: a participação da comunidade. In **Gestão democrática da escola pública**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

SAVIANI, D. **Da nova LDB ao Novo Plano Nacional de educação**: por uma outra política educacional. Campinas: Autores associados, 2004.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Prática de Ensino de Matemática: Laboratório de Ensino da Matemática			
Semestre: 5º		Código: LENM5	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T () P () (X) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (x) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de Matemática	
2 - EMENTA: O componente curricular discute concepções, possibilidades e limites da construção e da utilização de materiais didáticos manipuláveis na prática docente do professor de Matemática da Educação Básica, inserida ou não nos ambientes conhecidos por Laboratório de Educação Matemática. O aluno irá elaborar atividades e discutir textos que envolvam a utilização e a construção de Materiais Didático-Pedagógicos Manipuláveis, tais como: Régua e Compasso, Mídias Eletrônicas (computador e calculadora), Livros Didáticos e Paradidáticos, Jogos, Sólidos Geométricos, GeoPlano, Ábaco, Teodolito, Tangram, Torre de Hanoi, Espelhos e Caleidoscópios, Ciclo Trigonométrico e materiais recicláveis, levando-se em conta a questão ambiental e sustentabilidade. Estimula a elaboração de Projetos de Ensino e promove a discussão das realidades observadas no Estágio Supervisionado I bem como reflexões acerca da prática docente no que tange à utilização desses materiais didáticos manipuláveis.			
3 - OBJETIVOS: Desenvolver os conhecimentos e competências necessários para articular as dimensões matemática e pedagógica de cada saber disciplinar. Promover o exercício do pensamento crítico-reflexivo por meio da leitura, da escrita e de outras linguagens, contribuindo para a formação do professor-pesquisador. Conceber a pesquisa como elemento essencial na formação inicial e continuada, em suas diferentes acepções, desde a pesquisa como recurso para a aprendizagem até a pesquisa científica. Promover a utilização de diferentes recursos tecnológicos como ferramentas de aprendizagem e como instrumentos para a resolução de problemas. Possibilitar tanto a vivência crítica da realidade do Ensino Fundamental e Médio, como também a experimentação de propostas que considerem os estudos em Educação Matemática. Incentivar e mediar a elaboração de projetos para a educação básica, em suas diversas etapas e modalidades, em consonância com as orientações curriculares vigentes e com a práxis educativa, consolidando a articulação entre teoria e prática. Preparar os			

licenciandos para o estágio, por meio da proposição de reflexões e discussões acerca do uso de materiais concretos e manipuláveis na escola de Educação Básica.

4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- I. Construções geométricas com régua e compasso e construções com softwares educacionais;**
- II. Concepções, possibilidades e limites da construção de materiais didáticos manipuláveis na prática do professor de Matemática da Educação Básica;**
- III. Metodologias que se utilizem de materiais didáticos manipuláveis na prática do professor de Matemática da Educação Básica;**
- IV. Construção de materiais didático-pedagógicos, tais como: sólidos geométricos, GeoPlano, ábaco, teodolito, tangram, Torre de Hanoi, espelhos e caleidoscópios, ciclo trigonométrico;**
- V. Potencialidades de jogos para o ensino-aprendizagem da Matemática.**

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GOMIDE, E.F.; ROCHA, J.C. **Atividades de Laboratório de Matemática.** Série Caderno de Atividades. São Paulo: CAEM-IME/USP.

LORENZATO, Sérgio. **O laboratório de ensino de Matemática na formação de professores.** São Paulo: Autores Associados, 2001.

RODRIGUES, Fredy Coelho; GAZIRE, Eliane Scheid. **Laboratório de educação matemática na formação de professores.** Curitiba: Editora Appris.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

DANTE, L.R. **Didática da resolução de problemas.** São Paulo: Ática, 2002.

MOREIRA, P.C.; DAVID, M.M.M.S. **A Formação Matemática do Professor.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005 (Coleção Tendências em Educação Matemática).

POLYA, G. **A Arte de resolver Problemas.** São Paulo: Interciência, 1995.

PONTE, J. P.; BROCADO, J.; OLIVEIRA, H. **Investigações Matemáticas na Sala de Aula.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003 (Coleção Tendências em Educação Matemática).

VALENTE, José Armando. **Formação de educadores para o uso da Informática na Escola.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS Guarulhos	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Álgebra 2			
Semestre: 6º		Código:AB2M6	
Nº aulas semanais: 3		Total de aulas: 57	Total de horas: 47.5
Abordagem Metodológica: T (x) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular Álgebra 2 complementa o componente Álgebra 1, contemplando o estudo das Estruturas Algébricas de Anel e Corpo, suas fundamentações axiomáticas, conceitos, propriedades e aplicações.			
3 - OBJETIVOS: Desenvolver os conhecimentos e competências necessários para articular as dimensões matemática e pedagógica desse componente, possibilitando a vivência crítica da realidade do Ensino Fundamental e Médio. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade. Promover a utilização de diferentes recursos como ferramentas de aprendizagem e como instrumentos que desenvolvam a capacidade para a análise crítica e resolução de problemas.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Anéis, Subanéis e Corpos; II. Homomorfismo e Isomorfismo de Anéis; III. Divisores de zero e Domínios de Integridade; IV. Corpo de Frações de um Domínio de Integridade; V. Anéis de Polinômios, Algoritmo da Divisão, Divisibilidade em Domínios de Integridade, Polinômios Irredutíveis, Fatorização Única, Critério de Eisenstein; VI. O Anel dos Números Construtíveis com Régua e Compasso;			

VII. Extensões Algébricas, Adjunção de Raízes, Corpo de Decomposição de um Polinômio, Grau de uma Extensão.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DOMINGUES, Hygino e outros. **Álgebra Moderna**. São Paulo: Saraiva, 2000.

GONÇALVES, A. **Introdução à Álgebra**. 5. ed. Projeto Euclides. Rio de Janeiro: SBM, 2001.

ZAHN, Maurício. **Introdução à álgebra**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2013.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

Arnaldo Garcia e Yves Lequain. **Elementos de Álgebra**: Projeto Euclides. 4. ed. Rio de Janeiro: IMPA, 2006.

BARROS, Carlos José Braga; SANTANA, Alexandre José. **Estruturas algébricas**: com ênfase em elementos da teoria de Lie. Maringá: Ed. da Universidade Estadual de Maringá, 2011.

GONÇALVES, Adilson. **Introdução à Álgebra**. Projeto Euclides. Rio de Janeiro: IMPA, 2015.

MAIO, Waldemar de. **Álgebra**: estruturas algébricas e matemática discreta. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MONTEIRO, Luiz Henrique Jacy. **Elementos de álgebra**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1974.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS Guarulhos	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Cálculo Diferencial e Integral 3			
Semestre: 6º		Código: CA3M6	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T () P () (X) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (x) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de Informática – utilização de softwares como Geogebra, Winplot e Graphmatica.	
2 - EMENTA: O componente curricular trabalha os conceitos do Cálculo Diferencial para funções de várias variáveis, sob a ótica da resolução de problemas com aplicações em outras áreas do conhecimento e suas tecnologias, bem como as relações desses conhecimentos com os conteúdos da Educação Básica, necessários para futura atuação docente.			
3 - OBJETIVOS: Fornecer ao aluno condições para interpretar e aplicar os principais conceitos do Cálculo Diferencial. Propiciar ao educando conhecimento seguro sobre as funções de várias variáveis para que ele melhor compreenda a diferenciabilidade, suas implicações e aplicações na resolução de problemas práticos. Desenvolver habilidades para resolver limites de funções de várias variáveis, derivadas parciais, direcionais e vetoriais; para aplicar o conceito de diferencial em aproximações lineares para funções diferenciáveis de várias variáveis e de compreender o vetor gradiente, suas características e aplicações. Desenvolver no futuro professor a competência de relacionar os conceitos estudados na disciplina com os conteúdos da Educação Básica. O componente curricular objetivará fortalecer as bases dos cálculos matemáticos para definir quais as melhores metodologias para resolução de seus problemas.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Funções de uma variável real a valores no $\mathbb{R}^2$ e $\mathbb{R}^3$: 1. Funções Vetoriais. Definição e exemplos; 2. Parametrização de Curvas; 3. Derivadas. II. Funções de várias variáveis reais a valores reais: 1. Definição e exemplos. Discussão de Domínio e Imagem; 2. Gráfico e Curvas de Nível; 3. Limite e Continuidade;			

4. Derivadas Parciais;
5. Derivadas Parciais de Ordens Superiores e Aplicações.

III. Funções Diferenciáveis:

1. Definição e Exemplos;
2. Condição suficiente para diferenciabilidade;
3. Plano tangente e reta normal;
4. Diferencial;
5. O vetor gradiente.

IV. Regra da cadeia:

1. Regra da cadeia;
2. Derivação de funções definidas implicitamente;
3. Teorema das funções implícitas.

V. Gradiente e Derivada Direcional:

1. Gradiente de uma função de duas variáveis: interpretação geométrica;
2. Gradiente de função de três variáveis: interpretação geométrica;
3. Derivada direcional;
4. Derivada direcional e gradiente;
5. Aplicações da regra da cadeia envolvendo derivadas parciais de ordens superiores.

VI. Teorema do Valor Médio. Máximos e Mínimos:

1. Teorema do valor médio;
2. Matriz Hessiana;
3. Pontos de máximo e pontos de mínimo;
4. O método dos multiplicadores de Lagrange para determinação de candidatos a extremantes locais condicionados.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GONÇALVES, Mirian Buss. **Cálculo B**: funções de várias variáveis, integrais múltiplas, integrais curvilíneas e de superfície. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

GUIDORIZZI, Hamilton Luiz. **Um curso de cálculo**. V.2 e 3. 5.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2001.

STEWART, James. **Cálculo**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ANTON, Howard; BIVENS, Irl; DAVIS, Stephen. **Cálculo**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ÁVILA, Geraldo. **Cálculo**. Funções de Várias Variáveis. V. 2 e 3. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

BOULOS, Paulo. **Cálculo diferencial e integral**. v. 2. São Paulo: Pearson Education, 2006.

LEITHOLD, Louis. **O cálculo com geometria analítica**. 3. ed. São Paulo: Harbra, 1994.

ROGAWSKI, Jon. **Cálculo**: volume 2. Porto Alegre: Bookman, 2009.

SALAS, Saturnino L; HILLE, Einar; ETGEN, Garret J. **Cálculo**: volume 2. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Estatística Descritiva			
Semestre: 6		Código: ESDM6	
Nº aulas semanais: 2		Total de aulas: 38	Total de horas: 31.7
Abordagem Metodológica: T () P () (X) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (x) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de Informática.	
2 - EMENTA: O componente curricular visa à abordagem dos conceitos fundamentais da estatística descritiva por meio do uso de representações gráficas, tabelas, medidas de tendência central e de dispersão.			
3 - OBJETIVOS: Promover a reflexão sobre a importância do estudo da estatística desde os anos iniciais para a organização e interpretação de dados e sua aplicação a diversas áreas do conhecimento. Articular conteúdos matemáticos com as diversas áreas do conhecimento.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: Estatística descritiva I. Variáveis quantitativas (nominal, ordinal) e qualitativas (discreto, contínuo). II. Escala de mensurabilidade das variáveis: nominal, ordinal, intervalar e racional. III. População e amostras: amostra aleatória simples, proporcional estratificada e sistemática. IV. Representações gráficas: de linha, de barra, de pizza, pictórica, polígono de frequência. V. Diagramas: Ramos e Folhas, Histograma, de Pareto, Dot-Plot, Box-Plot. VI. Tabelas de Distribuição de Frequência: por pontos e por classes.			

- VII. Medidas de tendência central: média, mediana e moda (de Czuber, de King e moda bruta).
- VIII. Medidas de posição ou separatrizes: quartis, decis e percentis.
- IX. Medidas de variação: amplitude, variância, desvio padrão e coeficiente de variação.
- X. Outras Medidas: de assimetria e de achatamento (curtose).

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

MORETTIN, P. A., BUSSAB, W. O. **Estatística Básica**. São Paulo: Saraiva, 2002.

MORGADO, A.C.; DE CARVALHO, J.B.P; CARVALHO, P.C.P; FERNANDEZ, P. **Análise Combinatória e Probabilidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: SBM, 2006.

ROSS, S. **Probabilidade**: um Curso Moderno com Aplicações. 8. ed., Porto Alegre: Bookman, 2010.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CRESPO, A. A. **Estatística Fácil**. 19. ed., São Paulo: Saraiva, 2013.

HAZZAN, S. **Fundamentos de Matemática Elementar**: Combinatória, Probabilidade. Vol. 5, 8. ed., São Paulo: Atual, 2013.

LARSON, R.; FARBER, B. **Estatística Aplicada**. 2. ed., São Paulo: Pearson, 2004.

MAGALHÃES, M. N.; LIMA, A. C. P. **Noções de Probabilidade e Estatística**. 7. ed., 2ª reimpressão revista, São Paulo: Edusp, 2013.

MOORE, D. S. A. **Estatística Básica e sua Prática**. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

MORETTIN, L. G. **Estatística Básica**: Probabilidade e Inferência. São Paulo: Pearson Education, 1999.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Física 1			
Semestre: 06		Código: FS1M6	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO Qual(is)	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda o estudo da mecânica clássica: a Cinemática e a Dinâmica, abordando também o conceito de trabalho, energia mecânica, conservação de energia, impulso e quantidade de movimento. Expande o estudo do ponto material para conceito de cinemática do corpo rígido.			
3 - OBJETIVOS: Estudar o movimento de corpos sobre a ação de forças constantes utilizando o formalismo Newtoniano e explicar os conceitos de energia e trabalho. Enumerar e explicar os conceitos de impulso, quantidade de movimento e potência. Desenvolver noções de análise de dados e procedimento de realização de experimentos. Criar condições para que os alunos possam ampliar a compreensão sobre o conhecimento físico-matemático e suas aplicações, com o objetivo de analisá-lo como um saber enriquecido de significado e compreensão. Criar inquietações em relação aos conhecimentos matemáticos, a respeito de sua validade, seus significados, sua importância e suas aplicações em fenômenos físicos.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Cinemática do corpo rígido. II. Movimento unidimensional. III. Movimento em duas e três dimensões. IV. Trabalho e energia mecânica. V. Forças conservativas e energia potencial. Forças não conservativas.			

- VI. **Forças de atrito. Sistemas de duas ou mais partículas.**
- VII. **Centro de massa. Conservação do momento.**
- VIII. **Torque e momento de inércia. Conservação do momento angular.**
- IX. **Noções de dinâmica dos corpos rígidos. O oscilador harmônico.**

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

HALLIDAY, David. RESNICK, Robert. WALKER, Jearl. **Fundamentos de Física.** Vol. 1. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

HALLIDAY, D; RESNICK, R; WALKER, J; **Fundamentos da Física.** 8. ed. vol. 1 e 2, São Paulo: LTC, 2009.

SEARS, F; YOUNG, H D.; FREEDMAN, R A.; ZEMANSKY, M W. **Física 2.** 12. ed. São Paulo: Pearson Education, 2008.

6 – BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

NUSSENZVEIG, M. **Curso de Física Básica.** 4. ed. Vol.1 e 2, São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 2002.

PIRES, A. S. T. **Evolução das Ideias da Física.** 2. ed. São Paulo: Editora livraria da física, 2011.

RAO, Singiresu. **Vibrações Mecânicas.** São Paulo: Pearsom, 2008.

SERWAY, R. A.; JEWETT Jr., JOHN W. **Princípios de Física.** vol 1. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

TIPLER, P. A.; MOSCA, G. **Física para Cientistas e Engenheiros.** 6. ed. vol. 2, São Paulo: LTC, 2009.

TONGUE, Benson. SHEPPARD, Sheri. **Dinâmica.** Rio de Janeiro: LTC, 2007.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: LICENCIATURA EM MATEMÁTICA Componente Curricular: Prática de Ensino de Matemática: Modelagem Matemática			
Semestre: 6º		Código: MODM6	
Nº aulas semanais:4		Total de aulas:76	
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Total de horas:63.3 Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO	
2 - EMENTA: O componente curricular trata do uso da Modelagem Matemática na Educação Matemática, discutindo sua utilização na prática docente do professor de Matemática da Educação Básica. Seu estudo discute o uso da Modelagem Matemática como uma metodologia de ensino, apresentando-se como alternativa no processo de ensino e aprendizagem de conceitos matemáticos na Educação Básica, oferecendo um amplo ambiente para investigação, análise e intervenção em problemas que transitam por diversos campos do conhecimento, promovendo o exercício do pensamento crítico-reflexivo por meio da leitura, da escrita e de outras linguagens, contribuindo para a formação de um professor-pesquisador. Por meio da Modelagem Matemática, discussões que envolvem áreas como saúde, economia, política, biologia, agricultura, educação ambiental, entre outras, contribuem para a compreensão de que a Matemática deve ter um aspecto de inserção social e política, ressaltando a aplicabilidade dos conceitos matemáticos apreendidos. Pretende-se organizar o estudo da Modelagem Matemática na forma de projetos a partir da observação de problemas encontrados em outras áreas do conhecimento, que não a Matemática. Entre essas diferentes áreas, destaca-se a interlocução da Modelagem Matemática com a Educação Ambiental. Por meio dessa interlocução busca-se apresentar uma reflexão sobre questões básicas a respeito das relações da Educação Matemática, da Matemática e da Educação Ambiental, respeitando os pressupostos da Educação Ambiental como interdisciplinaridade, visão holística, contextualização e conceito pluridimensional do meio ambiente.			

3 - OBJETIVOS:

Refletir sobre o histórico da utilização da Modelagem Matemática na sala de aula. Discutir a aplicação de conteúdos matemáticos da Educação Básica por meio de atividades de Modelagem Matemática. Refletir sobre as contribuições, limites e possibilidades de atividades de Modelagem Matemática para o desenvolvimento de conteúdos matemáticos na Educação Básica. Refletir sobre a importância de se implementar, nas salas de aulas da Educação Básica, uma prática docente que estimule e valorize o espírito de investigação, a formulação de conjecturas e a apresentação de argumentações. Analisar, por meio do uso da Modelagem Matemática, fenômenos sociais e naturais de outras áreas do conhecimento, legitimando a sua relevância. Desenvolver, aplicar e avaliar atividades de Modelagem Matemática voltadas para a sala de aula da Educação Básica. Preparar os licenciandos para o estágio, por meio da proposição de reflexões e discussões acerca da Modelagem Matemática como metodologia de ensino na Educação Básica.

4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- I. **Concepções de Modelagem Matemática;**
- II. **Dimensão pedagógica do uso da Modelagem Matemática e a Formação de Professores;**
- III. **Modelagem Matemática e a sala de aula da Educação Básica;**
- IV. **Modelagem Matemática e a formulação de problemas;**
- V. **Modelagem Matemática e a formulação de Modelos Matemáticos;**
- VI. **Desenvolvimento de temas de Modelagem Matemática para a Educação Básica.**

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ARAÚJO, Jussara de Loiola. **Cálculo, tecnologias e modelagem**: as discussões dos alunos. Tese de doutorado. UNESP, Rio Claro, 2002. vi, 173f.:il.

BARBOSA, Jonei Cerqueira. Modelagem matemática: prática, crítica e perspectiva (capítulo 2). In: BARBOSA, Jonei. **Modelagem matemática**: concepções e experiências de futuros professores. Tese de doutorado. UNESP, Rio Claro. 2001. p. 11-44.

BASSANEZI, Rodney Carlos. **Ensino-aprendizagem com modelagem matemática**: uma nova estratégia. São Paulo: Contexto, 2002.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BARBOSA, Jonei C. O que pensam os professores sobre modelagem matemática. In: **Zetetiké**. Vol 7, nº 11. Campinas, 1999.

BIEMBENGUT, Maria Salett e HEIN, Nelson. **Modelagem Matemática no Ensino**. São Paulo: Contexto, 2000.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**. São Paulo: Ática, 1990.

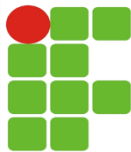
D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**: Elo entre as tradições e a modernidade. BH: Autêntica Ed., 2001.

FERREIRA, Mariana K. Leal. **Idéias Matemáticas de Povos Culturalmente Distintos**. São Paulo: Global, 2002.

KNIJNIK, Gelsa. **Exclusão e Resistência**: Educação Matemática e Legitimidade Cultural. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SCHEFFER, N. e CAMPAGNOLLO, A. J. Modelagem Matemática: uma Alternativa para o Ensino-Aprendizagem da Matemática no Meio Rural. In: **Zetetiké**. Vol 6, nº 10. Campinas, 1998.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação Matemática Crítica**: A Questão da Democracia. Campinas: Papirus, 2001.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Políticas Públicas e Gestão da Educação Básica			
Semestre: 6º		Código: PPGM6	
Nº aulas semanais: 4	Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3	
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda a educação e o contexto sócio-político-educacional brasileiro, em especial, as principais políticas e programas criados para o desenvolvimento da educação nacional, inclusive com vista ao atendimento de diferentes segmentos sociais, e fortalecimento do acesso, permanência e qualidade em educação. Discute a organização, estrutura e funcionamento da educação básica: os níveis e modalidades de educação e de ensino e a sua organização curricular e cultura escolar, articulando as diferentes modalidades educativas, especialmente a educação de jovens e adultos, a educação prisional e a educação profissional, além das situações de jovens e adolescentes em privação de liberdade. Seu conteúdo fundamenta-se nas políticas públicas e na diversidade de ações que as instituições escolares realizam cotidianamente, ou seja, na organização do trabalho pedagógico, assim como as iniciativas do poder público no sentido de implantação de políticas de gestão, currículo, avaliação, democratização e qualidade na educação, além da análise crítica das reformas educacionais implantadas nos sistemas. Aborda também a Política de Educação Ambiental como um tema transversal e Educação das Relações Étnico-Raciais, impactantes no projeto pedagógico e nas práticas de gestão das escolas.			
3 - OBJETIVOS: Instrumentalizar o futuro docente a compreender o sentido da Educação Nacional, sua estrutura administrativa e pedagógica. Analisar as principais políticas públicas que estão presentes no trabalho pedagógico da escola, considerando, sobretudo, a ampliação do acesso, a garantia da permanência e a busca da qualidade. Refletir sobre a ação coletiva construída no âmbito da organização escolar contemplando as formas alternativas de organização presentes no trabalho coletivo, além de compreender a relação entre as políticas educacionais e o movimento de trabalho dos profissionais da educação, sobretudo na escola.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Organização do sistema escolar brasileiro: aspectos legais. Níveis e modalidades de ensino.			

- II. **A Educação de Jovens e Adultos como objeto de políticas educacionais necessárias;**
- III. **Educação Prisional, privação de liberdade e políticas de inclusão.**
- IV. **As políticas de acesso e permanência para os alunos da educação básica.**
- V. **Os indicadores de qualidade em educação e as políticas de implementação.**
- VI. **A política de Educação Ambiental e a contribuição da escola básica.**
- VII. **Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e as políticas afirmativas.**
- VIII. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Educação de Jovens e Adultos – referenciais para a melhoria da gestão da escola.**
- IX. **Iniciativas de carreira docente e gestão da educação no Brasil – um dos maiores desafios em políticas públicas para educação.**

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALMEIDA, Malu. **Políticas Educacionais e Práticas Pedagógicas:** para além da mercadorização do conhecimento. Campinas, Alínea Editora, 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.** Brasília: CNE/CP 2, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta curricular para a EJA.** Segundo segmento do ensino fundamental. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 2002.

GADOTTI, Moacir; ROMAO José E. (org). **Educação de Jovens e Adultos.** Teoria, prática e proposta. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos, OLIVEIRA João Ferreira e TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar:** políticas, estrutura e organização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PARO, Vitor Henrique. **Crítica da estrutura da escola.** São Paulo: Cortez Editora, 2011.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BAIA COELHO, Wilma de Nazare. PEDROSO MULLER, Tânia Mara. BARBOSA FERREIRA, Paulo Antonio. **Relações Étnico-Raciais, Formação de Professores e Currículo.** São Paulo: Livraria da Física, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta curricular para a EJA.** Segundo segmento do ensino fundamental. Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 2002.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação – PNE (2014 – 2024).** Lei Federal 13.005 de 2014. Ministério da Educação. Brasília, DF. INEP, 2014

DE MELLO, Soraia Silva; TRAJBER, Rachel. **Vamos cuidar do Brasil:** conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Ministério da Educação, Ministério do Meio-Ambiente. Brasília, UNESCO, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Educação Brasileira:** estrutura e sistema. 11.ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Cálculo Diferencial e Integral 4			
Semestre: 7º		Código: CA4M7	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T () P () (X) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (x) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de Informática – utilização de softwares como Geogebra, Winplot e Graphmatica.	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda os conceitos do Cálculo Integral, em especial, da Integração Múltipla e da Integral de Linha, numa perspectiva das aplicações em outras áreas do conhecimento e das relações desses conhecimentos com os conteúdos da Educação Básica, necessários para futura atuação docente.			
3 - OBJETIVOS: Fornecer ao aluno condições para interpretar e aplicar os principais conceitos do Cálculo Integral. Desenvolver habilidades para resolver integrais duplas utilizando coordenadas retangulares e polares, e integrais triplas utilizando coordenadas retangulares, esféricas e cilíndricas. Aplicar as integrais múltiplas na determinação de áreas, volumes e outras aplicações. Compreender a integral de linha, suas aplicações e relações com a integral dupla. Relacionar os conceitos estudados na disciplina com os conteúdos da Educação Básica. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Integrais duplas: 1. Definição e exemplos; 2. Integrais duplas sobre retângulo; 3. Integrais duplas sobre regiões genéricas; 4. Integrais duplas em coordenadas polares; II. Integrais triplas: 1. Definição e exemplos;			

2. Integrais triplas em coordenadas esféricas;
3. Integrais triplas em coordenadas cilíndricas;

III. Integral de linha:

1. Campos vetoriais;
2. Integral de linha;
3. Integral de linha de campos vetoriais;
4. Independência do caminho;
5. Teorema Fundamental para integral de linha;
6. Campos conservativos e independência do caminho;
7. Teorema de Green.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BOULOS, Paulo. **Cálculo diferencial e integral**. v. 2. São Paulo: Pearson Education, 2006.

SIMMONS, George F. **Cálculo com Geometria Analítica**. v. 2; São Paulo: Makron Books, 1988.

STEWART, James. **Cálculo**: v. 2. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ÁVILA, Geraldo. **Cálculo** - Funções de Várias Variáveis. v. 3. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

BOULOS, Paulo; **Introdução ao Cálculo**. v. 3. São Paulo: Edgard Blücher, 1983.

GUIDORIZZI, Hamilton L. **Um Curso de Cálculo**. v. 3. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2002.

ROGAWSKI, Jon. **Cálculo**: volume 2. Porto Alegre: Bookman, 2009.

SALAS, Saturnino L; HILLE, Einar; ETGEN, Garret J. **Cálculo**: volume 2. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Língua Brasileira de Sinais 1			
Semestre: 7º		Código: LB1M7	
Nº aulas semanais: 04		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO Qual(is)?	
1 EMENTA: Esse componente aborda a Língua Brasileira de Sinais e seu papel na identidade, cultura, desenvolvimento e na educação dos surdos.			
3 - OBJETIVOS: Compreender a surdez e suas consequências em termos linguísticos e socioculturais. Conhecer os dispositivos legais e as diferentes abordagens de comunicação. Desenvolver habilidades técnicas para utilizar corretamente as estruturas linguísticas básicas da Libras. Permitir a reflexão sobre a importância da Língua Brasileira de Sinais no processo de escolarização do aluno surdo. Destacar a representação da comunidade surda em nossa sociedade.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Lei 10436/2002 e Decreto 5626/2005; II. Conceitos de língua e linguagem; III. Mitos sobre a surdez e a Libras; IV. Aspectos clínicos, educacionais e sócio antropológicos da surdez; V. História da educação dos surdos; VI. Abordagens educacionais: oralismo, comunicação total e bilinguismo; VII. O tradutor e intérprete de língua de sinais no contexto de sala de aula; VIII. Implante coclear; IX. Cultura, comunidade e identidade surda; X. Gramática da Libras; XI. Sinais e expressões para: alfabeto manual, números, cumprimento, atribuição de sinal da pessoa, material escolar, calendário, cores, família, clima, animais domésticos, casa, profissões (principais), horas, características pessoais (físicas), alimentos, meios de transporte, pronomes, verbos contextualizados.			

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

FIGUEIRA, A. S. **Material de Apoio para o Aprendizado de LIBRAS**. São Paulo: Phorte, 2011.

GUESSER, A. **Libras que língua é essa?** Crenças e Preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KARNOPP, L. B., QUADROS, R. M. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ARANTES, V.A. **Educação de Surdos: Pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2007.

BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Ed. Do autor, 2012.

FREITAS, M.M. **Reflexões sobre o ensino de língua portuguesa para surdos**. Curitiba: Appris, 2014.

MOURA, Debora R. **Libras e Leitura de Língua Portuguesa para surdos**. Curitiba: Appris, 2015.

PEREIRA, M.C.C., et all. **Libras: Conhecimento além dos sinais**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

VIEIRA, Claudia R. **Bilinguismo e inclusão: Problematizando a questão**. Curitiba: Appris, 2014.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Prática de Ensino de Matemática: Didática para o Ensino de Matemática			
Semestre: 7º		Código: DEMM7	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76 aulas	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T () P () (x) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular trabalha modelos e teorias para análise dos fenômenos, processos e métodos correlatos de ensino e aprendizagem da Matemática relacionados à didática. Também propõe uma investigação dos fatores e condições que influenciam o ensino e a aprendizagem da Matemática. Visa, ainda, proporcionar ao futuro professor a construção dos princípios de uma prática pedagógica centrada no aprendizado, reunindo conteúdos, objetivos e métodos que se inter-relacionam de forma coerente e criativa, suscitando reflexões ligadas à prática docente. Nesse contexto, fornece subsídios para a realização do estágio supervisionado, tanto nas observações quanto nas intervenções.			
3 - OBJETIVOS: Criar um espaço de reflexão acerca da atividade docente e das complexidades que envolvem a educação básica no Brasil, preparando os licenciandos para o estágio. Discutir os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam o conhecimento e a prática profissional do professor e diversificações de estratégias para a ação educativa. Compreender os fundamentos da Didática da Matemática a partir da análise de seus campos investigativos e de sua articulação com outras ciências. Analisar métodos de ensino propostos para a matemática, relacionando-os com concepções mais gerais de ensino e aprendizagem. Estudar, desenvolver e projetar uma concepção educacional de ensino de matemática. Refletir sobre diferentes abordagens do ensino de matemática e o uso de mídias, com enfoque nas tecnologias de ensino. Construir projetos de ensino por meio de investigação crítica-reflexiva de temas curriculares de matemática e ações didáticas relacionadas ao contexto tecnológico. Analisar e discutir planejamento e avaliação sob a perspectiva da Didática da Matemática.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. O conhecimento matemático e o ensino da matemática:			

1. Didática Geral e Didática da Matemática; 2. A matemática como um conjunto de práticas sociais: prática científica, prática de ensino e prática educativa; 3. História da matemática escolar no Brasil: as reformas curriculares e o lugar da geometria, da aritmética e da álgebra no currículo da educação básica; II. Objetivos e valores do ensino da Matemática: 1. Objetivos do ensino da matemática na educação básica; 2. Educação profissional no âmbito da educação matemática; 3. Educação matemática de jovens e adultos; III. A didática francesa como uma tendência em educação: 1. Implicações da didática francesa para o ensino e a aprendizagem da matemática; IV. Matemática e as práticas de ensino: 1. Tensão entre conceitos matemáticos e conteúdos de ensino no ensino da matemática; 2. Estudo sobre os conceitos matemáticos e concepções de educação veiculados em livros didáticos; V. Pesquisas contextualizadas: 1. Conexão entre a pesquisa e o ensino na educação matemática; 2. Tendências em educação matemática como orientadoras da atividade e da pesquisa educacional; 3. A pesquisa em didática da matemática orientando a prática pedagógica.	5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA: ALMOULD, Saddo. Fundamentos da didática da Matemática. Curitiba: EDUFPR, 2007. BRUN, Jean (Org.). Didática das Matemáticas. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 1996. D'AMORE, B. Elementos da didática da Matemática. São Paulo: Livraria da Física, 2007.
6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR: BROUSSEAU, G. Introdução ao estudo das situações didáticas: conteúdo e métodos de ensino. São Paulo: Ática, 2009. DUVAL, Raymond. Semiósis e pensamento Humano: registros semióticos e aprendizagens intelectuais. Tradução Lênio Levy e Marisa Silveira. São Paulo: Livraria da Física, 2009. MACHADO, Silvia D. A. et al. Educação Matemática: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1999. MACHADO, Sílvia Dias Alcântara Machado. (Org.). Educação Matemática: uma (nova) introdução. São Paulo: EDUC, 2008. OLIVEIRA, G.P. Transposição didática: aportes teóricos e novas práticas. In: WITTER, G.P; FUJIWARA, R. Ensino de Ciências e Matemática: análise de problemas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.	

PAIS, Luis Carlos. **Didática da Matemática**: uma análise da influência francesa. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PARRA, Cecília. et al. **Didática da Matemática**: reflexões psicopedagógicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PERRENOUD, Philipe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

**1- IDENTIFICAÇÃO****CURSO:** Licenciatura em Matemática**Componente Curricular:** Probabilidade e Inferência Estatística**Semestre:** 7º**Código:** PINM7**Nº aulas semanais:** 4**Total de aulas:** 76**Total de horas:** 63.3**Abordagem Metodológica:**
T (x) P () () T/P**Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula?**
() SIM (x) NÃO Qual(is)?**2 - EMENTA:**

O componente curricular apresenta os fundamentos da inferência estatística, técnicas baseadas em Teoria das Probabilidades que permitem construir proposições de caráter probabilístico acerca da população, partindo da observação das amostras de seus elementos. São técnicas aplicadas no processo da tomada de decisão compostas por estimação de parâmetros por intervalo de confiança e testes de hipóteses.

3 - OBJETIVOS:

Apresentar técnicas que permitem, com determinado grau de probabilidade, generalizar à população certas conclusões, por comparação com os resultados amostrais. Apresentar técnicas de cálculo probabilístico acerca da estimação de determinado parâmetro de uma população. Apresentar técnicas probabilísticas para testar uma dada hipótese e diante disso tomar decisão. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade. Apresentar a Matemática como um corpo de conhecimentos rigoroso, formal e dedutivo, produto da atividade humana, historicamente construída. Articular conteúdos matemáticos com diversas áreas do conhecimento e conhecer suas aplicações em contextos inter e transdisciplinares.

4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:**I. TEORIA DAS PROBABILIDADES:**

1. Experimento Aleatória, Espaço amostral e Eventos.
2. Operações entre eventos e suas propriedades.
3. Definições de Probabilidades: clássica, frequentista, subjetiva e axiomática.
4. Propriedades de probabilidades.
5. Probabilidade de eventos em espaço equiprovável.

6. Variáveis Aleatórias Discretas.
7. Probabilidade condicional.
8. Independência de eventos.
9. Teoremas: da multiplicação, das probabilidades totais e de Bayes.
10. Variáveis Aleatórias Discretas: Binomial, Bernoulli, Poisson, Geométrica, Hipergeométrica, Pascal.
11. Variáveis Aleatórias Contínuas: Normal, t-de Student.
12. Esperança matemática e variância para variáveis discretas e contínuas.

II. TEORIA DA AMOSTRAGEM:

1. Definições: parâmetro, estatística, estimador, estimativa, amostras aleatórias.
2. Tipos de amostragens.
3. Dimensionamento da amostra.
4. Distribuição amostral das médias.
5. Distribuição amostral das proporções.
6. Teorema Central do Limite.

III. INTERVALOS DE CONFIANÇA:

1. Intervalo de confiança para a média de população normal com variância conhecida.
2. Intervalo de confiança para a média de uma população normal com variância desconhecida.
3. Intervalo de confiança para a proporção populacional.
4. Intervalo de confiança para grandes amostras.

IV. TESTES DE HIPÓTESES:

1. Hipóteses estatísticas: testes de hipóteses, nível de confiança, nível de significância, tipos de erros.
2. Teste de hipóteses para a média de uma população normal com variância conhecida.
3. Teste de hipóteses para a média de uma população normal com variância desconhecida.
4. Teste de hipóteses para a proporção populacional.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BUSSAB, Wilton de Oliveira; MORETTIN, Pedro Alberto. **Estatística Básica**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

MOORE, David. **A Estatística Básica e sua Prática**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MORETTIN, Pedro Alberto. **Estatística Básica**. 7. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

COSTA NETO, Pedro Luiz de Oliveira. **Estatística**. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2011.

LARSON, Ron; FARBER, Betsy. **Estatística Aplicada**. 4. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

LEVINE, David M.; BERENSON, Mark L; STEPHAN, David, et al. **Estatística: Teoria e Aplicações**: usando Microsoft Excel Português. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MORETTIN, Luiz Gonzaga. **Estatística Básica – V. 2 Inferência**. São Paulo: Makron Books, 2000.

SPIEGEL, Murray. **Estatística**. 3. ed. São Paulo: Pearson, 2009 (Coleção Schaum).

TRIOLA, Mário. **Introdução à Estatística**. 10. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Cálculo Numérico			
Semestre: 8º		Código: CANM8	
Nº aulas semanais: 2		Total de aulas: 38	Total de horas: 31.7
Abordagem Metodológica: T () P () (x) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (x) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de Informática	
2 - EMENTA: O componente curricular apresenta o recurso de resolução de problemas por iterações: métodos numéricos e iterativos, capacitando assim os alunos a resolver problemas que, sem fórmulas ou técnicas algébricas conhecidas, são impossíveis de serem resolvidos analiticamente.			
3 - OBJETIVOS: Apresentar métodos de resolução de problemas por iterações numéricas. Implementar tais métodos em computador. Aprender a usar os softwares Excel (planilha eletrônica), Scilab (cálculos técnicos) e Geogebra (matemática dinâmica) para resolver problemas por métodos iterativos.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I – TEORIA DOS ERROS 1. Sistemas de Numeração e conversões 2. Aritmética de Ponto Flutuante 3. Erros de Arredondamento e Truncamento 4. Erros absolutos e relativos 5. Propagação de Erros 6. Exemplo de Aplicações II – SISTEMAS LINEARES 1. Método de Jacobi 2. Método de Gauss-Seidel 3. Critério das Linhas e de Sassenfeld 4. Mal condicionamento 5. Decomposição LU			

III – ZEROS DE FUNÇÕES

1. Método da Bissecção
2. Método da Falsa Posição
3. Método de Newton-Raphson
4. Método das Secantes
5. Método Iterativo Linear

IV – AJUSTE DE CURVAS

1. Método dos Mínimos Quadrados
2. Coeficiente de Correlação
3. Ajuste de Curvas
4. Casos Não Lineares: Linearização

V – INTERPOLAÇÃO POLINOMIAL

1. Método por Sistema Linear
2. Método de Lagrange
3. Método de Newton-Gregory

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ARENALES, Selma; DAREZZO, Artur. **Cálculo numérico**: aprendizagem com apoio de software. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

BARROSO, L. C. et al. **Calculo numérico**. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1987.

FRANCO, Neide Maria Bertoldi. **Cálculo numérico**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BURIAN, Reinaldo; LIMA, Antonio Carlos de; HETEM JUNIOR, Annibal. **Cálculo numérico**. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

CAMPOS FILHO, Frederico Ferreira. **Algoritmos numéricos**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

DOS SANTOS, José Dias; DA SILVA, Zanoni Carvalho. **Métodos Numéricos**. 3. ed. Recife: Editora Universitária-UFPE, 2010.

PAZ, Alvaro Puga. **Curso de cálculo numérico**. 2. ed. São Paulo: LCTE, 2012.

RUGGIERO, Marcia A. Gomes; LOPES, Vera Lucia da Rocha. **Cálculo numérico**: aspectos teóricos e computacionais. 2. ed. São Paulo: Pearson Education, 1996.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Educação em Direitos Humanos			
Semestre: 7º		Código: EDHM7	
Nº aulas semanais: 02		Total de aulas: 38	
		Total de horas: 31.7	
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular contempla a discussão sobre os marcos históricos da educação em direitos humanos no Brasil, assim como trabalha com conceitos relacionados à etnia, etnicidade e etnocentrismo. Trata, a partir da compreensão da escola como espaço de diversidade, da diversidade de gênero e das desigualdades entre homens e mulheres; da diversidade sexual e das identidades de gênero; da diversidade religiosa. Trata também de educação das relações étnico-raciais e história e cultura afro-brasileira e indígena. Discute as formas de preconceitos vividas no espaço escolar, como a homofobia, sexismo, racismo e intolerância, entendendo a escola como espaço de promoção de uma cultura de direitos humanos. Discute, também, inter-relações entre direitos humanos, educação e meio ambiente e traz discussões e reflexões sobre o ecofeminismo. Relaciona os conhecimentos em direitos humanos na educação com atividades formativas que promovam experiências e reflexões próprias ao exercício da docência, com vistas à formação para o exercício da plena cidadania, e a superação das desigualdades, a partir da garantia de direitos sociais. Aborda enfim a política de educação ambiental como forma de garantia da condição humana, e, portanto, um direito necessário à vida cidadã.			
3 - OBJETIVOS: Refletir sobre os direitos humanos e a relação destes com a educação. Garantir formação necessária para que os professores possam interpretar as relações escolares como relações culturais, identificando situações de desrespeito aos direitos humanos e propondo, na prática pedagógica, ações inter e transdisciplinares de intervenção para a construção de uma cultura escolar de direitos humanos. Trabalhar questões relativas aos direitos humanos e temas sociais nos processos de formação continuada de educadores, tendo como referência fundamental as práticas educativas presentes no cotidiano escolar. Desenvolver conhecimentos, competências e habilidades próprias ao exercício da docência. Construir situações didáticas que sejam favorecedoras para a discussão e vivência de situações que evidenciem a importância de uma educação em direitos humanos.			

4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- I. História da educação em direitos humanos no Brasil;
- II. Plano nacional de educação em direitos humanos;
- III. A multiculturalidade como marca da identidade brasileira: aspectos do trabalho pedagógico para uma prática comprometida com direitos humanos;
- IV. Conceito de gênero: elementos teóricos;
- V. Diversidade entre homens e mulheres como desigualdade;
- VI. A educação para o jovem e o adulto como garantia de direito cidadão;
- VII. A reprodução da desigualdade de gênero no espaço escolar: práticas pedagógicas sexistas e desigualdade de gênero nos materiais didáticos;
- VIII. Identidade de gênero e orientação sexual;
- IX. Diversidade religiosa e as diferentes religiões: escola como espaço de convivência da diversidade;
- X. Educação das relações étnico-raciais e história e cultura afro-brasileira e indígena;
- XI. Histórias e registros de preconceitos no espaço escolar: homofobia, racismo, sexismo e intolerância religiosa;
- XII. A educação como um direito da criança e na infância;
- XIII. Crianças em situação de vulnerabilidade e a educação;
- XIV. Papel da escola e dos profissionais da educação na promoção de uma cultura de direitos humanos: currículo, materiais e práticas pedagógicas;
- XV. Direitos humanos, educação, meio ambiente e suas inter-relações;
- XVI. Educação em Direitos Humanos como experiência educativa na escola;
- XVII. Educação Ambiental integrada aos direitos humanos.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ARAÚJO, Ulisses F.; AQUINO, Júlio Groppa. **Os direitos humanos na sala de aula** – a ética como tema transversal. São Paulo: Moderna, 2001.

AQUINO, Julio Groppa. **Diferenças e preconceito na escola** – alternativas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. **Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais**. Brasília: SDH/PR, 2013. Disponível em: <http://www.edh.mec.gov.br>.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ANGELIN, Rosangela. Gênero e meio ambiente: a atualidade do ecofeminismo. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 58, 2006. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/058/58angelin.htm>. Acesso em: 20 ago. 2016.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, DF: MEC/SEPPPIR, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>.

BRASIL. **Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH3)**. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH), 2010. Disponível em: <www.direitoshumanos.gov.br>. Acesso em: 20 ago. 2016.

CANDAU, Vera Maria; SACAVINO, Susana B. (org.). **Educação em direitos humanos**: temas, questões e propostas. Petrópolis: DP et Alli, 2008.

FLEURI, Reinaldo M., et al. (Orgs). **Diversidade Religiosa e Direitos humanos**: conhecer, respeitar e conviver. Blumenau: Edifurb, 2013.

HENRIQUES, Ricardo et al. **Gênero e diversidade sexual na escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Cadernos Secad 4. Brasília: MEC, 2007.

MACHADO, Adriana M.; et al. **Psicologia e direitos humanos**: educação inclusiva, direitos humanos na escola. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. (4)

PAMPLONA LISBOA, Cassiano; AITA I. KINDEL, Eunice. **Educação Ambiental**: da Teoria à Prática. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2015.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: LICENCIATURA EM MATEMÁTICA Componente Curricular: Geometrias Não-Euclidianas			
Semestre: 8º		Código: GENM8	
Nº aulas semanais: 04		Total de aulas: 76	
		Total de horas: 63h20	
Abordagem Metodológica: T () P () (x) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (X) SIM () NÃO Uso do laboratório de informática e do Laboratório de Educação Matemática	
2 - EMENTA: O componente curricular estuda o desenvolvimento histórico e axiomático das Geometrias Não-Euclidianas. Por meio do contexto histórico da Matemática, pretende-se situar o período de desenvolvimento das geometrias não-euclidianas. O estudo das propriedades das figuras geométricas não-euclidianas deve ser articulado com as discussões realizadas na Geometria Euclidiana, a partir do estudo de caso e de situações da prática do professor de matemática. Essa articulação, e as suas possíveis comparações, contribui para que o futuro professor perceba os limites da intuição, bem como dos significados dos postulados e noções primitivas presentes em uma teoria axiomática. As discussões ao longo dessa disciplina permitem a articulação dos conteúdos matemáticos presentes nas geometrias não-euclidianas com a prática docente do professor da Educação Básica, contribuindo, inclusive, para uma melhor prática docente no ensino da própria Geometria Euclidiana, a partir dos estudos de caso e da análise de situações didáticas e adidáticas próprias da relação de ensino e aprendizagem da matemática. O uso de programas de Geometria Dinâmica como ferramentas que contribuem para a descoberta, a verificação e a investigação de resultados auxilia o futuro professor a estabelecer e validar conjecturas. Por meio dessa articulação pretende-se oferecer o uso de recursos tecnológicos tanto como ferramentas de aprendizagem como instrumentos para a resolução de problemas, contribuindo para o trabalho com diferentes processos de argumentação lógica por meio da resolução de problemas. O laboratório de informática é um ambiente de aprendizagem que, por meio de construções dinâmicas, contribui para a exploração prática de proposições que fazem parte dos estudos da Geometria e fomenta a discussão sobre o uso da Geometria Dinâmica no ensino da Geometria na Educação Básica. O desenvolvimento dessa disciplina deve preparar o futuro professor para incorporar as Geometrias Não-Euclidianas na sua prática docente, possibilitando a abordagem desses conteúdos na Educação Básica.			

3 - OBJETIVOS:

Desenvolver no futuro professor habilidades para resolver problemas por meio da aplicação de conceitos de algumas Geometrias Não-Euclidianas, envolvendo a interdisciplinaridade e a contextualização. Analisar, criticamente, a Geometria Euclidiana em confronto com as Não-Euclidianas, identificando suas ideias e compreendendo seus modelos matemáticos por meio da discussão dos sistemas axiomáticos euclidianos e não-euclidianos. Ampliar a visão do futuro professor sobre os conhecimentos geométricos euclidianos e não-euclidianos, proporcionando a discussão e a compreensão sobre diferentes concepções de espaço e de verdade matemática. Incentivar a análise crítica sobre tais conteúdos e, por meio do uso de argumentos matemáticos, aplicar os conhecimentos geométricos na resolução de problemas. Aprofundar as discussões sobre os conteúdos que são abordados no Ensino Fundamental e no Ensino Médio e que podem ser articulados com os conceitos e propriedades advindas das Geometrias Não-Euclidianas, contribuindo, inclusive, para o melhor preparo do futuro professor para o ensino da própria Geometria Euclidiana. Desenvolver o raciocínio lógico visando à exploração de situações-problema, procurando identificar regularidades e realizar conjecturas em busca de generalizações. Comunicar-se matematicamente por meio de diferentes linguagens. Compreender as estruturas abstratas básicas presentes nas geometrias não-euclidianas. Aplicar os conceitos geométricos na resolução de problemas do cotidiano. Contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências que o professor da Educação Básica deve construir ao longo de sua formação docente no que se refere ao ensino de Geometria na Educação Básica.

4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

I. O desenvolvimento histórico das Geometrias Não-Euclidianas:

1. A Geometria Euclidiana Plana e o Quinto Postulado de Euclides;
2. As principais proposições equivalentes ao Quinto Postulado de Euclides;
3. Tentativas históricas de demonstração do Quinto Postulado de Euclides;
4. Estudo dos precursores das Geometrias Não-Euclidianas e seus principais trabalhos e resultados.

II. Geometria Esférica:

1. Interseção de um plano com uma esfera;
2. Círculos máximos e círculos menores;
3. Ângulo esférico;
4. Triângulos esféricos;
5. Distância na superfície esférica;
6. Poliedros regulares e suas simetrias;
7. Fórmula de Euler.

III. Geometria Hiperbólica:

1. O Postulado de Lobachewsky;
2. Propriedades elementares das paralelas;
3. Estudo dos triângulos: pontos notáveis, critérios de congruência, a soma dos ângulos internos de um triângulo;
4. Propriedades de quadriláteros especiais;
5. A variação da distância entre duas retas;
6. Horocírculos e curvas equidistantes;
7. Disco de Poincaré.

IV. Geometria do Táxi:

1. Distância entre dois pontos (táxi-distância);
2. Estudo da circunferência;
3. Mediatriz;
4. Estudo dos triângulos;
5. Estudo dos quadrados.

V. O estudo de caso:

1. O método e a coleta de dados para análise.

VI. O estudo das situações didáticas e adidáticas no ensino e aprendizagem da matemática.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

COUTINHO, L. **Convite às Geometrias Não-Euclidianas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

HILBERT, David. **Fundamentos da Geometria**. Portugal: Gradiva, 2003.

MACHADO, Silvia Dias A. **Educação Matemática: uma introdução**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2002.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BARBOSA, J. L. M. **Geometria Hiperbólica**. Goiânia: Instituto de Matemática e Estatística da UFG. 2002.

BONOLA, Roberto. **Non-Euclidean Geometry**. Dover Publications, Inc. New York – 1980.

COXETER, H. S. M. **Non-Euclidean Geometry**. 6. ed. Mathematical Association of America - Washington D. C. 1998.

GREENBERG, Marvin Jay. **Euclidean and Non-Euclidean Geometries (Development and History)**. 3. ed. W. H. Freeman and Company, New York, 1993.

MENDES, I. A. **Matemática e investigação em sala de aula: tecendo redes cognitivas na aprendizagem**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

PAIS, Luiz Carlos. **Didática da Matemática: uma análise da influência francesa**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROCHA, L. F. C. **Introdução à Geometria Hiperbólica Plana** - IMPA - Publicações do 16º- Colóquio Brasileiro de Matemática. Rio de Janeiro, 1987.

RODRIGUES, Z.G.M. **E quando os ângulos não fecham em 180º**. Geometrias Não Euclidianas. Curitiba: CRV, 2016.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Introdução à Análise Real			
Semestre: 8º		Código: IANM8	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (x) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular trata dos conceitos da Análise Real numa abordagem formal, destacando a lógica das demonstrações e evolução histórica dos conceitos, relacionando-os, quando possível, com os conteúdos da Educação Básica.			
3 - OBJETIVOS: Fornecer ao aluno condições para interpretar os conceitos fundamentais da Análise, desenvolver técnicas de demonstração de Teoremas e estimular o pensamento intuitivo na interpretação de conceitos e na resolução de problemas. Promover a articulação dos conteúdos matemáticos com diversas áreas do conhecimento e conhecer suas aplicações em contextos inter e transdisciplinares. Contribuir para a compreensão da ciência como atividade humana contextualizada e como elemento de interpretação e intervenção na sociedade.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. O conjunto dos números reais: 1. Revisão de lógica; 2. Conjuntos finitos e infinitos; 3. Conjuntos enumeráveis e não enumeráveis; 4. O conjunto dos números reais – um corpo, ordenado e completo; 5. Módulo de um número real. 6. Desigualdade Triangular;			

7. Máximo, mínimo, supremo e ínfimo de um conjunto.

II. Sequências Infinitas:

1. Sequências;
2. Limite de uma sequência e teoremas; Subsequências;
3. Sequências de Cauchy; Teorema de Bolzano-Weierstrass.

III. Séries Infinitas:

1. Definição e propriedades;
2. Teste da Comparação;
3. Teste da Raiz e da Razão;
4. Convergência Absoluta e Condicional.

IV. Limites e continuidade de Funções:

1. Limite de Função, definição e propriedades;
2. Limites Laterais;
3. Continuidade;
4. Teorema do valor intermediário.

V. Sequências e Séries de Funções:

1. Sequências de funções;
2. Convergência simples;
3. Convergência uniforme;
4. Séries de Potências.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ÁVILA, Geraldo. **Análise Matemática para Licenciatura**. São Paulo: Edgard Blücher, 2008.

LIMA, Elon Lages. **Análise real: função de uma variável**. 9. ed.; v.1; Rio de Janeiro: IMPA, 2007 (Coleção Matemática Universitária).

SIMMONS, George F. **Cálculo com Geometria Analítica**. v.2. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

APOSTOL, Tom. M. **Análises matemático**. Espanha: Reverte, 1977.

ÁVILA, Geraldo. **Introdução à análise matemática**. 3. ed. rev. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

BOURCHTEIN, Lioudmila; BOURCHTEIN, Andrei. **Análise real funções de uma variável real: limites, continuidade, diferenciabilidade**. Rio de Janeiro: Ciência moderna, 2010.

GUIDORIZZI, Hamilton L. **Um Curso de Cálculo**. V. 1; Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2001.

STEWART, James. **Cálculo**. 4. ed. v. 2. São Paulo: Thomson Learning, 2001.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Prática de Ensino de Matemática: Resolução de Problemas			
Semestre: 8º		Código: RPBM8	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T () P () (x) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (x) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de Matemática e o de Informática.	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda a metodologia Resolução de Problemas no ensino de Matemática, suas potencialidades e obstáculos, bem como a utilização de materiais didáticos e da informática nas aulas de Matemática a partir desta perspectiva metodológica. Reflete sobre a Modelagem Matemática e as inter-relações com a Resolução de Problemas. Fomenta a elaboração de Projetos de Ensino para a Educação Básica e promove a discussão das realidades observadas no Estágio Supervisionado. Discute as atividades de investigação matemática e o papel que podem assumir no ensino e na aprendizagem, bem como suas possíveis relações com a resolução de problemas.			
3 - OBJETIVOS: Compreender, avaliar, analisar e utilizar a metodologia Resolução de Problemas como uma das formas de desenvolver o ensino-aprendizagem de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Desenvolver as habilidades necessárias para a elaboração de sequências didáticas a partir da Resolução de Problemas. Reconhecer, analisar, avaliar e aplicar recursos didáticos como os jogos e as tecnologias e discutir a avaliação nesta perspectiva metodológica. Analisar criticamente os livros didáticos para a Educação Básica. Perceber a prática docente como um processo dinâmico, carregado de incertezas e conflitos, um espaço de criação e reflexão, de forma que os novos conhecimentos sejam gerados e modificados continuamente, preparando os licenciandos para o estágio. Desenvolver estratégias de ensino que favoreçam a criatividade, a autonomia e a flexibilidade do pensamento matemático dos educandos, buscando trabalhar com mais ênfase nos conceitos do que nas técnicas, fórmulas e algoritmos.			

4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

I. A Metodologia Resolução de Problemas:

1. A Resolução de Problemas e os Parâmetros Curriculares Nacionais;
2. A Resolução de Problemas Segundo Polya;
3. Ideias e tendências em Resolução de Problemas;
4. Resolução de problemas de matemática na Educação Infantil;
5. Resolução de problemas de matemática no Ensino Fundamental e Médio;
6. Planejamento do trabalho com resolução de problemas;
7. Resolução de problemas e registros;
8. Propostas de resolução de problemas.

II. Os Jogos e a Resolução de Problemas:

1. Jogos nas aulas de Matemática;
2. Jogos e Resolução de Problemas;
3. Tipos de jogos.

III. A Resolução de Problemas e a Modelagem Matemática:

1. A Modelagem Matemática;
2. A Modelagem Matemática como estratégia de ensino;
3. A Modelagem e a Resolução de Problemas.

IV. A Resolução de Problemas e a Investigação Matemática:

1. As atividades de investigação matemática e o papel que podem assumir no ensino e na aprendizagem na perspectiva de João Pedro da Ponte;
2. As competências de que necessitam os professores para promover esse tipo de atividade em sala de aula;
3. As relações entre as Investigações Matemáticas, a Resolução de Problemas e a Modelagem Matemática.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BASSANEZI, R. C. **Ensino-aprendizagem com modelagem matemática:** uma nova estratégia. São Paulo: Contexto, 2011.

DANTE, L.R. **Didática da resolução de problemas.** São Paulo: Ática, 2002.

POLYA, G. **A Arte de resolver Problemas.** São Paulo: Interciência, 1995.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BIEMBENGUT, Maria Sallet. HEIN, Nelson. **Modelagem matemática no ensino.** São Paulo: Contexto, 2011.

BORIN, J. **Jogos e resolução de problemas:** uma estratégia para as aulas de matemática. 6. ed. São Paulo: CAEM-USP, SP.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** matemática. Secretaria de educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

DANTE, L. R. **Formulação e resolução de problemas de matemática:** teoria e prática. São Paulo: Ática, 2011.

ONUICHIC, L. R. **Resolução de problemas:** teoria e prática. São Paulo: Paço Editorial, 2014.

PONTE, J.P.; BROCADO, J.; OLIVEIRA, H. **Investigações Matemáticas na Sala de Aula.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003 (Coleção Tendências em Educação Matemática).

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Física 2			
Semestre: 7º		Código: FS2M7	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (X) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (X) NÃO Qual(is)	
2 - EMENTA: O componente curricular aborda os conceitos básicos de eletricidade e de análise de circuitos em corrente contínua.			
3 - OBJETIVOS: Conhecer os principais equipamentos e componentes da eletricidade básica e solucionar problemas práticos na área de eletricidade em corrente contínua compreendendo os objetos matemáticos necessários para que os alunos possam ampliar a compreensão sobre o conhecimento físico-matemático e suas aplicações, com o objetivo de analisá-lo como um saber enriquecido de significado e compreensão. Criar inquietações em relação aos conhecimentos matemáticos, a respeito de sua validade, seus significados, sua importância e suas aplicações em fenômenos físicos.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Noções de Eletrostática: eletrização e capacidade elétrica. II. Materiais Elétricos. III. Eletrodinâmica: Tensão e Corrente Elétrica. Fluxo de energia. IV. Geradores. Fontes ideais e reais. V. Resistência Elétrica. Característica dos condutores e isolantes. Resistividade dos materiais. Lei de Ohm.			

- VI. **Potência Elétrica.**
- VII. **Segunda Lei de Ohm. Características da resistência elétrica.**
- VIII. **Circuito série, paralelo e misto.**
- IX. **Circuito estrela e delta: conversão Lei de Kirchhoff.**
- X. **Análise de Circuitos e Teoremas.**

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GUSSOW, M. **Eletricidade básica**. 2. ed. Porto Alegre: Pearson Makron Books, 2009.

HALLIDAY, David; RESNICK, Robert; WALKER, Jearl. **Fundamentos de física: eletromagnetismo: volume 3**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

YAMAMOTO, Kazuhito; YAMAMOTO, Kazuhito; FUKU, Luiz Felipe. **Os alicerces da física 3: eletricidade física moderna e análise dimensional**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

6 – BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

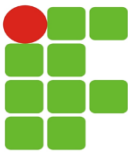
ALBUQUERQUE, R. O. **Análise de Circuitos em Corrente Contínua**. 19. ed. São Paulo: Érica, 2007.

IRWIN, J. David; NELMS, R. Mark. **Análise básica de circuitos para engenharia**. 10. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

SADIKU, Matthew N. O.; MUSA, Sarhan M.; ALEXANDER, Charles K. **Análise de circuitos elétricos com aplicações**. Porto Alegre: AMGH, 2014.

TIPLER, P. A.; MOSCA, G. **Física para Cientistas e Engenheiros**. 6. ed. vol. 3. São Paulo: LTC, 2009.

YOUNG, Hugh D.; FREEDMAN, Roger A. Sears & Zemansky. **Física III**. 12.ed. São Paulo: Addison-Wesley, 2009.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Equações Diferenciais Ordinárias			
Semestre: 7º		Código: EDOM7	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (x) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: Este componente curricular introduz o conceito de equações diferenciais e apresenta técnicas de resolução de variados tipos de equações diferenciais ordinárias, passando por aplicações em problemas das diferentes áreas do conhecimento modelado por meio de equações diferenciais.			
3 - OBJETIVOS: Classificar os diferentes tipos de equação diferencial. Apresentar métodos de resolução de alguns tipos de equações diferenciais ordinárias. Introduzir a modelagem de problemas por equação diferencial.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I – EQUAÇÕES DIFERENCIAIS ORDINÁRIAS 1. Definição, exemplos e soluções 2. Tipos de equações diferenciais ordinárias 3. Ordem de uma Equação Diferencial Ordinária 4. Soluções e Tipos de Soluções 5. Família de Curvas II – EQUAÇÕES DIFERENCIAIS LINEARES DE PRIMEIRA ORDEM 1. Equações de Variáveis Separáveis 2. Campos de Direções e Trajetórias Ortogonais 3. Equações Lineares Homogêneas 4. Método de Resolução por Fator Integrante 5. Método de Resolução por Solução da Homogênea 6. Método de Resolução pela Fórmula			

III – CASOS REDUTÍVEIS

1. Equação de Bernoulli
2. Equações Homogêneas de grau zero
3. Equação Autônoma de 2º grau

IV – EQUAÇÕES DIFERENCIAIS EXATAS

1. Definição e exemplos de equações diferenciais exatas
2. Condição necessária e suficiente para que certas equações diferenciais sejam exatas
3. Fator integrante

V – EQUAÇÕES DIFERENCIAIS LINEARES DE 2ª ORDEM

1. Homogêneas com Coeficientes constantes
2. Não Homogêneas com Coeficientes constantes
3. Determinação da Solução Particular pela Transformada de Laplace

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BOYCE, William E.; DIPRIMA, Richard C. **Equações diferenciais elementares e problemas de valores de contorno**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

BRONSON, Richard; COSTA, Gabriel B.; SILVEIRA NETO, Fernando Henrique da; PERTENCE JÚNIOR, Antonio. **Equações diferenciais**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

GUIDORIZZI, Hamilton Luiz. **Um curso de cálculo**. 5. ed. V. 4. Rio de Janeiro: LTC, 2001.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

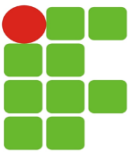
ÇENGEL, Yunus A.; PALM III, William J. **Equações diferenciais**. Porto Alegre: AMGH, 2014.

DIACU, Florin. **Introdução a equações diferenciais: teoria e aplicações**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

GUIDORIZZI, Hamilton Luiz. **Um curso de cálculo**. 5. ed. V. 2. Rio de Janeiro: LTC, 2001.

ZILL, Dennis G. **Equações diferenciais com aplicações em modelagem**. São Paulo: Thomson, 2003.

ZILL, Dennis G.; CULLEN, Michael R. **Matemática avançada para engenharia 1: equações diferenciais elementares e transformada de Laplace**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Física 3			
Semestre: 8º		Código: FS3M8	
Nº aulas semanais: 4	Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3	
Abordagem Metodológica: T () P () (X) T/P	Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (x) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de Física / Metrologia. Laboratório específico de Eletricidade e Eletrônica.		
2 - EMENTA: O componente curricular tem dois eixos. Um deles trabalha conceitos básicos das ciências experimentais que envolvem a teoria de medidas, com foco na representação de dados e propagação de erros, tomando a mecânica clássica como pano de fundo dos experimentos realizados e usando conhecimentos de funções, estatística e probabilidade. No outro eixo, o aluno irá trabalhar, na prática de laboratório, com aplicações de eletricidade básica, envolvendo as medições e cálculos que auxiliarão no uso da matemática no cotidiano do estudante.			
3 - OBJETIVOS: Consolidar os conhecimentos sobre o movimento de corpos sobre a ação de forças constantes com o uso de experimentos. Aplicar conceitos, princípios e métodos relacionados a objetos em equilíbrio, submetidos à ação de forças. Diagnosticar problemas e dimensionar especificações de componentes de dispositivos mecânicos que atuam em equilíbrio, submetidos à ação de forças. Desenvolver noções de análise de dados e procedimento de realização de experimentos. Criar condições para que os alunos possam ampliar a compreensão sobre o conhecimento físico-matemático e suas aplicações, com o objetivo de analisá-lo como um saber enriquecido de significado e compreensão. Criar inquietações em relação aos conhecimentos matemáticos, a respeito de sua validade, seus significados, sua importância e suas aplicações em fenômenos físicos. Introduzir conceitos básicos de teoria de medidas, representação de dados e propagação de erros experimentais no contexto de experimentos de mecânica clássica. Conhecer os principais equipamentos e componentes da eletricidade básica e solucionar problemas práticos na área de eletricidade em corrente contínua.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Dimensões das grandezas físicas e sistemas de unidades:			

1. Sistema Internacional de Unidade.

II. Noções de Metrologia.

III. Equações de condições de equilíbrio.

IV. Introdução à teoria de medidas:

1. Incerteza e propagação de erros.
2. Média, desvio padrão e desvio padrão da média.

V. Gráficos em escala linear, monolog e dilogHistogramas.

VI. Medidas da Resistência Elétrica, tensão e corrente elétrica.

VII. Características da resistência elétrica.

VIII. Lei de Ohm.

IX. Potência Elétrica.

X. Eficiência energética.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

HALLIDAY, David. RESNICK, Robert. WALKER, Jearl. **Fundamentos de Física**. Vol. 1. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

HELENE, O. A. M.; VANIN, V. R. **Tratamento Estatístico de Dados em Física Experimental**. 2. ed. São Paulo: LTC, 1991.

VUOLO, J. H. **Fundamentos da Teoria de Erros**. 2. ed. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 1996.

6 – BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

COSTA NETO, C. **Estatística**. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2011.

GUSSOW, M. **Eletricidade básica**. 2. ed. Porto Alegre: Pearson Makron Books, 2009.

JOHNSON, D. E. et. al. **Fundamentos de análise de circuitos elétricos**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

PIRES, A. S. T. **Evolução das Ideias da Física**. 2. ed. São Paulo: Editora livraria da física, 2011.

TIPLER, P. A.; MOSCA, G. **Física para Cientistas e Engenheiros**. 6. ed. V. 1, São Paulo: LTC, 2009.

SERWAY, R. A.; JEWETT Jr., JOHN W. **Princípios de Física**. V. 1. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Introdução à Lógica de Programação			
Semestre: 8º		Código: LPRM8	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T () P () (x) T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? (x) SIM () NÃO Qual(is)? Laboratório de Informática	
2 - EMENTA: O componente curricular apresenta um recurso para resolução de problemas por meio de algoritmos implementados na linguagem de programação estruturada C.			
3 - OBJETIVOS: Habilitar o aluno a construir algoritmos, um recurso de resolução de problemas. Habilitar o aluno a desenvolver uma linguagem de programação estruturada: a linguagem C. Abordar os diferentes tipos de linguagens de programação. Aprender a usar os softwares Visio (construção de algoritmos), VisuAlg (pseudo-código) e DevC++ ou outro ambiente integrado de desenvolvimento.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I – ALGORITMOS 1. Resolução de Problemas por Algoritmo 2. Representação de Algoritmos 3. Algoritmos x Programas 4. Teste de Mesa II – NOÇÕES BÁSICAS DE LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO 1. Variáveis e Constantes 2. Operadores Aritméticos, Relacionais e Lógicos 3. Expressões aritméticas e lógicas: Linearização 4. Precedência de operadores 5. Comando de atribuição			

III – ESTRUTURAS DE CONTROLE

1. Execução condicional (*if, else, switch*)
2. Estruturas de repetição (*for, while, dowhile*)

IV – ESTRUTURAS COMPLEXAS

1. Vetores
2. Matrizes
3. Strings (funções de manipulação)

V – MODULARIZAÇÃO

1. Funções (chamadas e retornos)
2. Passagem de parâmetros (valor)

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

FORBELLONE, A. L. V.; EBERSPÄCHER, H. F. **Lógica de programação: a construção de algoritmos e estruturas de dados**. 3. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2005.

MANZANO, José Augusto N.G. Manzano.; OLIVEIRA, Jayr Figueiredo de, 1962. **Algoritmos: lógica para desenvolvimento de programação de computadores**. 26. ed. São Paulo: Érica, 2012.

SOFFNER, Renato. **Algoritmos e programação em linguagem C**. São Paulo: Saraiva, 2013.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CAMPOS FILHO, Frederico Ferreira. **Algoritmos numéricos**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

FEOFILOFF, Paulo. **Algoritmos em linguagem C**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

HEINEMAN, George T.; POLLICE, Gary; SELKOW, Stanley. **Algoritmos: o guia essencial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2009.

MEDINA, Marco; FERTIG, Cristina. **Algoritmos e programação: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Novatec, 2006.

PEREIRA, Silvio do Lago. **Algoritmos e lógica de programação em C: uma abordagem didática**. São Paulo: Érica, 2010.

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO		CÂMPUS <i>Guarulhos</i>	
1- IDENTIFICAÇÃO CURSO: Licenciatura em Matemática Componente Curricular: Língua Brasileira de Sinais 2			
Semestre: 8º		Código: LIB2M8	
Nº aulas semanais: 4		Total de aulas: 76	Total de horas: 63.3
Abordagem Metodológica: T (x) P () () T/P		Uso de laboratório ou outros ambientes além da sala de aula? () SIM (x) NÃO Qual(is)?	
2 - EMENTA: O componente curricular constitui-se como optativo. Aborda a Língua Brasileira de Sinais e seu papel na comunicação, desenvolvimento e na educação dos surdos, mais especificamente, no ensino da matemática. Aborda, também, questões referentes à comunidade e à construção da identidade surda, em relação às abordagens educacionais.			
3 - OBJETIVOS: Consolidar e ampliar o conhecimento linguístico referente ao uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na comunicação entre surdos e ouvintes. Refletir sobre a Libras no ensino e aprendizagem da matemática.			
4 - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: I. Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo (Concepções de sujeito, ensino-aprendizagem e de língua em cada uma das abordagens); II. Tipos de Identidade Surda e Artefatos Culturais da Cultura Surda; III. Introdução a Escrita de sinais: signwritten; IV. Classificadores na Libras; V. Sinais e expressões para: localização (cidades, estados, países), verbos contextualizados, esportes, brinquedos e brincadeiras, profissões, saúde; VI. Aprofundamento do ensino de matemática para surdos com Libras.			
5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA: FIGUEIRA, Alexandre S. Material de Apoio para o Aprendizado de LIBRAS. São Paulo: Phorte, 2011.			

FRIZZARINI, Silvia Terezinha; NOGUEIRA, Clélia Maria Ignatius. Conhecimentos Prévios dos alunos surdos fluentes em Libras referentes a linguagem algébrica no ensino médio. **Revista Educação Especial**. v.27, n.49, p. 373-390 / maio/ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/8717/pdf>. Acesso em: 07 nov. 2016.

LANE, Halan. **A máscara da Benevolência**: A comunidade surda amordaçada. Portugal: Instituto Piaget, 1997.

6 - BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ALBRES, Neiva A. **Libras em estudo**: ensino-aprendizagem. São Paulo: Feneis, 2012.

ALBRES, Neiva A.; XAVIER, André N. **Libras em estudo**: Descrição e análise. São Paulo: Feneis, 2012.

ALBRES, Neiva A.; NEVES, Sylvia Lia G. **Libras em estudo**: Política Educacional. São Paulo: Feneis, 2013.

_____. **Libras em estudo**: Política linguística. São Paulo: Feneis, 2013.

BARRETO, Madson.; BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2012.

SALES, Elielson Ribeiro. **A visualização no ensino de matemática**: uma experiência com alunos surdos. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/102118>>. Acesso em 07 nov. 2016.

8. METODOLOGIA

Neste curso, os componentes curriculares apresentam diferentes atividades pedagógicas para trabalhar os conteúdos e atingir os objetivos. Assim, a organização pedagógica desta licenciatura terá como prioridade a diversificação metodológica, inclusive como situação de aprendizagem para os próprios estudantes, constituindo-se como experiência para a prática profissional.

Dessa forma, a metodologia do trabalho pedagógico com os conteúdos apresenta grande diversidade, variando de acordo com as necessidades dos estudantes, o perfil do grupo/classe, as especificidades da disciplina, o trabalho do professor, dentre outras variáveis, podendo envolver: aulas expositivas dialogadas, com apresentação de slides/transparências, explicação dos conteúdos, exploração dos procedimentos, demonstrações, leitura programada de textos, análise de situações-problema, esclarecimento de dúvidas e realização de atividades individuais, em grupo ou coletivas, aulas práticas em laboratório, projetos interdisciplinares ou de intervenção, pesquisas, trabalhos focais ou estudos temáticos, seminários, debates, painéis de discussão, sociodramas, estudos de campo, estudos dirigidos, tarefas, orientação individualizada.

Uma das prioridades do curso é que a utilização das diferentes metodologias de ensino, a critério dos docentes e em consonância com os conteúdos de ensino de cada disciplina, terá como finalidade o desenvolvimento da criatividade, autonomia e protagonismo dos alunos do curso de licenciatura em matemática, valendo-se inclusive dos pressupostos das metodologias ativas, com foco na aprendizagem baseada em resolução de problemas, sempre que possível.

Observando o previsto na Portaria 1.134 de 10 de outubro de 2016, que autoriza a oferta de 20% da carga horária na modalidade a distância ou semipresencial, em cada componente curricular o professor responsável poderá ministrar até 20% de seu plano de aulas a distância, utilizando-se de recursos tecnológicos de informação e comunicação (TICs), tais como: gravação de áudio e vídeo, sistemas multimídias, robótica, redes sociais, fóruns eletrônicos, blogs, chats, videoconferência, softwares, suportes eletrônicos, Ambiente Virtual de Aprendizagem, dentre outras alternativas.

A referida carga horária nesta modalidade de oferta, em cada disciplina, poderá ser incorporada na forma de atividades, módulos, unidades de ensino, propostas de intervenção ou vivência, desde que não ultrapasse 20% da carga horária da disciplina, que poderá integralizar o mesmo percentual no total do curso.

Semestralmente, o professor planejará o desenvolvimento da disciplina, organizando a metodologia de cada aula / conteúdo de acordo as especificidades do plano de ensino, destacando-se a importância de que as propostas sejam discutidas com os alunos, no início de cada período, como forma de fortalecimento da sua participação e organização.

9. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Conforme previsto na LDB – Lei 9394/96 –, a avaliação do processo de aprendizagem dos estudantes deve ser contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais. Da mesma forma, no IFSP é previsto pela “organização didática” que a avaliação seja norteadada pela concepção formativa, processual e contínua, pressupondo a contextualização dos conhecimentos e das atividades desenvolvidas, a fim de propiciar um diagnóstico do processo de ensino e aprendizagem que possibilite ao professor analisar sua prática e ao estudante comprometer-se com seu desenvolvimento intelectual e sua autonomia.

Assim, os componentes curriculares do curso devem prever que as avaliações terão caráter diagnóstico, contínuo, processual e formativo e serão obtidas mediante a utilização de vários **instrumentos**, tais como:

- a. Exercícios;
- b. Trabalhos individuais e/ou coletivos;
- c. Fichas de observações;
- d. Relatórios;
- e. Autoavaliação;
- f. Provas escritas;
- g. Provas práticas;
- h. Provas orais;

- i. Seminários;
- j. Projetos interdisciplinares e outros.

Os processos, instrumentos, critérios e valores de avaliação adotados pelo professor serão explicitados aos estudantes no início do período letivo, quando da apresentação do Plano de Ensino da disciplina. Ao estudante, será assegurado o direito de conhecer os resultados das avaliações mediante vistas dos referidos instrumentos, apresentados pelos professores como etapa do processo de ensino e aprendizagem, enfatizando-se, também, que além das responsabilidades dos docentes, o tratamento do processo avaliativo é responsabilidade precípua de cada aluno na organização de seu próprio percurso formativo.

Ao longo do processo avaliativo, poderá ocorrer, ainda, a recuperação paralela, com propostas de atividades complementares para revisão dos conteúdos e discussão de dúvidas, sobretudo nas situações nas quais as práticas de recuperação contínua não se apresentarem como suficientes.

Os docentes deverão registrar no diário de classe, no mínimo, dois instrumentos de avaliação, preferencialmente com características diversificadas entre si.

A avaliação dos componentes curriculares deve ser concretizada numa dimensão somativa, expressa por uma **Nota Final**, de 0 (zero) a 10 (dez), com frações de 0,5 (cinco décimos), por bimestre, nos cursos com regime anual, ou por semestre, nos cursos com regime semestral; à exceção dos estágios, trabalhos de conclusão de curso, atividades teórico-práticas de aprofundamento e disciplinas com características especiais, que serão previamente objeto de deliberação do colegiado de curso.

O resultado das atividades teórico-práticas de aprofundamento, do estágio e das disciplinas com características especiais é registrado no fim de cada período letivo por meio das expressões “cumpriu” / “aprovado” ou “não cumpriu” / “reprovado”.

Os critérios de aprovação nos componentes curriculares, especialmente as disciplinas, envolvendo simultaneamente frequência e avaliação, para os cursos da Educação Superior de regime semestral, são a obtenção, no componente curricular, de nota semestral igual ou superior a 6,0 (seis) e frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) das aulas e demais atividades.

Fica sujeito a Instrumento Final de Avaliação o estudante que obtenha, no componente curricular, nota semestral igual ou superior a 4,0 (quatro) e inferior a 6,0 (seis), e frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento) das aulas e demais atividades. Para o estudante que realiza Instrumento Final de Avaliação, a nota mínima a ser obtida no instrumento para fins de aprovação é 6,0 (seis). A nota final considerada, para registros escolares, será a maior entre a nota semestral e a nota do Instrumento Final. Caberá ao docente de cada disciplina o estabelecimento do instrumento a ser utilizado como Instrumento Final de Avaliação, considerando os mesmos pressupostos avaliativos do processo.

É importante ressaltar que os critérios de avaliação na Educação Superior primam pela autonomia intelectual e estão sob a responsabilidade e competência do docente de cada disciplina do curso, observadas as normas gerais da instituição, assim como das normativas próprias.

10. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

À medida que se dá a interação com a realidade e a partir da consolidação da formação teórica, delineia-se para o aluno a possibilidade de um aprofundamento em seus estudos ou observações. A partir dos direcionamentos teóricos e práticos discutidos em todas as disciplinas do curso e, em especial, nas disciplinas de Práticas de Ensino e Metodologia do Trabalho Científico, entende-se que os alunos terão subsídios para a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sob a orientação de um professor do Instituto Federal de São Paulo, Câmpus Guarulhos. Destaca-se que, apesar de sua relevância, o TCC não tem caráter obrigatório nesse curso.

Considerado como processo investigativo e como instrumento de avaliação da participação acadêmica do aluno, o TCC reveste-se de importância trazendo contribuições relevantes para o processo educacional, constituindo-se em um aporte essencial na formação de um professor-pesquisador e no reforço à indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Dessa forma, no 5º semestre, o aluno poderá iniciar, oficialmente, a pesquisa para a elaboração do TCC a partir da escolha, conforme as linhas de pesquisa declaradas, do orientador que deverá ser um professor efetivo ou substituto do quadro de docentes do IFSP Guarulhos. A participação de um professor co-orientador - do

Câmpus Guarulhos, de outros câmpus do IFSP ou de outras instituições de ensino superior - será permitida, com anuência do professor orientador. O vínculo entre orientando e orientador deverá ser formalizado em Termo de Compromisso (Anexo 2). Também no 4º semestre, ao cursar a disciplina Metodologia do Trabalho Científico, o aluno aprenderá fundamentos da pesquisa científica e elaborará um projeto que poderá ser o mesmo do TCC.

O prazo máximo para o término do TCC será o mesmo do final do curso. Deverá ser examinado por bancas de avaliação, em duas etapas, a saber: a primeira, o Exame de Qualificação e, a segunda, o Exame de Defesa. As bancas de avaliação deverão ser compostas pelo orientador mais dois membros titulares e um suplente, sendo que um dos membros titulares deverá ser professor efetivo ou substituto do quadro de docentes do Câmpus. Caso o aluno tenha co-orientador, a banca será constituída por quatro membros titulares, pois contará, obrigatoriamente, com a presença do co-orientador.

As datas da qualificação e da defesa deverão ser marcadas pelo orientador em conjunto com a coordenação, adequando-se às disponibilidades dos membros da banca e do aluno.

O objetivo na Qualificação é avaliar a consistência do trabalho em relação à aplicação da metodologia adequada, a problematização e/ou formulação de hipóteses e as evidências dos primeiros resultados da pesquisa. O resultado do Exame de Qualificação será registrado em ata (Anexo 3). O aluno reprovado deverá se submeter à qualificação novamente. O prazo mínimo entre qualificação e defesa é sessenta dias.

A defesa do TCC será uma sessão pública nas dependências do Câmpus, em data e horário amplamente divulgados em formulário padrão. Nessa sessão, o aluno deverá ser arguido pelos componentes da banca, após apresentar seu trabalho em no máximo 30 minutos. A arguição não deverá exceder o período de 2 horas. O aluno será considerado aprovado se obtiver nota igual ou superior a 6,0 e cumprir os requisitos do regulamento. O resultado da defesa será registrado em ata (Anexo 4).

Em caso de reprovação no TCC, poderá o aluno requerer outra oportunidade de defesa ao orientador, desde que não exceda o prazo para integralização do curso.

11. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

O Estágio Curricular Supervisionado é considerado o ato educativo que envolve diferentes atividades desenvolvidas no ambiente de trabalho, visando à preparação para o trabalho produtivo do educando, relacionado ao curso que estiver frequentando regularmente. Assim, o estágio objetiva o aprendizado de competências próprias da atividade profissional e a contextualização curricular, almejando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

Para realização do estágio, deve ser observado o Regulamento de Estágio do IFSP, Portaria nº. 1204, de 11 de maio de 2011, elaborado em conformidade com a Lei do Estágio (nº 11.788/2008), que sistematiza o processo de implantação, oferta e supervisão de estágios curriculares. Em caso de revogação ou alteração da citada Portaria nº 1204 de 11 de maio de 2011, ou da Lei do Estágio (nº 11.788/2008), o Estágio Curricular Supervisionado passará a atender à legislação vigente.

O curso de Licenciatura em Matemática do IFSP/Câmpus Guarulhos propõe a realização do Estágio Supervisionado a partir do quinto semestre do curso para o licenciando que tenha concluído 50% da carga horária total dos componentes curriculares (1330h, incluindo disciplinas em que tenha obtido aproveitamento), contribuindo, assim, para uma maior vivência do aluno no ambiente escolar, reconhecendo a importância da articulação entre a instituição de ensino superior e as instituições de Educação Básica, as quais se configuram como espaços necessários à formação inicial do professor de matemática. Destaca-se, ainda, que ao iniciar o estágio no quinto semestre do curso, o aluno já terá tido contato com diferentes componentes curriculares que discutem a prática docente, como por exemplo: Elementos da Profissão Docente; Psicologia da Educação e Didática.

O aluno deverá cumprir 400 horas de Estágio Supervisionado, que contemplarão as atividades de observação, participação e regência. As atividades de observação iniciam-se com a caracterização da escola em termos de recursos humanos, didáticos, estrutura física da escola e perfil dos professores e dos alunos observados. Em um segundo momento, já em relação à observação sistemática da sala de aula, destaca-se que essa etapa oportuniza aos estagiários observar a prática pedagógica do professor, possibilitando o exame e a reflexão sobre a situação real do processo de ensino e aprendizagem da matemática. Dessa forma, pode-se afirmar

que as atividades de observação priorizam a construção de um conhecimento a respeito do espaço escolar, suas atividades e a natureza relacional dos agentes envolvidos.

Em relação às atividades de participação e de regência, considera-se que ambas visam propiciar ao estagiário a possibilidade de explicitar e contextualizar, por meio de suas ações, as experiências teóricas e práticas vivenciadas durante a formação, uma vez que ele passa a exercer papéis até então destinados apenas ao professor. Dessa forma, o estagiário vivencia a complexidade de suas futuras atribuições, participando da elaboração de planos de aulas, do acompanhamento de alunos e da regência de aulas, sendo suas ações sempre supervisionadas pelo professor da turma (supervisor do estagiário na escola). Ainda, como parte das atividades de participação e de regência, o estagiário deve propor um plano de intervenção a ser desenvolvido junto à(s) classe(s) observadas.

A distribuição e as atividades a serem realizadas seguem o seguinte planejamento:

Tabela 7. Estágio Supervisionado

Sem.	Nome	Nível de Ensino	Atividade	Carga Horária
5º	Estágio Supervisionado I	Anos Finais do Ensino Fundamental	Observação e Participação	80
6º	Estágio Supervisionado II	Anos Finais do Ensino Fundamental	Observação, Participação e Regência	100
7º	Estágio Supervisionado III	Ensino Médio	Observação e Participação	100
8º	Estágio Supervisionado IV	Ensino Médio	Observação, Participação e Regência	80
		Outras modalidades	Observação e Participação	40

- 1. O Estágio Supervisionado I** deve ser realizado nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

O Estágio Supervisionado I contempla as atividades de observação e de participação, demarcando a inserção do estagiário no seu futuro contexto

profissional. Dessa forma, sendo esse estágio realizado em classes dos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º Anos), o estagiário, ao longo do processo de observação e de participação, deve dar ênfase à análise reflexiva da prática do professor, destacando, por exemplo: (i) quais as estratégias utilizadas por ele para levantar e utilizar os conhecimentos prévios dos alunos; (ii) quais as estratégias utilizadas por ele para atender às diferenças individuais de aprendizagem; (iii) como ele incorpora ou não recursos tecnológicos e o uso de softwares para o ensino e a aprendizagem da matemática; entre outros.

No Estágio Supervisionado I, as discussões realizadas no componente curricular Prática de Ensino de Matemática: Tecnologias e Educação Matemática, do quarto semestre, poderão subsidiar reflexões sobre as possibilidades de aplicação e construção de conceitos matemáticos por meio de softwares educacionais livres, construindo um repertório de possibilidades para o desenvolvimento de atividades com o uso das tecnologias digitais na Educação Básica. Neste Estágio projeta-se, também, uma articulação com o componente Prática de Ensino de Matemática: Laboratório de ensino de Matemática, do quinto semestre, fomentando reflexões sobre a utilização adequada de materiais didáticos para o ensino de Matemática.

2. O Estágio Supervisionado II também deve ser realizado nos anos finais do Ensino Fundamental e contempla, além das atividades de observação e de participação, as atividades de regência. Particularmente, no que se refere às atividades de regência, espera-se que o estagiário elabore um plano de aulas sobre um determinado conteúdo, sob a supervisão do professor da classe, articulando suas experiências teóricas e práticas vivenciadas com os interesses explicitados pelo professor supervisor. Espera-se, ainda, que o estagiário vivencie momentos particulares da sala de aula que o levem a uma reflexão sobre os problemas enfrentados, os resultados positivos e negativos de sua regência e a avaliação de demais aspectos que possam ser considerados relevantes diante de todo o processo que vivenciou.

O estágio supervisionado II se articula com o componente curricular Prática de Ensino de Matemática: Modelagem Matemática. Esse componente curricular trata do uso da Modelagem Matemática na Educação Matemática, discutindo sua

utilização na prática docente do professor de Matemática da Educação Básica. Dessa forma, espera-se que o estagiário articule sua participação nesse estágio com as referências teóricas e metodológicas discutidas nesse componente curricular, por meio da formulação de propostas que atendam aos problemas identificados e relativos à profissão docente do professor de matemática, haja vista que o estudo da Modelagem Matemática irá tratá-la como uma metodologia de ensino, apresentando-a como uma alternativa no processo de ensino e aprendizagem de conceitos matemáticos na Educação Básica.

- 3. O Estágio Supervisionado III** deve ser realizado no Ensino Médio. Contempla as atividades de observação e de participação e, assim como discutido no estágio supervisionado II, o estagiário, ao longo do processo de observação e de participação, deve dar ênfase à análise reflexiva da prática do professor, agora do ensino médio, destacando, por exemplo: (i) quais as estratégias utilizadas por ele para levantar e utilizar os conhecimentos prévios dos alunos; (ii) quais as estratégias utilizadas por ele para atender às diferenças individuais de aprendizagem; (iii) como ele incorpora ou não recursos tecnológicos e o uso de softwares para o ensino e a aprendizagem da matemática; entre outros.

O estágio supervisionado III se articula com o componente curricular Didática para o Ensino de Matemática. Esse componente curricular trabalha modelos e teorias para análise dos fenômenos, processos e métodos correlatos de ensino e aprendizagem de matemática relacionados à didática da matemática, e propõe uma investigação dos fatores e condições que influenciam o ensino e a aprendizagem da Matemática. Dessa forma, espera-se que o estagiário articule sua participação nesse estágio com uma reflexão sobre os limites e potencialidades dos aspectos didáticos e metodológicos para o ensino e a aprendizagem da matemática.

- 4. O Estágio Supervisionado IV** deve ser realizado no Ensino Médio e em outras modalidades de educação.

No Ensino Médio deve contemplar, além das atividades de observação e de participação, as atividades de regência. Particularmente, no que se refere às atividades de regência, espera-se que o estagiário elabore um plano de aulas

sobre um determinado conteúdo, sob a supervisão do professor da classe, articulando suas experiências teóricas e práticas vivenciadas com os interesses explicitados pelo professor supervisor. Espera-se, ainda, que o estagiário vivencie momentos particulares da sala de aula que o levem a uma reflexão sobre os problemas enfrentados, os resultados positivos e negativos de sua regência e a avaliação de demais aspectos que possam ser considerados relevantes diante de todo o processo que vivenciou.

O estágio supervisionado IV se articula com o componente curricular Prática de Ensino de Matemática: Resolução de Problemas. Esse componente curricular aborda a Resolução de Problemas na Educação Matemática, fomentando a discussão sobre suas potencialidades e obstáculos. Espera-se, dessa forma, que o estagiário articule sua participação nesse estágio com as referências teóricas e metodológicas discutidas nesse componente curricular, por meio da formulação de propostas que atendam aos problemas identificados e relativos à profissão docente do professor de matemática, haja vista que o estudo da Resolução de Problemas irá tratá-la como uma metodologia de ensino, apresentando-a como uma alternativa no processo de ensino e aprendizagem de conceitos matemáticos na Educação Básica.

Em outras modalidades de ensino, deve ser realizado por meio das atividades de observação e de participação. Considera-se, para efeito desse estágio supervisionado, as atividades desenvolvidas na Educação de Jovens e Adultos, na Educação Especial, no Ensino Médio Integrado, na Educação do Campo, na Educação Escolar Indígena, na Educação a Distância e na Educação Escolar Quilombola.

A realização do estágio supervisionado em outras modalidades de educação busca atender às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada em Nível Superior de Profissionais do Magistério para a Educação Básica, no que se refere ao reconhecimento da importância da formação de um professor que conheça as especificidades dessas modalidades de educação.

Ressalta-se, ainda, que os estagiários já terão discutido, em disciplinas como “Psicologia da Educação”, “Didática”, “Educação Inclusiva e Diversidade”, “Legislação da Educação Básica”, “Políticas Públicas e Gestão da Educação Básica” e “Educação em Direitos Humanos”, aspectos particulares de algumas

dessas modalidades de educação e a oportunidade de realizar o estágio supervisionado em alguma delas irá contribuir para que o estagiário perceba a importância de se considerar as especificidades de cada uma, dentro do processo de ensino e aprendizagem da matemática.

Espera-se, assim, que o estagiário, por meio de sua participação nesse estágio, problematize questões que se referem à Etnomatemática e ao respeito aos diferentes conhecimentos matemáticos que são apresentados pelos alunos dessas outras modalidades de educação, o que implica a utilização de processos didáticos e metodológicos distintos para se trabalhar com as especificidades apresentadas por tais modalidades.

Cabe ressaltar, ainda, que, em cada semestre de desenvolvimento do Estágio Supervisionado, planeja-se a articulação das demais disciplinas dos Núcleos de Formação Específica, Geral e Pedagógica, conforme o nível de ensino e as especificidades de cada um.

Cada uma das etapas do Estágio Supervisionado ficará sob a orientação dos professores que ministrarem as disciplinas de Prática de Ensino de Matemática e Didática para o Ensino de Matemática, os quais atuarão como Orientadores de Estágio designados em portaria específica, em conformidade com as normativas institucionais. Aos orientadores de estágio será atribuída uma aula semanal, para que possam realizar o acompanhamento dos respectivos estágios em horário diferente do de suas aulas atribuídas no semestre.

Ressalta-se, ainda, que uma das finalidades dessas disciplinas é preparar os licenciandos para o estágio, por meio da proposição de reflexões e discussões sobre as atividades desenvolvidas na escola de Educação Básica.

A partir do 5º semestre os estudantes serão orientados a formalizar, junto ao setor responsável pelos estágios do IFSP – Câmpus Guarulhos a assinatura da documentação obrigatória para o início do estágio, da qual serão partes o aluno, a unidade escolar onde ocorrerá o estágio e a unidade formadora. As discussões e estudos realizados no decorrer das disciplinas citadas contribuirão para promover a necessária articulação entre teoria e prática e subsidiarão a realização do estágio.

No caso de estudantes que não tenham disponibilidade para realizar o estágio enquanto cursam a(s) respectiva(s) disciplina(s) de Prática, poderão realizá-lo

posteriormente, tomando o cuidado de não exceder o prazo para integralização do curso. Para isso, deverão buscar orientação do(s) professor(es) orientador(es) que estiver(em) ministrando, no semestre de realização do estágio, a(s) disciplina(s) à(s) qual(is) esteja(m) articulada(s) a(s) etapa(s) que vão realizar. A orientação ocorrerá em horários de atendimento individual ou coletivo, a critério do orientador.

As orientações individuais ou coletivas devem incluir leituras, acompanhamento e discussão dos registros de observação, participação e regência. Nesse caso, o orientador pode sugerir aos alunos que participem de algumas de suas aulas no semestre de realização do estágio.

Assim, tais orientações deverão promover discussões inerentes ao processo de ensino e aprendizagem em todas as suas dimensões. Em particular, que o aluno analise criticamente as aulas observadas, bem como as intervenções realizadas, com o intuito de compreender as possibilidades de incorporar elementos de sua reflexão ao trabalho como professor comprometido com o movimento de reflexão-ação-reflexão.

Os componentes curriculares do curso deverão atender aos objetivos de cada nível de estágio, estando articulados com o correspondente tipo de experiência profissional, para também abranger uma formação voltada para a prática reflexiva do professor, e ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento das respectivas competências voltadas à mobilização de conhecimentos, caracterizando o vínculo entre teoria e prática.

Nesse sentido, as atividades de estágio têm o objetivo de desenvolver:

1. A concepção e promoção de práticas educativas compatíveis com os princípios da sociedade democrática, a difusão e aprimoramento de valores éticos, o respeito e estímulo à diversidade cultural e a educação para a inteligência crítica;
2. A compreensão da inserção da escola na realidade social e cultural contemporânea e das práticas de gestão do processo educativo voltadas à formação e consolidação da cidadania;
3. O domínio de conteúdos disciplinares específicos, da sua articulação interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, tendo em vista a natureza histórica e social da construção do conhecimento e sua relevância para a compreensão do mundo contemporâneo;

4. A condução da atividade docente a partir do domínio de conteúdos pedagógicos aplicados às áreas e disciplinas específicas a serem ensinadas, da sua articulação com temáticas afins e do monitoramento e avaliação do processo de ensino e aprendizagem;
5. A capacidade de autoavaliação e gerenciamento do aprimoramento profissional e domínio dos processos de investigação necessários ao aperfeiçoamento da prática pedagógica;
6. O acompanhamento das vivências de situações concretas de ensino envolvendo a Educação Matemática, trazidas pelo licenciando ou encaminhadas pelo professor, bem como a orientação para a busca de soluções das situações-problema enfrentadas, as quais requerem reflexão teórica sobre as questões envolvidas, tornando-se, portanto, pertinentes a estes componentes curriculares.

As atividades desenvolvidas pelos educandos vinculados a projetos de iniciação científica, monitorias, bolsas discentes, projetos de extensão, de pesquisa e de ensino não poderão ser validadas como estágio.

Conforme resolução nº 02/2015 o aluno não poderá solicitar aproveitamento de atividade docente para redução da carga horária de estágio.

O Núcleo Docente Estruturante do curso de Licenciatura em Matemática do Câmpus Guarulhos fica responsável pela elaboração do Manual do Estágio com regras detalhadas para orientar o estudante estagiário, que estará disponível na página do Curso de Licenciatura em Matemática do IFSP-Câmpus Guarulhos.

12. ATIVIDADES TEÓRICO-PRÁTICAS DE APROFUNDAMENTO

A resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015, determina que os cursos de formação inicial de professores para a educação básica em nível superior, em cursos de licenciatura, devem contemplar 200 (duzentas) horas de atividades teórico-práticas de aprofundamento em áreas específicas de interesse dos estudantes, no âmbito de estudos integradores para enriquecimento curricular, compreendendo participação em:

a) seminários e estudos curriculares, em projetos de iniciação científica, iniciação à docência, residência docente, monitoria e extensão, entre outros, definidos

no projeto institucional da instituição de educação superior e diretamente orientados pelo seu corpo docente;

b) atividades práticas articuladas entre os sistemas de ensino e instituições educativas de modo a propiciar vivências nas diferentes áreas do campo educacional, assegurando aprofundamento e diversificação de estudos, experiências e utilização de recursos pedagógicos;

c) mobilidade estudantil, intercâmbio e outras atividades previstas no PPC;

d) atividades de comunicação e expressão visando à aquisição e à apropriação de recursos de linguagem capazes de comunicar, interpretar a realidade estudada e criar conexões com a vida social.

Neste sentido, as Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento são consideradas uma complementação às atividades didático-pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, sempre relacionadas à ampliação da formação acadêmica, profissional e social do aluno.

Para efeito de acompanhamento e registro da carga horária a ser cumprida, as Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento do curso de Licenciatura em Matemática do IFSP, Câmpus Guarulhos, estão divididas nas seguintes categorias: atividades culturais (AC), atividades acadêmicas (AA), atividades científicas (ACi), atividades de formação e atuação extracurricular (FAE), conforme especificado na **Tabela 8**.

Tabela 8. Grupos de Atividades e documentação comprobatória

ATIVIDADES CULTURAIS – AC					
Tipos de atividades		Carga horária máxima por atividade	Carga horária máxima total (no curso)	Procedimentos para validação	
				Registro do aluno	Comprovação
A C 1	- visitas culturais (patrimônios culturais, patrimônios tombados, cidades históricas, monumentos, museus, memoriais, sítios de reservas e parques temáticos).	05h	15h	Relatório	Ingressos, passagens, comprovante de visita (conforme anexo VII ou próprio da instituição/ evento visitado),

					fotografias do aluno no local.
A C 2	- filmes, documentários, peças teatrais, shows, musicais, saraus, concertos, espetáculos de dança.	05h	15h	Resenha	Ingresso. Em caso de filmes de acervo próprio, anexar cópia da capa do filme. Se assistido pela internet, registrar link e data de acesso.
A C 3	- leitura de livros literários ou de temáticas gerais (não técnico, didático ou científico).	05h	15h	Resenha	Cópia da capa do livro.
A C 4	- feiras, exposições, eventos culturais ou artísticos em geral.	05h	15h	Relatório	Comprovante de inscrição, ingresso, fotografias.
A C 5	- cursos de artes.	10h	30h	Resumo da ementa (conteúdo, objetivos, metodologia, avaliação).	Certificado.
ATIVIDADES ACADÊMICAS – AA					
Tipos de atividades		Carga horária máxima por atividade	Carga horária máxima total	Procedimentos para validação	
				Registro do aluno	Comprovação
A A 1	- organização de eventos promovidos pelo curso de Licenciatura em Matemática.	20h	60h	Relatório	Declaração emitida pelos organizadores.
A A 2	- representação discente em colegiado de curso ou outras comissões relacionadas ao curso.	10h	10h	Relatório	Declaração emitida pela direção/ gerência do Câmpus ou presidente da comissão.
A A 3	- leitura de artigos técnicos ou científicos que tenham clara	05h	30h	Resenha (Referências completas	Cópia do artigo ou link do

	relevância para a área de formação.			conforme ABNT)	endereço eletrônico.
A A 4	- leitura de livros técnicos ou científicos que tenham clara relevância para a área de formação.	10h	60h	Resenha (Referências completas conforme ABNT)	Cópia da capa do livro.
A A 5	- produção acadêmica (publicação de trabalhos completos: artigos, relatos de pesquisa ou relatos de experiência em periódicos, publicação de trabalhos em anais de eventos, autoria ou coautoria de projetos relacionados ao curso etc.).	10h	60h	Cópia da produção (em caso de artigo, relato, resumo ou projeto), no suporte original de publicação.	Documentação de aprovação pelo conselho editorial ou organizadores do evento.
A A 6	- produção acadêmica (comunicações orais ou apresentação de pôsteres em eventos acadêmico-científicos, como congressos, seminários, fóruns, simpósios e outros).	05h	30h	Resumo do assunto abordado ou cópia dos slides/ banner.	Certificado ou declaração emitida pelos organizadores do evento.
A A 7	- participação, como estudante (ouvinte), em congressos, seminários, palestras, defesas de trabalhos acadêmicos (TCC, mestrado, doutorado), mesas-redondas, minicursos, oficinas etc.	05h	30h	Relatório	Certificado ou declaração.
A A 8	- monitoria de Matemática no IFSP.	20h	60h	Relatório	Declaração emitida pelo professor responsável pela disciplina.
A A 9	- disciplinas cursadas como aluno especial em outras instituições de ensino superior.	20h	60h	Resumo da ementa (conteúdos, objetivos, metodologia)	Certificado ou declaração.

A A 10	- participação em grupos de estudos supervisionados e/ou conduzidos por professor do curso de Matemática do IF ou de outras instituições em horário fora da grade.	20h	60h	Relatório	Declaração emitida pelo professor coordenador do grupo.
ATIVIDADES CIENTÍFICAS – ACi					
Tipos de atividades		Carga horária máxima por atividade	Carga horária máxima total	Procedimentos para validação	
				Registro do aluno	Comprovação
A Ci 1	- iniciação científica.	20h	60h	Relatório	Declaração emitida pelo coordenador do projeto.
A Ci 2	- participação em projeto de pesquisa ou de extensão.	20h	60h	Relatório	Declaração emitida pelo coordenador do projeto.
A Ci 3	- atuação como palestrante ou ministrante de oficinas, minicursos, entre outros, em eventos científicos em geral.	10h	30h	Relatório	Certificado.
FORMAÇÃO E ATUAÇÃO EXTRACURRICULAR – FAE					
Tipos de atividades		Carga horária máxima por atividade	Carga horária máxima total	Procedimentos para validação	
				Registro do aluno	Comprovação
F A E 1	- cursos extracurriculares que tenham clara relevância para a área de formação (idiomas, intercâmbio, informática, qualificação profissional).	15h	60h	Resumo da ementa (conteúdos, objetivos, metodologia, avaliação).	Certificado.
F A	- visitas a instituições de ensino (escolas-modelo, creches, universidades, outros câmpus do IFSP, SESI, SESC, SENAC,	05h	15h	Relatório	Comprovante de visita da própria instituição ou conforme

E 2	SENAI, ONGs com assistência educacional, laboratórios de pedagogia, de Matemática – entre outros –, hospitais e clubes com brinquedoteca, bibliotecas públicas, entre outros)				modelo do anexo VII (devidamente datado, assinado e carimbado, com indicação do período de visitação – duração em horas).
F A E 3	- estágios extracurriculares (não se configuram como os estágios obrigatórios do curso): plantonista de cursinho ou monitoria em outras instituições de ensino.	10h	30h	Relatório	Declaração emitida pelos responsáveis pelas instituições.
F A E 4	- voluntariado (trabalhos comunitários, atividades não remuneradas de plantonista e monitoria – fora do IFSP –, contação de histórias, participação em campanhas informativas e de prestação de serviços gratuitos, entre outros).	05h	20h	Relatório	Declarações, comprovantes (próprios da instituição ou conforme anexo VII), fotografias que documentem o trabalho realizado.

Observações:

- 1) Podem ser validadas até três atividades do mesmo tipo por semestre, desde que não ultrapassem a carga horária máxima permitida.
- 2) O número de horas validadas depende da qualidade dos registros apresentados e da legibilidade e autenticidade dos comprovantes.
- 3) Todos os certificados, declarações e atestados devem ser datados, indicar o período de realização da atividade e a carga horária. Também devem ser assinados.
- 4) A depender do tipo de atividade, quando não houver outro tipo de comprovação possível – ou para complementar os comprovantes disponíveis – podem ser anexadas fotografias que documentem o envolvimento do estudante na atividade relatada. Por exemplo, pôsteres, impressos e panfletos de uma exposição aberta ao público em um parque devem ser complementados com fotografias do estudante no local visitado. A qualidade do registro produzido pelo estudante (resenha/ relatório) também determinará a validação (total ou parcial) ou não validação da atividade.

- 5) Na falta de comprovante próprio da instituição ou evento, utilizar o modelo do anexo VII.
- 6) As atividades de cada remessa devem ter sido realizadas no decorrer do último ano. Atividades realizadas antes do início do curso não podem ser validadas como atividades teórico-práticas de aprofundamento.

A fim de estabelecer critérios e normatizar a realização das Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento, apresentamos, no Anexo 5, o Regulamento que passa a reger estas atividades.

13. ATIVIDADES DE PESQUISA

De acordo com o Inciso VIII do Art. 6 da Lei Nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, o IFSP possui, dentre suas finalidades, a realização e o estímulo à pesquisa aplicada, à produção cultural, ao empreendedorismo, ao cooperativismo e ao desenvolvimento científico e tecnológico, tendo como princípios norteadores:

- (i) sintonia com o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI;
- (ii) o desenvolvimento de projetos de pesquisa que reúnam, preferencialmente, professores e alunos de diferentes níveis de formação e em parceria com instituições públicas ou privadas que tenham interface de aplicação com interesse social;
- (iii) o atendimento às demandas da sociedade, do mundo do trabalho e da produção, com impactos nos arranjos produtivos locais; e
- (iv) o comprometimento com a inovação tecnológica e a transferência de tecnologia para a sociedade.

No IFSP, em particular no curso de Licenciatura em Matemática do Câmpus Guarulhos, esta pesquisa aplicada será orientada e desenvolvida por um docente ou por um grupo de docentes formando grupos de trabalho nos quais pesquisadores e estudantes se organizam em torno de uma ou mais linhas de investigação. Essas pesquisas serão caracterizadas por meio de produções acadêmicas tais como o Trabalho de Conclusão de Curso, projetos incentivados por órgãos de fomento dos

governos em qualquer esfera, tais como o PIBID, projetos que participem de Programas de Iniciação Científica voluntária ou com bolsa, institucional ou de órgão de fomento.

Para os docentes, os projetos de pesquisa e inovação institucionais são regulamentados pela [Portaria Nº 2627, de 22 de setembro de 2011](#), que instituiu os procedimentos de apresentação e aprovação destes projetos, e da Portaria Nº 3239, de 25 de novembro de 2011, que apresenta orientações para a elaboração de projetos destinados às atividades de pesquisa e/ou inovação, bem como para as ações de planejamento e avaliação de projetos no âmbito dos Comitês de Ensino, Pesquisa e Inovação e Extensão (CEPIE).

14. ATIVIDADES DE EXTENSÃO

A extensão é um processo educativo, cultural e científico que, articulado de forma indissociável ao ensino e à pesquisa, enseja a relação transformadora entre o IFSP e a sociedade. Compreende ações culturais, artísticas, desportivas, científicas e tecnológicas que envolvam as comunidades interna e externa.

As ações de extensão são uma via de mão dupla por meio da qual a sociedade é beneficiada através da aplicação dos conhecimentos dos docentes, discentes e técnicos-administrativos e a comunidade acadêmica se retroalimenta, adquirindo novos conhecimentos para a constante avaliação e revigoramento do ensino e da pesquisa.

Deve-se considerar, portanto, a inclusão social e a promoção do desenvolvimento regional sustentável como tarefas centrais a serem cumpridas, atentando para a diversidade cultural e defesa do meio ambiente, promovendo a interação entre o saber acadêmico e o popular. São exemplos de atividades de extensão: eventos, palestras, cursos, projetos, encontros, entre outros.

A natureza das ações de extensão favorece o desenvolvimento de atividades que envolvam a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas, conforme exigência da Resolução CNE/CP nº 01/2004, além da Educação Ambiental, cuja obrigatoriedade está prevista na Lei 9.795/1999.

A Semana da Matemática e Educação Matemática, promovida pelo IFSP Câmpus Guarulhos, e a Semana de Educação, Ciência e Tecnologia de Guarulhos, realizada pelo IFSP em parceria com outras instituições, são eventos anuais e se configuram como atividades de extensão.

Documentos Institucionais:

Portaria nº 2.095, de 2 de agosto de 2011 – Regulamenta o processo de implantação, oferta e supervisão de visitas técnicas no IFSP.

Resolução nº 568, de 05 de abril de 2012 – Cria o Programa de Bolsas destinadas aos Discentes.

Portaria nº 3639, de 25 julho de 2013 – Aprova o regulamento de Bolsas de Extensão para discentes.

Portaria nº 2968, de 24 de agosto de 2015 – Aprova o Regulamento das Ações de Extensão do IFSP.

15. CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

O estudante terá direito a requerer aproveitamento de estudos de disciplinas cursadas em outras instituições de ensino superior ou no próprio IFSP, desde que realizadas com êxito, dentro do mesmo nível de ensino. Essas instituições de ensino superior deverão ser credenciadas, e os cursos autorizados ou reconhecidos pelo MEC.

O pedido de aproveitamento de estudos deve ser elaborado por ocasião da matrícula no curso, para alunos ingressantes no IFSP, ou no prazo estabelecido no Calendário Acadêmico, para os demais períodos letivos. O aluno não poderá solicitar aproveitamento de estudos para disciplina que tenha cursado e reprovado no IFSP.

O estudante deverá encaminhar um pedido de aproveitamento de estudos para cada disciplina, mediante formulário próprio, anexando os documentos necessários. O aproveitamento de estudos será concedido de acordo com o estabelecido na Organização Didática vigente do IFSP.

Por outro lado, de acordo com a indicação do parágrafo 2º do Art. 47º da LDB (Lei 9394/96), “os alunos que tenham extraordinário aproveitamento nos estudos, demonstrado por meio de provas e outros instrumentos de avaliação específicos, aplicados por banca examinadora especial, poderão ter abreviada a duração dos seus cursos, de acordo com as normas dos sistemas de ensino”. Assim, prevê-se o aproveitamento de conhecimentos e experiências que os estudantes já adquiriram, que poderão ser comprovados formalmente ou avaliados pela Instituição, com análise da correspondência entre estes conhecimentos e os componentes curriculares do curso, em processo próprio, com procedimentos de avaliação das competências anteriormente desenvolvidas. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, por meio da Instrução Normativa nº 001, de 15 de agosto de 2013, institui orientações sobre o Extraordinário Aproveitamento de Estudos para os estudantes.

16. APOIO AO DISCENTE

De acordo com a LDB (Lei 9394/96, Art. 47, parágrafo 1º), a instituição deve disponibilizar aos alunos as informações dos cursos: seus programas e componentes curriculares, sua duração, requisitos, qualificação dos professores, recursos disponíveis e critérios de avaliação. Da mesma forma, é de responsabilidade do Câmpus a divulgação de todas as informações acadêmicas do estudante, a serem disponibilizadas na forma impressa ou virtual (Portaria Normativa nº 40 de 12/12/2007, alterada pela Portaria Normativa MEC nº 23/2010).

O apoio ao discente tem como objetivo principal fornecer ao estudante o acompanhamento e os instrumentais necessários para iniciar e prosseguir seus estudos. Dessa forma, serão desenvolvidas ações como programas de apoio extraclasse e orientação psicopedagógica, de atividades propedêuticas (“nivelamento”) e propostas extracurriculares, estímulo à permanência e contenção da evasão, apoio à organização estudantil e promoção da interação e convivência harmônica nos espaços acadêmicos, dentre outras possibilidades.

A caracterização do perfil do corpo discente poderá ser utilizada como subsídio para construção de estratégias de atuação dos docentes que irão assumir as

disciplinas, respeitando as especificidades do grupo, para possibilitar a proposição de metodologias mais adequadas à turma. Para as ações propedêuticas, propõe-se atendimento em sistema de aulas extras com monitoria de alunos bolsistas.

O apoio psicológico, social e pedagógico ocorre por meio do atendimento individual e coletivo, efetivado pela Coordenadoria Sociopedagógica (equipe multidisciplinar composta por pedagogo, assistente social, psicólogo e TAE, que atua também nos projetos de contenção de evasão), na Assistência Estudantil e NAPNE (Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais), numa perspectiva dinâmica e integradora. Dentre outras ações, a Coordenadoria Sociopedagógica fará o acompanhamento permanente do estudante, a partir de questionários sobre os dados dos alunos e sua realidade, dos registros de frequência e rendimentos/nota, além de outros elementos. A partir disso, a Coordenadoria Sociopedagógica deve propor intervenções e acompanhar os resultados, fazendo os encaminhamentos necessários.

17. Ações Inclusivas

Considerando o Decreto n.º 7611, de 17 de novembro de 2011, que dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências e o disposto nos artigos 58 a 60, capítulo V, da Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996, “Da Educação Especial”, será assegurado ao educando com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação atendimento educacional especializado para garantir igualdade de oportunidades educacionais bem como prosseguimento aos estudos. Nesse sentido, no Câmpus Guarulhos, serão assegurados ao educando com necessidades educacionais específicas:

- Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos que atendam às suas necessidades de ensino e aprendizagem;
- Educação especial para o trabalho, visando à sua efetiva integração na vida em sociedade, em condições adequadas, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual e psicomotora;

- Acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível de ensino.

Cabe ao Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNE) do Câmpus Guarulhos oferecer apoio e orientação às ações inclusivas.

18. AVALIAÇÃO DO CURSO

A avaliação do curso deve estar relacionada ao contínuo aperfeiçoamento do seu Projeto Pedagógico, servindo como referência para a discussão sobre o seu funcionamento como um todo. Dessa forma, essa avaliação deve subsidiar a regulação do curso na direção de seus objetivos.

O planejamento e a implementação do Projeto Pedagógico do Curso, assim como seu desenvolvimento, serão avaliados no Câmpus, objetivando analisar as condições de ensino e aprendizagem dos estudantes, desde a adequação do currículo e a organização didático-pedagógica até as instalações físicas.

Para tanto, será assegurada a participação do corpo discente, docente e técnico-administrativo, bem como de outras possíveis representações que se fizerem necessárias.

Consideramos, para a avaliação do curso, as avaliações internas e externas, conforme destacamos a seguir:

18.1 Avaliações Internas

18.1.1 Comissão Própria de Avaliação (CPA)

O processo de Avaliação Institucional do IFSP conta com a atuação da CPA⁷, que possui atuação autônoma e tem a atribuição de conduzir os processos de avaliação internos da instituição, bem como de sistematizar e prestar as informações solicitadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

⁷Nos termos do artigo 11 da Lei nº 10.861/2004, a qual institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), toda instituição concernente ao nível educacional em pauta, pública ou privada, constituirá Comissão Permanente de Avaliação (CPA).

A CPA é composta por representantes de alunos, professores, profissionais técnico-administrativos e representantes da sociedade civil, de acordo com o art. 11 da Lei nº 10.861 de 14/04/2004, que implanta o SINAES, o inciso I, § 2º do art. 7º da Portaria 2.051/2004, que regulamenta o SINAES; o inciso I do art. 36 da Portaria Normativa nº 23/ 2010 e o inciso IV do art. 61 do Decreto Federal nº 5.773/ 2006. Dessa forma, a CPA possui participantes de todos os segmentos indicados na referida Portaria e é devidamente cadastrada no sistema e-MEC, conforme relação a seguir, para o biênio 2016/2017:

Rodrigo Campos Bortoletto (Representante Docente)

Sueli Maria Serra S. Almendro (Representante Técnico-Administrativo)

Tadeu Silva Santos (Representante Técnico-Administrativo)

Alexandre Pereira de Freitas (Representante Técnico-Administrativo)

Lucas Dechem Calanca (Representante Discente)

Marinilzes Moradillo Mello (Representante da Sociedade Civil)

A CPA, em seu processo de comunicação, apresenta diversas alternativas para a disponibilização dos resultados de seus projetos e ações, entre as quais se encontram os sistemas e documentos eletrônicos específicos que permitem consultas *online*.

Esta intensa rede de exposição do processo autoavaliativo tem, entre outras, a finalidade de subsidiar a gestão institucional em sua atuação e a reformulação dos documentos institucionais, como é o caso dos Projetos Pedagógicos de Cursos.

18.1.2 Colegiado de Curso

O Colegiado de Curso tem suas funções definidas pela Instrução Normativa n. 02/PRE, de 26 de março de 2010. Assim, definiram-se as seguintes diretrizes em seu Art. 1, que estão em vigor desde a implantação da referida Instrução Normativa:

- I. Conduzir e aprovar em primeira instância os trabalhos de reestruturação do Projeto de Curso, inclusive, a grade curricular, o perfil do egresso, o projeto de estágio supervisionado, estrutura de pré-requisitos para apreciação e aprovação de instâncias superiores do IFSP.

- II. Emitir parecer, quando solicitado, sobre: aproveitamento de estudos, de competências acadêmicas e profissionais; aceleração de estudos, transferências e de adaptações, mediante requerimento dos interessados e apresentação dos documentos comprobatórios.
- III. Estabelecer, semestral ou anualmente, os critérios de seleção para preenchimento de vagas remanescentes ociosas a partir do segundo semestre/ano.
- IV. Elaborar e aprovar Regulamento de Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento.
- V. Estabelecer critérios e procedimentos de acompanhamento e avaliação do curso.
- VI. Organizar o processo de reconhecimento e renovação de reconhecimento do curso.
- VII. Quando do reconhecimento, as sugestões da comissão para reorganizar o curso deverão ser encaminhadas à Pró-Reitoria de Ensino.
- VIII. Analisar e dar parecer de solicitações referentes à avaliação de atividades executadas pelos alunos não previstas no Regulamento de Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento.
- IX. Avaliar as propostas de projetos e convênios encaminhados pela coordenação do curso.
- X. Apontar as necessidades de alocação de recursos materiais, humanos, bem como capacitação destinada ao aprimoramento do curso.
- XI. Avaliar a solicitação de dispensa de alunos-monitores, mediante propostas do seu Coordenador, a ser submetida ao órgão responsável.
- XII. Deliberar em primeira instância sobre os pedidos de prorrogação de prazo para conclusão de curso.

Cabe aos membros do Colegiado de Curso: a) ser porta-voz dos anseios de seus representados; b) responsabilizar-se pela divulgação, junto a seus pares, dos resultados das discussões do colegiado (medidas, sugestões etc.); c) participar da avaliação qualitativa do funcionamento do curso, indicando fragilidades e apresentando propostas para sua superação; d) apresentar propostas sobre ações destinadas a prevenir ou corrigir atos de indisciplina individual e/ou coletiva; e) posicionar-se sobre o funcionamento dos diversos espaços pedagógicos institucionais

(laboratórios, equipamentos, mobiliário, biblioteca etc.), sempre visando à melhoria dos serviços prestados; f) avaliar as atividades implementadas pelo curso e propor sugestões para seu aperfeiçoamento; g) manter-se informados sobre os resultados das avaliações interna e externa e contribuir para sua melhoria, sempre contando com o envolvimento de seus pares.

De acordo com a Portaria GRU.0040 de 2 de junho de 2017, são membros do Colegiado de Curso:

Tabela 9. Colegiado

	Membro	Função	Jornada
Representantes Docentes	Ana Paula Ximenes Flores	Presidente	Prof RDE
	Armando Handaya	Titular	Prof RDE
	Antonio Luis Mometti	Titular	Prof RDE
	Cesar Ricardo Peon Martins	Titular	Prof RDE
	Gema Galgani Rodrigues Bezerra	Titular	Prof RDE
	Leonardo Silvestre Neman	Titular	Prof RDE
	Rogério Marques Ribeiro	Titular	Prof RDE
	Alexandre de Paula Franco	Suplente	Prof 20h
	Daniela Ramalho Cury	Suplente	Prof Sub
	Emanoel Fabiano Menezes Pereira	Suplente	Prof RDE
TAE	Natalie Archas Bezerra Torini	Titular	TAE
	Nilton Pereira dos Santos	Suplente	TAE
Discentes	Vinicius Airton Moraes Melo	Titular	Aluno
	Vivian Souza de Araujo	Titular	Aluno
	Angelica Benedita de Almeida	Suplente	Aluno
	Vitor Ferreira de Souza	Suplente	Aluno

Especificamente ao Colegiado de Curso, está prevista 01 (uma) reunião ordinária por semestre e, havendo necessidade, serão realizadas outras reuniões extraordinárias.

1.2 Avaliações Externas

Serão consideradas como avaliações externas os resultados obtidos pelos alunos do curso no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) e os

dados apresentados pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes).

O resultado dessas avaliações periódicas apontará a adequação e eficácia do projeto do curso e contribuirá para o planejamento das ações acadêmico-administrativas necessárias a serem implementadas.

19. EQUIPE DE TRABALHO

19.1. Núcleo Docente Estruturante

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) constitui-se de um grupo de docentes, de elevada formação e titulação, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua avaliação e atualização do Projeto Pedagógico do Curso, conforme a [Resolução CONAES Nº 01, de 17 de junho de 2010](#). A constituição, as atribuições, o funcionamento e outras disposições são normatizadas pela Resolução nº 79 de 06 de setembro de 2016.

Conforme portaria nº GRU.0025, de 1º de abril de 2016, os seguintes docentes constituem o Núcleo Docente Estruturante:

Tabela 10. Núcleo Docente Estruturante

Nome do professor	Titulação	Regime de Trabalho
Armando Handaya	Doutor	RDE
Ana Paula Ximenes Flores	Mestre	RDE
Antonio Luis Mometti	Doutor	RDE
Cesar Ricardo Peon Martins	Doutor	RDE
Gema Galgani Rodrigues Bezerra	Doutor	RDE
Maly Magalhães Freitas	Mestre	RDE
Rogério Marques Ribeiro	Doutor	RDE

19.2. Coordenador do Curso

As Coordenadorias de Cursos e Áreas são responsáveis por executar atividades relacionadas com o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, nas respectivas áreas e cursos. Algumas de suas atribuições constam da Organização Didática do IFSP.

No decorrer do processo de elaboração deste PPC, até o mês de março de 2017, a coordenação do Curso Superior de Licenciatura em Matemática foi exercida por:

Nome:	Armando Handaya
Regime de Trabalho:	RDE
Titulação:	Doutor
Formação Acadêmica:	Matemática
Tempo de vínculo com a Instituição:	8 anos
Lattes	3785730549168231

No dia 09/03/2017 foi publicada no Diário Oficial da União a designação da docente Ana Paula Ximenes Flores para a Coordenação do curso de Licenciatura em Matemática.

Nome: Ana Paula Ximenes Flores

Regime de Trabalho: RDE

Titulação: Mestre

Formação Acadêmica: Mestre em Matemática Universitária

Tempo de vínculo com a Instituição: 5 anos

Experiência docente e profissional: Concluiu o bacharelado em Matemática Aplicada no ano de 2007, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus São José do Rio Preto. Entre 2008 e 2009 cursou disciplinas pedagógicas na UNESP, Câmpus Rio Claro, pediu aproveitamento e foi certificada Licenciada em Matemática

pela Unesp, Câmpus São José do Rio Preto. É Mestre em Matemática Universitária pela UNESP, Câmpus Rio Claro (2011).

Atua como professora de Matemática no IFSP, Câmpus Guarulhos. Tem interesse de pesquisa e experiência em políticas públicas e formação continuada de professores da Educação Básica. Atuou no Programa Rede São Paulo de Formação Docente (REDEFOR), pela Unicamp, como orientadora educacional online (2010-2012) e no Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC, 2014), como formadora, pela Universidade Federal de São Carlos.

Artesã, com maior dedicação à técnica de entrelace, oferece cursos de artesanato como projetos de extensão.

Maiores informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/1491317795012329>.

19.3. Colegiado de Curso

O Colegiado de Curso é órgão consultivo e deliberativo de cada curso superior do IFSP, responsável pela discussão das políticas acadêmicas e de sua gestão no projeto pedagógico do curso. É formado por professores, estudantes e técnicos-administrativos.

Para garantir a **representatividade dos segmentos**, será composto pelos seguintes membros:

- I. Coordenador de Curso (ou, na falta desse, pelo Gerente Acadêmico), que será o presidente do Colegiado.
- II. No mínimo, 30% dos docentes que ministram aulas no curso.
- III. 20% de discentes, garantindo pelo menos um.
- IV. 10% de técnicos em assuntos educacionais ou pedagogos, garantindo pelo menos um.

Os incisos I e II devem totalizar 70% do Colegiado, respeitando o artigo nº 56 da LDB.

As competências e atribuições do Colegiado de Curso, assim como sua natureza, composição e funcionamento estão apresentadas na INSTRUÇÃO NORMATIVA nº02/PRE, de 26 de março de 2010.

De acordo com essa normativa, a **periodicidade das reuniões** é, ordinariamente, duas vezes por semestre, e extraordinariamente, a qualquer tempo, quando convocado pelo seu Presidente, por iniciativa ou requerimento de, no mínimo, um terço de seus membros.

Os **registros** das reuniões devem ser lavrados em atas, a serem aprovadas na sessão seguinte e arquivadas na Coordenação do Curso.

As **decisões** do Colegiado do Curso devem ser encaminhadas pelo coordenador ou demais envolvidos no processo, de acordo com sua especificidade.

19.4. Corpo Docente

Tabela 11. Corpo Docente

Nome do Professor	Titulação	Regime de Trabalho	Área
Alexandre de Paula Franco	Doutor	20h	Educação
Ana Paula Ximenes Flores	Mestre	RDE	Matemática Aplicada
Andre de Oliveira Guerrero	Mestre	RDE	Química
Antonio Luis Mometti	Doutor	RDE	Educação Matemática
Armando Handaya	Doutor	RDE	Matemática
Ataíde Ribeiro da Silva Junior	Doutor	Sub 40h	Engenharia
Cesar Ricardo Peon Martins	Doutor	RDE	Educação Matemática
Daniela Ramalho Cury	Mestre	Sub 40h	Educação
Delfim Pinto Carneiro Júnior	Mestre	RDE	Mecânica Espacial
Dennis Lozano Toufen	Doutor	RDE	Física
Emanoel Fabiano Menezes Pereira	Mestre	RDE	Matemática

Felipe Rodrigues da Silva	Mestre	RDE	Ciências Sociais
Gema Galgani Rodrigues Bezerra	Doutor	RDE	Linguagem e Educação
Gisele Aparecida Alves Sanchez	Mestre	RDE	Matemática Aplicada
Hamilton Piva Dominguez	Doutor	RDE	Educação
Joao Victor Caetano Alves	Doutor	RDE	História
Juliana Fagundes Jacó	Mestre	RDE	Educação Física
Leonardo Silvestre Neman	Mestre	RDE	Matemática
Maly Magalhães Freitas	Mestre	RDE	Educação
Nelson Arbach	Mestre	RDE	Educação Matemática
Patrícia Isabela Pessoa da Silva	Doutora	RDE	Bioquímica
Roberto Seidi Imafuku	Mestre	RDE	Educação Matemática
Rogério Marques Ribeiro	Doutor	RDE	Educação Matemática
Rogério Osvaldo Chaparin	Mestre	20h	Educação Matemática

19.5. Corpo Técnico-Administrativo / Pedagógico

Tabela 12. Corpo Técnico-Administrativo/Pedagógico

	Nome do Servidor	Formação	Cargo/Função
1	Alberto Pereira Pontes Junior	Graduação: Administração	Assist. em Administração
2	Alexandre Pereira de Freitas	Ensino Médio	Assist. de Alunos
3	Alexandre Takayama	Graduação: Ciências Biológicas	TAE

4	Andrea Takayama	Graduação: Tecnólogo Secretariado	Secretária Executiva
5	Andréia Souza Eduardo Rocha	Lato sensu em gestão escolar	Pedagoga
6	Carolina Pinterich da Silva	Graduação: Tecnologia em Secretariado	Assist. em Administração
7	Celso Antônio Sobral	Graduação: Administração de Empresas	Assist. em Administração
8	Cibele Aparecida Cardoso Mendonça	Lato Senu: Psicopedagogia Clínica e Educacional	Assist. em Administração
9	Danila Gomes Freitas	Lato Senu: Psicopedagogia Institucional	Assist. em Administração
10	Douglas Andrade de Paula	Técnico em Informática	Téc. Laboratório: Informática
11	Douglas Mendes Brites Pastura Diaz	Técnico em Informática	Téc. Tecnologia da Informação
12	Eduardo da Silva Pascoal	Ensino Médio	Assist. em Administração
13	Elizabeth Alves Pereira	Mestrado em Psicologia da Educação	Psicóloga
14	Gislene Cássia Cardoso	Técnico em Contabilidade	Téc. Contabilidade
15	Gustavo Romão Gonzales	Ensino Médio	Auxiliar de Biblioteca
16	Jairo Filho Sousa de Almeida	Técnico em Informática	Téc. Laboratório: Informática
17	Lúcia Miyuki Higa	Graduação: Biblioteconomia	Bibliotecário Documentalista
18	Mara Lúcia Costa Mariano	Mestrado: Administração Estratégica	Administradora
19	Márcio Ferreira Cardoso	Graduação: Licenciatura em Geografia	Auxiliar de Biblioteca
20	Michel Araújo de Souza	Lato Senu: Política e Sociedade	Assist. em Administração
21	Natalie Archas Bezerra Torini	Mestrado: Educação	Pedagoga
22	Rafael de Souza Ramalhaes Feitosa	Graduação: Biblioteconomia	Bibliotecário Documentalista
23	Rafael Guidoni	Técnico em Informática	Assist. de Alunos
24	Rodrigo Augusto de Araujo	Proficiência em Libras	Tradutor Intérprete de Libras

25	Rogeli de Moraes Oliveira Cardoso	Graduação: Arquitetura e Urbanismo	Assist. em Administração
26	Sergio Andrade Silva Leal	Graduação: Comunicação Social	Téc em Audiovisual
27	Shaila Regina Herculano Almeida	Graduação: Letras	Assist. em Administração
28	Sueli Maria Serra Silveira Almendro	Graduação: Pedagogia	Assist. em Administração
29	Susannah Aparecida de Souza Fernandes	Graduação: Serviço Social	Assist. Social
30	Tadeu Silva Santos	Ensino Médio	Assist. de Alunos
31	Thaís Helena Vieira Lobo	Lato Sensu: Gestão Tributária	Contadora
32	Thiago Clarindo da Silva	Lato Sensu: Psicopedagogia	TAE

20.BIBLIOTECA

O Câmpus Guarulhos do IFSP conta com uma biblioteca com espaço de 267 m² integrada a sala de estudos com dez mesas e quarenta lugares para estudo dos alunos. Conta também com 8 terminais de computador com acesso à internet e periódicos CAPES fundamentais para a pesquisa na área de mecatrônica. O acervo é disponibilizado aos alunos para consulta no espaço da biblioteca e/ou por empréstimo, seguindo para isso a norma vigente no IFSP (portaria nº 6087 de 13 de dezembro de 2013).

20.1 INFRAESTRUTURA FÍSICA

A biblioteca do IFSP - Câmpus Guarulhos está localizada no Prédio E e conta com um espaço físico útil de 218 m², onde estão dispostos: quatro aparelhos de ar-condicionado, uma televisão para apresentação de recados e informativos à comunidade acadêmica, três quadros de avisos, oito computadores com oito lugares para pesquisas, nove mesas redondas e quatro mesas retangulares (somando quarenta e quatro lugares), uma sala de estudo em grupo com uma mesa redonda e quatro lugares, cinco cabines individuais de estudo, sala de processamento técnico,

vinte e quatro estantes com livros e três estantes de periódicos que atendem às ementas das disciplinas em quase totalidade.

A biblioteca atende muito bem aos aspectos relacionados à limpeza, iluminação, acústica e acessibilidade. Suas dependências são arejadas, seguras, bem conservadas e com acessibilidade garantida.

20.2 HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

De segunda à sexta-feira das 9h às 21h.

O horário de atendimento abrange os três períodos de funcionamento do Câmpus, permitindo aos alunos de todos os períodos o acesso à biblioteca e seu acervo, dentro e fora do período de seu curso.

20.3 SERVIÇOS E INFORMATIZAÇÃO

A biblioteca do Câmpus Guarulhos é regida pelo Regulamento de uso das bibliotecas do IFSP, aprovado pela Portaria 1.279 de 20/04/2016. Conta com dois bibliotecários e dois auxiliares de biblioteca, tem acesso à internet e quatro computadores para uso de funcionários, que auxiliam na normatização dos trabalhos acadêmicos, gerenciam a organização do acervo e os empréstimos.

Todos os livros são catalogados e tombados. Atende quase na totalidade o ementário dos cursos oferecidos no Câmpus, cuja meta é atingir a totalidade até 2018.

A biblioteca do IFSP - Câmpus Guarulhos possui normas para consulta e empréstimo do acervo. O acesso é livre para o público geral: docentes, discentes, funcionários do Instituto e comunidade externa. Há normas específicas para os serviços de empréstimo, definidas pelo regulamento interno do Câmpus, que também apresenta regras quanto à disciplina, uso e conservação do acervo e instalações, disponibilidade dos serviços prestados e possíveis sanções em caso de descumprimento das normas. A quantidade de material emprestado e os prazos para devolução variam de acordo com a categoria do usuário.

Os professores, funcionários e os alunos devidamente vinculados ao Câmpus Guarulhos podem se cadastrar como usuários da biblioteca.

Qualquer dúvida relativa ao material bibliográfico consultado no recinto da biblioteca pode ser sanada com o bibliotecário ou com o funcionário presente. A

consulta a determinadas obras é regida por regras específicas, que constam também do regulamento disponível na forma impressa e no sítio eletrônico do Câmpus.

Os computadores da biblioteca destinam-se, exclusivamente, às pesquisas técnico-científicas, com política de acesso à internet elaborada pelo IFSP - Câmpus Guarulhos. O acervo de periódicos está disponível na forma digital, sendo constituído por doze periódicos indexados distribuídos entre os cursos ofertados no Câmpus, diversos links temáticos e mais quatro bases científicas: CAPES, ABNT, *IEEE Xplore* e *Science Direct*.

O Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza os acervos de instituições de ensino e pesquisa no Brasil e o melhor da produção científica internacional. Ele conta com um acervo de mais de trinta e sete mil títulos com texto completo, cento e trinta bases referenciais, doze bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual.

A biblioteca disponibiliza, ainda, as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e da Associação Mercosul de Normalização (AMN). Por meio da utilização e da aplicação dos recursos dessa coleção é possível atestar a padronização de diversos produtos e processos que permeiam tanto as ações quanto as pesquisas desenvolvidas no âmbito técnico e tecnológico do IFSP.

Os serviços prestados pela biblioteca do Câmpus Guarulhos pelo Catálogo on-line são: empréstimo domiciliar, renovação e reserva on-line, catalogação na fonte, serviço de referência, acesso à internet e empréstimo de jogo de xadrez.

Atualmente, utiliza-se o Software PERGAMUM – Sistema Integrado de Bibliotecas –, um sistema informatizado de gerenciamento de dados, direcionado aos diversos tipos de Centros de Informação. O sistema foi implementado na arquitetura cliente/servidor, com interface gráfica (programação em Delphi, PHP e JAVA), utilizando banco de dados relacional SQLSERVER. O sistema contempla as principais funções de uma biblioteca, com o objetivo de facilitar a gestão dos centros de informação, melhorando a rotina diária dos seus usuários.

A rede possui um mecanismo de busca ao catálogo das várias instituições que já adquiriram o software, formando, assim, a maior rede de bibliotecas do Brasil. Neste

catálogo o usuário pode pesquisar e recuperar registros online de forma rápida e eficiente.

20.4 ACERVO

O acervo é disponibilizado para consulta no espaço da biblioteca e/ou por empréstimo, seguindo para isso a norma vigente no IFSP (portaria nº 6087 de 13 de dezembro de 2013). A tabela a seguir discrimina a distribuição do acervo, por área:

Tabela 13. Acervo da Biblioteca do IFSP Gru

Acervo da Biblioteca do Câmpus Guarulhos	
Áreas	Quantidade de itens
Ciências computação / Informação / Obras gerais	2017
Filosofia / Psicologia	48
Religião	4
Ciências Sociais	454
Linguagem	114
Ciência	53
Matemática	1103
Astronomia	4
Física	251
Química	12
Biologia	4
Tecnologia	74
Medicina /Saúde	9
Engenharia	1080
Agricultura	21
Casa / Gestão familiar	24
Gestão / Relações públicas	573
Engenharia química	1
Fabricação	33
Fabricação de produtos para usos específicos	67
Construção de edifícios	12
Artes / Recreação	13

Literatura	147
História / Geografia	30
TOTAL	6148

20.5 PLANO DE ATUALIZAÇÃO DO ACERVO

A atualização do acervo é realizada anualmente para atender às ementas dos componentes curriculares e às necessidades relatadas por professores ou técnico-administrativos. A prioridade é sempre atender aos Projetos Pedagógicos de cada curso e às principais literaturas relacionadas nas ementas.

A biblioteca segue a Política de Desenvolvimento de Coleções Bibliotecas IFSP, aprovada pela Portaria 967.

21. INFRAESTRUTURA

21.1. Infraestrutura Física

Tabela 14. Infraestrutura Física

Local	Quantidade Atual	Quantidade prevista até ano: 2018	Área (m²)
Almoxarifado	01		14
Almoxarifado da oficina	01		
Anfiteatro	01		156
Área de lazer			385
Auditório	01		156
Banheiro	35		
Biblioteca	01		218
Cantina	01		20
Copa/cozinha	03		
Depósito de materiais	07		297
Estacionamento			

Laboratório de informática	19		
Laboratórios específicos	08		620
Laboratório de usinagem	01		101
Refeitório	03		66
Sala de atendimento aos alunos	12		392
Sala de aula	20		1016
Sala de coordenação	01		40
Sala de desenho	01		40
Sala de docentes	01		80
Sala de pesquisa	05		150

21.2. Acessibilidade

O Câmpus Guarulhos segue o Decreto nº 5.296/2004 com relação à acessibilidade de pessoas com deficiência e/ou mobilidade reduzida. O Câmpus é composto por sete prédios, denominados de blocos A a G. Os Blocos A, B, D são térreos, enquanto os blocos F e G, contíguos, têm pavimento superior. No caso do prédio C, existe um pequeno mezanino com duas salas no piso superior.

Nos blocos A e B, onde funciona a administração do Câmpus, refeitório para os alunos e lanchonete, existe uma rampa acessível com telefone acessível. Estes blocos não contam com piso tátil e sinalização em Braile.

No bloco C, onde estão localizados os laboratórios de máquinas operatrizes, um laboratório de eletricidade e dois de informática, existe uma rampa de acesso incompleta, com um leve degrau na entrada que requer o uso de uma pequena rampa portátil de madeira para permitir o acesso aos cadeirantes. Esse bloco conta com piso tátil ao longo da fachada e inscrições em braile.

No bloco D, estão localizados dois laboratórios específicos e dois banheiros, existe piso tátil ao longo da fachada e inscrições em Braile nas portas, sendo, portanto, acessível para pessoas com deficiência visual. Este bloco carece de melhoria nos acessos às salas, pois apresenta um degrau em suas entradas.

No bloco E, onde se localizam a biblioteca, o auditório e dois laboratórios específicos, existe piso tátil ao longo da fachada e inscrições em braile. Para o acesso à biblioteca, existe uma rampa suave; no entanto, a entrada do auditório e dos laboratórios é por meio de um pequeno degrau de aproximadamente 10 cm de altura, necessitando de melhorias para ser acessível a pessoas com cadeiras de rodas.

Nos blocos F e G concentram-se: a maioria das salas de aula, os laboratórios de informática, secretaria, sala dos professores, coordenadorias de extensão e sociopedagógico, além de quatro laboratórios específicos. Esses blocos possuem elevador e uma passarela que os liga pelo piso superior. Nesses blocos existe piso tátil e inscrições em Braile, sendo acessível às pessoas com deficiência visual. Também apresentam rampas de acesso que, em conjunto com o elevador, permitem o acesso a ambos os pisos por pessoas em cadeira de rodas.

Tendo em vista garantir a plena acessibilidade dos Câmpus, pela Pró-Reitoria de Ensino e a Coordenadoria de Ações Inclusivas, está em estudo a contratação de uma empresa pela Diretoria de Infraestrutura (DIE) que fará um laudo técnico para, posteriormente, promover as devidas adaptações necessárias.

No caso do bloco A, como se trata da Administração do Câmpus, caso seja necessário um aluno com necessidades específicas ir até o local, será disponibilizado um servidor para acompanhá-lo.

Os alunos com necessidades específicas poderão utilizar, em caso de necessidade, o refeitório dos servidores localizado no prédio G, o qual dispõe de plena acessibilidade, considerando-se que o refeitório dos alunos, localizado no Bloco B, necessita de adaptações.

Demais adaptações estão em fase de planejamento pela direção geral do Câmpus, uma vez que são legalmente obrigatórias tanto para os cursos já existentes como para os cursos em fase de implantação.

21.3. Laboratórios de Informática

Tabela 15. Laboratório de Informática

Equipamento	Especificação	Quantidade
Computadores	INTEL DUAL CORE COM 80 GB 2	290
Impressoras	LEXMARK, BROTHER	10
Projetores	DATA SHOW	10
Retroprojetores	TES	2
Televisores	6 LCD 42" E 5 TUBO 29	11
Lousa digital fixo	IQBoard	3
Computador Iterativo	URMET daruma – MEC -FNDE	9

21.4. Laboratórios Específicos

Laboratórios específicos no curso de Licenciatura em Matemática são:

- Laboratório de Ensino da Matemática;
- Laboratório de Física Experimental;
- Laboratórios de Informática.

No primeiro laboratório, estão à disposição dos alunos materiais de cunho pedagógico, úteis, por exemplo, nos componentes de Geometria Euclidiana Plana e Construções Geométricas, Geometria Espacial e Laboratório de Ensino da Matemática. O segundo laboratório ainda está em projeto, embora o espaço já esteja reservado.

Tabela 16. Laboratório de Ensino da Matemática

Material	Especificação	Quantidade
Material Dourado	MMP, Seller	12
Pincel chato	Kalunga 8015-20	12
Sólidos planificados	Em EVA	20
Formas Geométricas	Em madeira com ventosas	12
Torre de Hanoi		1

Kit Montessori		1
Compasso de metal	Waleo	12
Réguas e Triângulos	De madeira	5

Obs.: contagem feita em 26/11/2016

Tabela 17. Laboratório de Física Experimental

Equipamento	Especificação	Quant.
Paquímetros	Paquímetros 150 mm	40
	Os paquímetros são utilizados no componente de tecnologia mecânica com o intuito de desenvolver o conhecimento prático das técnicas de metrologia.	
Micrômetros	Micrômetros 0 25 mm, marca Pantec	20
	Os micrômetros são utilizados no componente de tecnologia mecânica com o intuito de desenvolver o conhecimento prático das técnicas de metrologia.	
Projeto de perfil digital	Projeto de Perfil DIGIMESS	1
Conjunto de Plano inclinado	Planos inclinados para experiências de atrito e projeção de forças.	5

Obs.: Contagem feita em 03/08/2017

Os Laboratórios de Informática dispõem de Softwares específicos para o ensino de Matemática tais como Geogebra, Scilab e Excel. Outros softwares livres são instalados sempre que solicitados ao setor de Tecnologia da Informação.

22. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação-Referências-Elaboração.

BRASIL, Ministério da Educação - Secretaria de Educação Superior. **Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura**. Brasília, Abril de 2010: Disponível em: <<http://www.dca.ufrn.br/~adelardo/PAP/ReferenciaisGraduacao.pdf>> Acesso: 25/11/2016.

_____. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento Institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (PDI)**: Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Brasília, DF, Exercício 2014-2018. Disponível em: <<http://www.ifsp.edu.br/index.php/documentos-institucionais/pdi.html>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

FONSECA, Celso Suckow da. **História do Ensino Industrial no Brasil**. V. 1, 2 e 3. RJ: SENAI, 1986.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – CÂMPUS GUARULHOS. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico Integrado em Mecatrônica**. Guarulhos, Junho / 2016.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – CÂMPUS GUARULHOS. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Engenharia de Controle e Automação**. Guarulhos, Agosto / 2016.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – CÂMPUS GUARULHOS. **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Licenciatura em Matemática**. Guarulhos, Setembro / 2010.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – CÂMPUS GUARULHOS. **Projeto Político-Pedagógico – PPP – 2015-2019**. Guarulhos, Junho / 2016.

MATIAS, Carlos Roberto. **Reforma da Educação Profissional**: implicações da unidade – Sertãozinho do CEFET-SP. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, São Paulo, 2004.

PINTO, Gersony Tonini. **Oitenta e Dois Anos Depois**: relendo o Relatório Ludiretz no CEFET São Paulo. Relatório (Qualificação em Administração e Liderança) para obtenção do título de mestre. UNISA, São Paulo, 2008.

23. MODELOS DE CERTIFICADOS E DIPLOMAS



Modelo de Diploma do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. O documento apresenta uma estrutura formal com logotipos institucionais e campos para a identificação do aluno e do campus.

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

O Reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, no uso de suas atribuições e tendo em vista a conclusão do Curso Superior de _____ de _____ do Campus _____, em _____ de _____, confere o grau de _____ a

NOME DO ALUNO

_____ brasileiro, natural de São Paulo, Estado de São Paulo, nascido em _____ de _____ de 19____, RG _____, e outorga-lhe o presente Diploma, a fim de que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

Diretor Geral do Campus

Diplomado(a)

Arnaldo Augusto Ciquiello Borges
Reitor

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SÃO PAULO**

FICHA PARA CADASTRO INICIAL DO CURSO NO e-MEC

Curso: () Superior de TECNOLOGIA

(x) LICENCIATURA

() BACHARELADO

Nome do Curso: Licenciatura em Matemática

Câmpus: Guarulhos

Data de início de funcionamento: 1º /2018(semestre/ano)

Integralização: 8 anos ou 16 semestres

Periodicidade: (x) semestral () anual

Carga horária mínima: 3200 horas

Turno(s) de oferta: (x) Matutino () Vespertino () Noturno

() Integral _____

Vagas ofertadas por semestre: 40

Total de Vagas ofertadas anualmente: 80

Dados do Coordenador(a) do curso:

Nome: Ana Paula Ximenes Flores

CPF: 317.781.798-78

E-mail: ximenes@ifsp.edu.br

Telefones: (11) 4372-9582 (17) 98132-1626

OBS.: Quando houver qualquer alteração em um destes dados, especialmente em relação ao Coordenador do Curso, é preciso comunicar a PRE para que seja feita a alteração no e-MEC.

PRE - Cadastro realizado em: _____ Ass.: _____

ANEXO 1. Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso

REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO INSTITUTO FEDERAL – CÂMPUS GUARULHOS

Diretrizes para o acompanhamento pedagógico e acadêmico do Trabalho de Conclusão de Curso dos alunos do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Guarulhos.

CAPÍTULO I - DOS OBJETIVOS E DA NATUREZA DO TCC

Art. 1º O Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivos:

§ 1º Contribuir para o desenvolvimento da capacidade científica, crítica e reflexiva do aluno;

§ 2º Promover a reflexão teórica e contribuir para o desenvolvimento de novas técnicas e metodologias e propor intervenções;

Art. 2º O Trabalho de Conclusão de Curso é um componente opcional para integralização do curso.

Art. 3º O TCC deverá ser uma monografia com tema a ser escolhido pelo orientando desde que relacionado à área de abrangência do curso, ou seja, Matemática, Educação Matemática ou Educação. A estrutura do Trabalho de Conclusão de Curso deverá seguir os padrões acadêmicos (ABNT), sendo constituído de:

§ 1º Pré-texto: capa, folha de rosto, ficha catalográfica, folha de aprovação, dedicatória, agradecimentos, resumo em língua vernácula, resumo em língua estrangeira, lista de quadros/tabelas/figuras ou ilustrações, sumário;

§ 2º Texto: Introdução – apresentação/delimitação do tema e/ou problema de pesquisa, justificativa, objetivo(s), descrição da estrutura do trabalho; Desenvolvimento – revisão da literatura ou fundamentação teórica, metodologia, análise dos dados/ discussão/ resultados; Conclusão;

I – Para a Revisão da Literatura ou Fundamentação Teórica: fontes reconhecidas de informação científica, como artigos, dissertações e teses, documentos oficiais, anais de congressos, entre outros;

II – Para a Metodologia: descrição dos sujeitos, materiais, instrumentos e procedimentos metodológicos;

III – Para a Conclusão (ou Considerações finais): retomada abreviada do itinerário da investigação e conclusões decorrentes, com apresentação de desdobramentos para pesquisas futuras, implicações contextuais e posicionamento crítico frente à própria experiência de investigação;

§ 3º Pós-texto: Referências (seguindo as normas vigentes da ABNT), apêndices, anexos.

Art. 4º Alterações na estrutura acima apresentada poderão ser necessárias conforme a especificidade da pesquisa e os encaminhamentos do orientador.

CAPÍTULO II - DOS DEVERES DO ORIENTANDO

Art. 5º São deveres do orientando: seguir as diretrizes do Regulamento do TCC de Licenciatura em Matemática e as orientações e cronogramas estabelecidos pelo orientador, devendo:

§ 1º Submeter, no quinto semestre, o projeto de pesquisa elaborado ou em elaboração para análise do possível orientador;

§ 2º Assinar o termo de compromisso de orientação de TCC (Anexo 2);

§ 3º Reunir-se periodicamente com seu orientador para a discussão das etapas de elaboração do TCC;

§ 4º Apresentar o material solicitado pelo orientador em conformidade com os prazos estipulados;

§ 5º Seguir as normas da ABNT na redação do TCC, respeitando os preceitos éticos na coleta das informações, sob a pena de reprovação se constatado o plágio;

§ 6º Entregar cópias do TCC aos professores componentes de banca de qualificação, em três vias, encadernadas em espiral, 30 dias antes da data de apresentação;

§ 7º Apresentar e defender o seu TCC, perante a Banca de Qualificação, em data, hora e local estabelecidos pela coordenação de curso em conjunto com o orientador;

§ 8º Realizar as correções e ponderar, juntamente com o orientador, que alterações devem ser realizadas a partir das sugestões dos examinadores do TCC;

§ 9º Observar o prazo mínimo de sessenta dias entre a data de qualificação e a data de defesa do TCC;

§ 10º Entregar cópias do TCC, versão final, aos professores componentes de banca de defesa, em três vias, encadernadas em espiral, quinze dias antes da data de apresentação;

§ 11º Apresentar e defender o seu TCC, perante a Banca de Defesa, em data, hora e local estabelecidos pela coordenação de curso em conjunto com o orientador;

§ 12º Realizar as correções finais apontadas pela banca de Defesa;

§ 13º Entregar a versão final do TCC, observando a Portaria nº 0.264 de 24 de janeiro de 2017 que estabelece os procedimentos de entrega às bibliotecas do IFSP. Caso tal portaria seja atualizada ou revogada, realizar a entrega atendendo à legislação vigente.

CAPÍTULO III. DOS DEVERES DO ORIENTADOR

Art. 6º São atribuições do orientador:

§ 1º Aceitar os orientandos desde que tenha disponibilidade e haja adequação entre o Projeto de Pesquisa e a sua área de atuação;

§ 2º Avaliar o trabalho elaborado pelo aluno, verificando sua viabilidade, acompanhando sua execução e sugerindo bibliografia pertinente ao tema;

§ 3º Assinar o termo de compromisso de orientação de TCC (Anexo 2);

§ 4º Estabelecer um cronograma de reuniões e entrega de material;

§ 5º Ler e comentar as versões preliminares, orientando o aluno quanto à autoria do TCC e coibindo o plágio;

§ 6º Orientar quanto à entrega e datas de apresentação;

§ 7º Avaliar o TCC para encaminhamento à banca examinadora;

§ 8º Convidar, em concordância com o orientando, os professores que comporão as Bancas Examinadoras.

Art. 7º O aluno poderá ter um professor co-orientador desde que o orientador aprove e julgue necessário para o desenvolvimento do TCC.

ANEXO 2. Termo de Compromisso de orientação de TCC

TERMO DE COMPROMISSO DE ORIENTAÇÃO DE TCC

Eu, _____, aluno (a) regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Matemática do IFSP - Guarulhos, n. _____, comprometo-me a realizar o Trabalho de Conclusão de Curso de acordo com as normas do Regulamento de TCC e com o cronograma estipulado pelo orientador.

Eu, _____, docente do Curso de _____ do IFSP – Guarulhos, declaro, para os devidos fins, estar de acordo em assumir a orientação do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno (a) acima referido, seguindo as normas do Regulamento de TCC.

Título Provisório do TCC:

Guarulhos, _____ de _____ de _____

Assinatura do Discente

Assinatura do Docente

ANEXO 3. Ata de Qualificação de TCC

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO CÂMPUS Guarulhos	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – CÂMPUS Guarulhos
---	--

ATA DE APRESENTAÇÃO DO RELATÓRIO DE QUALIFICAÇÃO DO TCC

Aos **xxxx** dias de **xxxxxxxx** de **xxxx**, às **xxxx** horas na sala **xxxx** do bloco **xxxx** do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Câmpus Guarulhos, realizou-se a apresentação do relatório de qualificação do TCC intitulado

“**xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx**”.

de autoria de **xxxx xxxx xxxx xxxx**, alun**xx** do curso de Licenciatura em Matemática do IFSP, prontuário **xxxxxx-xx**. Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, o/a candidat**xx** foi considerad**xx** _____ pela Banca Examinadora. E, para constar, foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca.

Participante da Banca	Função	Instituição
xxxx xxxx xxxx xxxx	Presidente	IFSP – GRU
xxxx xxxx xxxx xxxx	membro	IFSP – GRU
xxxx xxxx xxxx xxxx	membro	xxxxxxxxxx

Ressalvas e sugestões da banca examinadora:

xxxx xxxx xxxx xxxx

xxxx xxxx xxxx xxxx

xxxx xxxx xxxx xxxx

ANEXO 4. Ata de Defesa de TCC

 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO CÂMPUS Guarulhos	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – CÂMPUS Guarulhos
---	--

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos **xxxx** dias de **xxxxxxxx** de **xxxx**, às **xxxx** horas, na sala **xxxx** do bloco **xxxx** do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Câmpus Guarulhos, realizou-se a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado

“**xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx xxxx**”.

de autoria de **xxxx xxxx xxxx xxxx**, alun**xx** do curso de Licenciatura em Matemática do IFSP, prontuário **xxxxxx-xx**. Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, o/a candidat**xx** foi considerad**xx** _____ pela Banca Examinadora com a nota _____. E, para constar, foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca.

Participante da Banca	Função	Instituição
xxxx xxxx xxxx xxxx	Presidente	IFSP – GRU
xxxx xxxx xxxx xxxx	membro	IFSP – GRU
xxxx xxxx xxxx xxxx	membro	xxxxxxxxxxx

Ressalvas e sugestões da banca examinadora:

xxxx xxxx xxxx xxxx

xxxx xxxx xxxx xxxx

xxxx xxxx xxxx xxxx

ANEXO 5. Regulamento das Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento

**REGULAMENTO DAS ATIVIDADES TEÓRICO-PRÁTICAS DE
APROFUNDAMENTO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
MATEMÁTICA
IFSP/CÂMPUS GUARULHOS**

CAPÍTULO I - DA NATUREZA E DAS ATIVIDADES

Art. 1º As Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento integram o currículo do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP/Câmpus Guarulhos, sendo exigidas como requisitos curriculares obrigatórios e com carga horária total de 200 (duzentas) horas.

Art. 2º O tempo para cumprimento total da carga horária será o mesmo que o aluno tem para a integralização do curso, ou seja, o dobro de semestres de duração do curso, ou seja, 16 (dezesseis) semestres.

Art. 3º A realização das Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento é obrigatória para a integralização do currículo do curso de Licenciatura em Matemática. Estas devem constituir-se de experiências que visem à ampliação do universo acadêmico, científico e cultural do aluno, fomentando o desenvolvimento da sua capacidade de produzir significados e interpretações sobre as questões sociais, buscando potencializar a qualidade da ação educativa.

CAPÍTULO II - DA REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES TEÓRICO-PRÁTICAS DE APROFUNDAMENTO

Art. 4º As Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento poderão ser realizadas em espaços diversos, internos ou não ao IFSP, desde que atendam aos princípios destacados neste Regulamento.

Art. 5º Para efeito de acompanhamento e registro da carga horária a ser cumprida, as Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento estão divididas nas seguintes categorias: atividades culturais (AC), atividades acadêmicas (AA), atividades científicas (ACi), atividades de formação e atuação extracurricular (FAE), conforme especificado na **Tabela 8**.

Art. 6º Com o intuito de garantir a diversificação e a ampliação do universo acadêmico, científico e cultural, o aluno do curso de Licenciatura em Matemática do IFSP/Câmpus Guarulhos não poderá realizar mais do que três atividades do mesmo tipo por semestre e o total de 200h deve ser distribuído entre, pelo menos, três entre os quatro grupos elencados no Art. 5º, na proporção que melhor atenda aos seus interesses e atividades.

CAPÍTULO III - DA VALIDAÇÃO DAS ATIVIDADES TEÓRICO-PRÁTICAS DE APROFUNDAMENTO

Art. 7º As Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento terão sua supervisão, avaliação e validação em relação ao curso de Licenciatura em Matemática analisadas pelo professor responsável pelo recebimento da documentação e/ou pelo coordenador do curso. O professor responsável deverá ter seu nome aprovado pelo Colegiado de Curso.

§ 1º A validação das Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento deverá ser requerida pelo aluno dentro do prazo estipulado pela coordenação e/ou pelo professor responsável em cada semestre letivo. Após o prazo estipulado, previamente divulgado, o portfólio contendo as atividades realizadas não será aceito.

§ 2º A validação ou não das atividades realizadas pelo aluno ocorrerá após a análise dos relatórios, resenhas e dos respectivos documentos comprobatórios de sua realização. A comprovação da realização das atividades poderá ser feita mediante a apresentação de certificados, de impressos e fôlderes, de *tickets*, entre outros, de acordo com os tipos de atividades realizadas. Os documentos comprobatórios aceitos para validação das atividades estão determinados na **Tabela 8**.

§ 3º Não serão aceitos comprovantes ilegíveis, sem assinatura, ou que apresentem apenas assinatura, sem o devido carimbo (quando aplicável), ou sem data e/ou especificação da atividade realizada pelo aluno.

§ 4º Caso o aluno utilize filmes de acervo próprio para a realização da atividade, será necessário justificar, na Ficha de Registro, como acervo próprio.

§ 5º O Estágio Supervisionado ou atividades que façam parte das demais obrigações acadêmicas do aluno não poderão ser validados como atividade teórico-prática de aprofundamento.

§ 6º Após a validação das Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento, o aluno poderá visualizar sua pontuação no mural do curso, localizado nas dependências do Câmpus.

Art. 8º O aluno terá cumprido o requisito curricular denominado, neste Regulamento, de Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento, quando tiver validado sua participação em 100% (cem por cento) da carga horária determinada para o curso, ou seja, ter cumprido as 200 (duzentas) horas obrigatórias destinadas a este fim.

§ 1º Em cada remessa de entrega, só podem ser validadas as atividades que o aluno tiver realizado, no máximo, um ano antes.

Art. 9º Os alunos ingressantes no Curso de Licenciatura em Matemática por meio de transferência ou reingresso ficam sujeitos ao cumprimento da carga horária estabelecida para as Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento, podendo solicitar o cômputo da carga horária atribuída pela instituição de origem a essas atividades, observadas as seguintes condições:

§ 1º A compatibilidade das Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento estabelecidas pela instituição de origem com as estabelecidas neste Regulamento.

§ 2º A carga horária atribuída pela instituição de origem e a conferida por este Regulamento a atividades idênticas ou congêneres.

CAPÍTULO IV - DA SUPERVISÃO DAS ATIVIDADES TEÓRICO-PRÁTICAS DE APROFUNDAMENTO

Art. 10º Compete à coordenação do curso de Licenciatura em Matemática e/ou ao professor supervisor aprovado em Colegiado de Curso para este fim a supervisão das Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento, considerando os seguintes itens:

§ 1º Fornecer as orientações necessárias para a realização das atividades e disponibilizar os modelos de formulários que deverão ser utilizados para a confecção do portfólio de atividades.

§ 2º Acompanhar o cumprimento deste Regulamento e a efetiva integralização da carga horária.

§ 3º Verificar a idoneidade da documentação fornecida pelo aluno.

§ 4º Validar os documentos comprobatórios apresentados pelo aluno e publicar, conforme cronograma previamente divulgado, o total da carga horária integralizada.

§ 5º Providenciar o registro da carga horária das atividades cumpridas em formulário próprio e encaminhar para a secretaria para que conste do Histórico Escolar do aluno (Anexo 8).

§ 6º Resolver, juntamente com o Colegiado de Curso, os casos omissos neste Regulamento.

CAPÍTULO V – DO PADRÃO DO PORTFÓLIO

Art. 11º O portfólio de Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento deverá ser entregue formatado e padronizado, de acordo com as orientações a seguir:

§ 1º A primeira remessa de Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento do curso deve ser entregue em uma pasta catálogo preta, que utilize sacos plásticos de quatro

furos, em número suficiente para arquivar todas as Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento do curso.

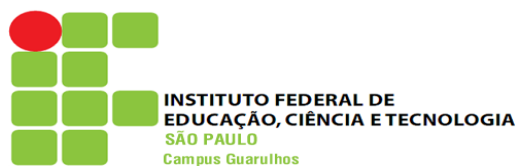
§ 2º A pasta deverá conter os seguintes documentos:

- I. Folha de rosto com as seguintes informações: nome completo do aluno, número de prontuário, o semestre que está cursando e a data de entrega da remessa de atividades (conforme Anexo 6).
- II. Ficha de Registro das atividades realizadas: de acordo com o modelo apresentado neste Regulamento (conforme Anexo 7). Podem ser utilizadas quantas fichas forem necessárias.
- III. Relatório ou resenha referente a cada atividade com o respectivo documento comprobatório, de acordo com o que está determinado na **Tabela 8**. Para fins de formatação, usar fonte arial ou times 12 e espaçamento entrelinhas 1,5.
- IV. O relatório ou resenha não poderá ser escrito à mão e deverá ser feito em formato padronizado, de acordo com o Anexo 8. Deverá, ainda, ser de autoria do(a) aluno(a), podendo ser anulados os textos copiados de quaisquer fontes, impressas ou virtuais, bem como de outros alunos, assim como podem ser anulados textos cujos padrões qualitativos sejam considerados insuficientes.

§ 3º Da segunda remessa em diante, devem ser entregues os mesmos documentos descritos no § 2º deste artigo, dispensando-se, no entanto, a entrega de nova pasta. Deve-se observar, contudo, a adequada e correta sequência dos documentos, que devem ser apresentados dentro de sacos plásticos de modo que todos fiquem visíveis quando acrescentados à pasta já entregue.

§ 4º O responsável pelo recebimento da documentação providenciará sua juntada às remessas anteriores, na pasta entregue pelo aluno na primeira remessa, que constituirá o portfólio de Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento do aluno.

**ANEXO 6. Folha de Rosto de Portfólio de Atividades Teórico-Práticas de
Aprofundamento**



**PORTFÓLIO
ATIVIDADES TEÓRICO-PRÁTICAS DE APROFUNDAMENTO**

NOME COMPLETO DO ALUNO

PRONTUÁRIO

LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

SEMESTRE DO CURSO

MÊS/ ANO DA ENTREGA DA REMESSA DE ATIVIDADES

ANEXO 7. Ficha de Registro das Atividades Realizadas



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Câmpus Guarulhos

Curso: LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

Documento: *Ficha de Registro de Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento*

Data de entrega pelo aluno(a): ____/____/____

Nome:		Semestre/Módulo em curso pelo aluno(s): _____	Data de Validação ____/____
E-mail:		RA (prontuário):	Telefone:
DATA	Atividade Realizada (especificar a atividade, conforme Anexo I)	Horas Atribuídas	Validação/Observação [Supervisor das ATPA]
Para uso da supervisão:	Total de Horas Realizadas no ____ semestre de _____		
	Horas validadas acumuladas no curso		

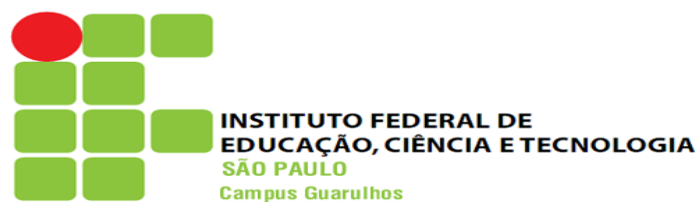
Identificação e assinatura do responsável

ANEXO 8. Relatório Final

RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADES TEÓRICO-PRÁTICAS DE APROFUNDAMENTO

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO-CÂMPUS GUARULHOS								
Aluno(a):					Prontuário:	Licenciatura em Matemática		
Grupos de atividades	Máximo de horas no curso	Sem/Ano	Sem/Ano	Sem/Ano	Sem/Ano	Sem/Ano	Sem/Ano	Total por tipo de atividade
AC 1	15							
AC2	15							
AC3	15							
AC4	15							
AC5	30							
AA1	60							
AA2	10							
AA3	30							
AA4	60							
AA5	60							
AA6	30							
AA7	30							
AA8	60							
AA9	60							
AA10	60							
ACi1	60							
ACi2	60							
ACi3	30							
FAE1	60							
FAE2	15							
FAE3	30							
FAE4	20							
Totais (parciais e final)								
Data:	Assinatura do aluno:		Assinatura do Prof. Supervisor:					

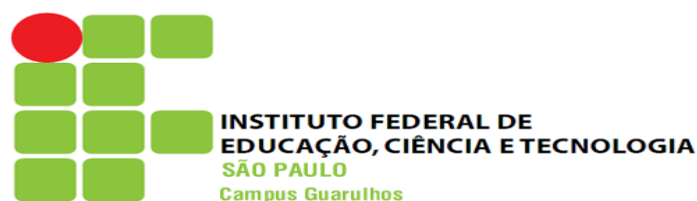
ANEXO 9. Comprovante de Visita a Instituição



Nome da Instituição	
Data	
Carimbo da instituição	
Assinatura do responsável pela Instituição	
Descrição da atividade	

Anexar fotografias que documentem a presença ou participação do aluno no local/evento visitado.

ANEXO 10. Resenha ou Relatório



Grupo da atividade: ☐ Cultural ☐ Acadêmica ☐ Científica ☐ Formação e atuação extracurricular	Comprovante:	Produção do aluno: ☐ Resenha ☐ Relatório
RESENHA Referências completas da obra/objeto cultural resenhado: conforme ABNT. Texto da resenha (autoria do aluno): resumo (ou descrição) com avaliação fundamentada. Assinatura do aluno.		
RELATÓRIO Introdução: apresentação da atividade e descrição do(s) objetivo(s). Desenvolvimento: detalhamento da atividade/evento (nome, data, local, duração, descrição de espaços, recursos, serviços, acervos, atividades realizadas ou acompanhadas etc.) Conclusão: considerações/ comentários sobre as contribuições e aprendizagens decorrentes da atividade. Referências bibliográficas: quando houver. Assinatura do aluno.		
Obs.: Anexar cópia do comprovante (certificado, declaração, atestado, ingresso etc.) após o texto da resenha ou relatório. Não apresentar comprovantes avulsos (“soltos”), rasurados ou ilegíveis.		

RESENHA ou RELATÓRIO